

**Universidade São Francisco**

**Programa de Mestrado em Educação**

**A Escola de Especialistas de Aeronáutica em Guaratinguetá: Uma  
Abordagem Histórica - 1950 a 1955**

**Maria Lúcia Motta Runha Sannini**

**Itatiba**

**2006**

**Universidade São Francisco**

**Programa de Mestrado em Educação**

**A Escola de Especialistas de Aeronáutica em Guaratinguetá: Uma  
Abordagem Histórica - 1950 a 1955**

**Maria Lúcia Motta Runha Sannini**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em Educação da Universidade São  
Francisco, como exigência parcial para a obtenção  
do título de Mestre em Educação.**

**Linha de pesquisa: História, Historiografia e  
Idéias Educacionais.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Gabriela Silva  
Martins da Cunha Marinho.**

**Itatiba**

**2006**

BANCA EXAMINADORA

.....

Prof. Dra. Maria Gabriela S. M. C. Marinho

Orientadora

.....

Prof. Dra. Marli Guimarães Hayashi

.....

Prof. Dra. Maria Ângela Borges Salvadori

## DEDICATÓRIA

A minha mãe, que muito cedo me ensinou os prazeres dos livros e que tão cedo se foi... se fez presente todos os dias de minha vida, na sabedoria do seu silêncio.

Ao meu pai, solidário aos meus anseios, amigo de todos os momentos, sábio nos conselhos, meu freio de mão, meu vô, peça fundamental no sucesso deste trabalho, com suas lembranças e documentos. Abriu seu coração, sua vida e sua caderneta de histórico militar, acreditando na importância da pesquisa e do resgate da história.

Ao meu marido, companheiro dedicado, vive comigo a essência de nossas almas. Nossos caminhos se entrelaçam porque juntos procuramos o respeito, o carinho, a paz, legado deixado por nossos pais.

A meus filhos, que me acarinham em momentos de aflição, força do meu caminho. Respeitaram minha ausência como mãe, sabiam como este projeto era importante para mim.

Vocês são a minha luz!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Gabriela, orientadora competente, criteriosa, e muito generosa em seus apontamentos, sem medo de me ensinar tudo que sabe, principalmente o caminho das pedras.

Às professoras da Banca: Maria Ângela e Marli, pelas informações preciosas e críticas construtivas.

À CAPES, pelo financiamento, que tanto me ajudou.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, da Universidade São Francisco, pelos conhecimentos transmitidos ao longo deste processo.

Aos meus irmãos porque sempre acreditaram na minha competência, estavam disponíveis quando precisei de colo, e o que é melhor, me acham o máximo. Obrigada!

A Simone, minha sogra, com quem compartilhei a realização deste sonho, me pegou pelas mãos e me fez filha. Me amou como mãe, e me fez sentir amparada.

À família Sannini pelo apoio incondicional e à família Motta, que fez da Internet uma rede de incentivos para mim, obrigada.

À EEAR, na pessoa do Exmo. Sr Comandante José Roberto Sheer, que abriu as portas da instituição, entendendo a importância da abordagem histórica.

Ao Capitão Molinari, que acreditou na seriedade deste trabalho, sempre atento aos meus pedidos de documentos, idas ao arquivo e biblioteca.

Ao tenente coronel Arany e Maria Line, obrigada pela visita em minha casa e café regado a lembranças de um passado que se faz distante, mas tão presente em nossas mentes.

Ao tenente João Antônio Dias, que me atendeu gentilmente em sua casa para uma conversa muito longa, sempre disponível para colaborar com este trabalho.

Aos ex- professores da E.E.AR., prontos a conversar comigo e me recebendo com carinho.

Aos ex- alunos da E.E.AR., sempre solícitos em me franquear documentos e relatar o cotidiano de suas vidas nesta instituição.

Ao Paulo Meireles e Francisco Fortes, historiadores incansáveis no comprometimento com a pesquisa histórica.

Aos mantenedores, coordenadores, professores e funcionários do Colégio Fênix, pelo apoio para o meu crescimento.

A Stella, companheira de uma vida toda. Diria mais, meio irmã, aquela que me entende no olhar, e que compartilhamos momentos sempre muito preciosos.

A Celina, amiga fiel, que soube respeitar com carinho meu silêncio e minha ausência em tempos de estudo.

Ao cunhado Chiquinho, jornalista, que tantas vezes me ajudou a caminhar, um agradecimento especial pelas leituras e sugestões tão pertinentes a este trabalho.

Ao Prof. Dr. Lino Rampazzo, da Universidade Salesiana de Lorena, responsável pelo meu primeiro contato com a Universidade São Francisco, incentivador caloroso, com quem colhi informações valiosas.

Ao José Armando Zollner Machado; você que me recebeu tão bem, que fiquei encantada! A sua colaboração nesta pesquisa foi muito importante.

A Cidinha Amaral, sempre me recebendo com carinho, palavras doces e livros. Muitos livros!

Às colegas e amigas, Maria Antonia e Nilza, pelas fraternas conversas noturnas em Itatiba ou Bragança Paulista, nos momentos de solidão longe da família.

Às colegas Gildete e Daniela pelo requinte na hospitalidade. Me senti acolhida em suas casas, longe da frieza dos hotéis.

A todos os colegas do Mestrado, que fizeram desta empreitada momentos de “trocas”, amizade e busca de outros horizontes.

Ao professor Lico, mestre vibrante no aperfeiçoamento do meu inglês, responsável pela minha aprovação no exame de proficiência.

A Vera, amiga nova do Mestrado, que me ajudou muito com sua maneira doce de falar, e de mostrar novos caminhos.

Me perdoe os bons amigos que deixaram recados carinhosos e malcriados na secretária eletrônica, reclamando a minha ausência. Senti-me tentada em retornar os telefonemas, e aos encontros, mas o tempo era implacável.

Agradeço a Deus que me deu saúde para chegar até aqui!

## Resumo

SANNINI, Maria Lúcia Motta Runha. Escola de Especialista de Aeronáutica em Guaratinguetá: Uma Abordagem Histórica. 1950 a 1955

A Escola de Especialistas de Aeronáutica, em Guaratinguetá, é uma instituição de ensino de especialistas militar, considerada a mais importante da América Latina. Nascida da fusão da Escola de Especialistas de Aeronáutica do Galeão, no Rio de Janeiro, com a Escola Técnica de Aviação de São Paulo. Veio para Guaratinguetá após embate político municipal, estadual e federal, uma vez que muitos estados interessavam-se por esta oferta da Aeronáutica. Ao contrário de outros municípios, a elite rural guaratinguetaense não apoiava a presença militar na cidade. A EEAR, assim chamada, posicionou-se como uma resposta moderna à velha doutrina elitista de então, baseada no tripé: autoridade, dominação e punição. Premida a ocupar o recinto da então Escola Agrícola “Paulo de Lima Corrêa”, em Guaratinguetá, escola esta mantida pelo governo do Estado de São Paulo, que mais parecia um “cabide de empregos”, com número elevado de funcionários para número pequeno de alunos. Após longa caminhada de discussões, finalmente foi aceito pelo Ministério da Aeronáutica que Guaratinguetá seria o lugar ideal para esta mudança. Com a aviação em expansão, bem como em relação a demanda continuada por novos processos operacionais requeridos na Segunda Guerra Mundial, arbitrou um rígido axioma: evoluir em todos os sentidos ou perder o “bonde histórico” do progresso? Frente a esta equação, foi dado o ponto de partida para a Aeronáutica: progresso tecnológico.

Nesta pesquisa, busca-se compreender alguns aspectos importantes da instituição: políticos, contratos norte-americanos, cotidiano dos alunos e estrutura educacional.

**PALAVRA-CHAVE:** Educação Militar, Ensino Técnico Aeronáutico, Educação Profissional, Cooperação Norte- Americana.

## **Abstract**

### **SANNINI, Maria Lúcia Motta Runha: Escola de Especialistas de Aeronáutica in Guaratinguetá: A historical approach. 1950 to 1955**

The Escola de Especialistas de Aeronáutica, located in Guaratinguetá, is considered the most important military institution in Latin America. It was developed from the merger of the Escola de Especialistas do Galeão, located in Rio de Janeiro, with the Escola Técnica de Aviação de São Paulo. Such institution was settled in Guaratinguetá only after a strong political struggle among the Federal, State and Municipal powers, since many others Brazilian States were interested in it. Although the great interest of many cities, the crème de la crème society of Guaratinguetá did not support such project and the idea of having a military force located in its city. The EEAR., as it is named today, settled as a modern approach for the old elitist doctrine of such period, based on the three aspects: authority, domination and punishment. The EEAR. was developed using the premises of the Agricultural School “Paulo de Lima Corrêa” in Guaratinguetá, that was subsidized by the Government of the State of São Paulo. Such agricultural school had an excessive number of employees if compared with the number of its students. After long meetings, this location was accepted by the Air Force Ministry as a place for its new institution. It is important to notice that period, just after the Second World War, was the time when the world was undergoing many changes and claiming for new approaches. And the possibility of missing of any of such changes could mean missing the train of progress. And based on such idea, the Air Force took the first step to reach its new technological development.

**KEY WORDS:** Military Education, Air Force Technical Education, Professional Education, American Cooperation.

## FIGURAS

Figura 1 Aluno Uniformizado.....	31
Figura 2 Figura da Coca-Cola.....	31
Figura 3 Foto do Prédio Principal.....	43
Figura 4 Foto Aérea.....	43
Figura 5 Foto do Prefeito Carvalho Netto.....	59
Figura 6 Diploma de formatura.....	76
Figura 7 Juramento.....	79
Figura 8 Madrinhas colocando as insignes.....	80
Figura 9 Familiares e convidados.....	81
Figura 10 Confraternização.....	82

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
Capítulo 1 - A Escola de Especialistas de Aeronáutica	
1.1 A Instituição Militar e a Instituição EEAR.....	22
1.2 Acordos Norte- americanos.....	29
1.3 A Escola Prática de Agricultura.....	41
1.4 A transferência da EEAR para Guaratinguetá: manobras, acordos e animosidade.....	45
Capítulo 2 - O Quartel	
2.1 A vida no quartel, adaptação, disciplina e internato.....	61
Capítulo 3 - O ensino	
3.1 Ensino, recrutamento e exame de seleção.....	103
3.2 Currículo, prática escolar, sistema de avaliação e estudo noturno obrigatório.....	106
3.3 Aula de Educação Física .....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
BIBLIOGRAFIA.....	122
ANEXOS .....	126

## INTRODUÇÃO

“o valor de uma instituição é refletido pela amplitude de suas realizações e pelo idealismo de seus integrantes. De tradição e de conquistas, de desafios e de lições, fazem-se as lembranças do passado e a ação presente”.  
(Transcrito da Ordem do Dia Ministerial alusiva ao Dia do Patrono da FAB, 1992)  
(CAVALCANTI, sem data, p:139)

### **1- Breve exposição sobre o percurso do projeto e definição do tema.**

A Escola de Especialistas<sup>1</sup> de Aeronáutica me é familiar em alguns aspectos: primeiro porque meu pai é oficial da Aeronáutica e serviu a esta instituição mais de vinte anos. Segundo porque morei nesta base militar durante muitos anos, o que motivou a escolha do tema para investigação e elaboração da dissertação de mestrado. Meu pai, militar, residente em São Paulo, capital, foi transferido para esta base militar, recém-inaugurada em novembro de 1949 nas dependências da Escola Prática de Agricultura Paulo Lima Corrêa, em Guaratinguetá, estabelecimento até então mantido pelo governo do Estado.

Nasci em 1954 e passei 20 anos de minha vida morando dentro da Escola de Especialistas de Aeronáutica, na vila dos oficiais, convivendo diariamente com militares. Confesso que jamais imaginei qualquer ligação futura com os militares, porém, quando me vi frente a um possível exame para mestrado, o interesse em avaliar academicamente uma experiência vivida trinta anos atrás me sensibilizou e comecei a trabalhar imediatamente neste projeto. Embora minha formação acadêmica seja em Educação Física, senti-me atraída a fazer um trabalho na área de História, consciente de que encontraria dificuldades ao longo da pesquisa.

Ao voltar-me para a Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR)<sup>2</sup>, na década de 50, procurei compreender a construção de sua identidade como instituição militar e educacional. Neste sentido, busquei analisar o funcionamento da instituição, valores, hábitos, interesses, atritos, rupturas, relações pessoais, divisões entre oficiais e alunos, militares e civis.

Tendo em vista estes interesses de pesquisa, ingressei na Universidade São Francisco e prossegui o trabalho sob a orientação da professora Maria Gabriela Silva Martins Cunha Marinho. Tenho procurado estabelecer o distanciamento entre a história pessoal e a produção acadêmica, e analisar as negociações e articulações que sustentaram a transferência da escola

---

<sup>1</sup> Especialista é quem tem habilidade prática para determinada tarefa ou, ainda, a pessoa que se dedica a um ramo da sua profissão. Na Aeronáutica, Especialista é o militar habilitado a realizar um desempenho específico, com eficiência. (Cavalcante,p.11)

<sup>2</sup> A sigla usada para Escola de Especialistas de Aeronáutica era EEAr. Não foi possível precisar quando mudou para EEAR.

para Guaratinguetá, assim como a organização do ensino e do cotidiano dos alunos no sistema de internato da instituição.

Espero desse modo contribuir para o debate em torno da história educacional, em especial o ensino militar, no período da transferência da Escola de Especialistas de Aeronáutica para Guaratinguetá.

## **2- A construção do objeto:**

A Escola de Especialistas de Aeronáutica é o maior estabelecimento do gênero na América do Sul, diretamente subordinada ao Departamento de Ensino da Aeronáutica. É uma organização com finalidade principal de formação e aperfeiçoamento de sargentos para desenvolver as atividades de apoio e infra-estrutura da Força Aérea. O corpo efetivo de alunos em 2005 foi de 1632 alunos, em regime de internato.

O recorte inicial do tema, 1950, está relacionado aos acordos que a EEAR. fez por ocasião de sua transferência para a cidade de Guaratinguetá, após a fusão da Escola Técnica de Aviação, E.T.Av., em São Paulo, com a Escola de Especialista de Aeronáutica, EEAR, no Rio de Janeiro. Depois de muitas discussões nas esferas estaduais e federal sobre o destino da escola, o prefeito de Guaratinguetá firmou acordo com a Aeronáutica para que a E.E.AR. pudesse se instalar definitivamente nesta cidade.

O recorte final, 1955, refere-se ao término da transferência das escolas para Guaratinguetá: todo o material bélico, contingente pessoal e todos os cursos. Alguns depoimentos e documentos indicam que neste período a sociedade guaratinguetaense, que não concordava com a transferência das escolas, já não mais hostilizava tanto os alunos, havendo assim um começo de aceitação. Este período para a Aeronáutica coincidiu também com uma conjuntura importante à aviação. Durante e após a Segunda Guerra Mundial, a tecnologia aeronáutica desenvolveu-se rapidamente com o apoio norte-americano em suas bases militares. Porém, com o fim da guerra, os Estados Unidos retiraram das bases militares brasileiras todo seu contingente bélico e militar, deixando as bases a mingua, sem apoio financeiro. A aviação brasileira, sem a cooperação americana, e sem pessoal treinado para acompanhar o progresso tecnológico mundial, viu-se incapacitada para continuar operando satisfatoriamente no campo aéreo. Para a Aeronáutica, operar somente em terra, devido à falta de recursos e técnicos em aviação avançada, seria o fim da Força Aérea Brasileira.

### **3- Espaço destinados ao acervo e documentação**

Para que se pudesse ter acesso a documentos relevantes para análise do tema, fez-se contato com a EEAR. A entrada para o conglomerado aeronáutico é rigorosamente controlada, com documentação do visitante e informações sobre o motivo da visita. Percebe-se que o conjunto é bem cuidado, tanto as plantas, gramados, quanto aos prédios e monumentos. A praça de esporte é enorme e bem cuidada. A velocidade máxima permitida em qualquer lugar é de 30km.

Para obter informações sobre a Escola de Especialistas de Aeronáutica, foram pesquisados em seu arquivo documentos tais como: *Relatórios Anuais*, encontrados somente os dos anos de 1952, 1954 e 1955; *Ordens do Dia*; *Projeto de Regulamento* para a Escola de Especialistas de Aeronáutica, planejamento da mudança do ensino para Guaratinguetá; ordens de deslocamento da divisão do material; cálculo aproximado para efetuar a mudança da EEAR da cidade de São Paulo para Guaratinguetá; boletins diários do Ministério da Aeronáutica de 1950 a 1955. Estes documentos estão guardados em pastas, relacionados por ano, o que de certa forma facilitou a busca do período entre 1950 a 1955. Os documentos que se referem a contratos norte-americanos estão em uma pasta intitulada “contratos americanos”. Segundo o funcionário do arquivo da EEAR, na mudança para Guaratinguetá, muita coisa se perdeu, e alguns papéis foram queimados. As condições de preservação da documentação são precárias, indicam que na própria mudança não houve cuidados especiais com o material, portanto, alguns documentos antigos estão rasgados, com traça e faltando seqüência.

O acesso a este material não está disponível ao público. Para visitar o acervo e utilizar a documentação nesta pesquisa, precisa-se de autorização do comando da escola.

As informações sobre a E.E.AR., pesquisadas no *relatório anual*, em parte viabilizaram a execução deste trabalho. Os relatórios foram escritos pelo Departamento de Ensino, constituído de Chefia, Divisão de Instrução Fundamental, Divisão de Instrução Especializada, Divisão de Instrução Militar e Divisão de Operações.

#### **3.1 Documentação:**

Nestes *Relatórios Anuais*, cada divisão especifica sua função, relata os principais acontecimentos e a movimentação anual da escola tais como: alunos matriculados, aprovados, reprovados em alguma matéria ou por incapacidade física, desligados, por insuficiência de comportamento. Os *Relatórios Anuais* também funcionavam como pedido de material para os anos seguintes, e apontamento das possíveis falhas do ano corrente.

A *Ordem do Dia* é o instrumento pelo qual o comandante destaca alguma determinação que extrapola a rotina da base. A *Ordem do Dia* pode ser em forma de discurso do comandante, uma vez que este não se reporta à tropa todos os dias. Nas solenidades, usualmente, há uma *Ordem do Dia* em que o comandante dirige a palavra a seus subordinados. Às vésperas das solenidades, seus subordinados ficam ansiosos para receber as palavras da *Ordem do Dia*, sejam de entusiasmo, mudanças, ou determinações. Identificou-se ao longo deste trabalho algumas *Ordens do Dia*, e todas eram de incentivo do comandante à tropa.

No Arquivo da EEAR (AEEAR) foi encontrado em uma pasta de contratos norte-americanos o **Termo de Ajuste**, celebrado em 29 de setembro de 1943, no gabinete do Ministro de Estado dos Negócios da Aeronáutica, representado pelo titular, J. P. Salgado Filho, entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e John Paul Riddle, cidadão norte-americano, para a organização e manutenção de uma Escola Técnica de Aviação, no Estado de São Paulo, nos moldes da **Embry Riddle School of Aviation**, escola de aviação civil existente em Miami, Flórida, Estados Unidos da América do Norte (EUA). Sobre este assunto a “Revista do Serviço Público”, em agosto de 1945, publicou: “29 de setembro de 1943 foi um dia de grande importância para o Brasil e todas as Américas: um contrato de transcendente significação foi assinado entre o Sr. Paul Riddle, como Representante Geral do Exército, Henry H. Arnould, General Comandante das Forças Aéreas dos Estados Unidos e o Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica no Brasil, para dar origem a Escola Técnica de Aviação de São Paulo” (Revista do Serviço Público, 1945, p.21). Percebe-se que a **Embry Riddle School of Aviation**, mesmo sendo uma escola civil, tinha como proprietário, Paul Riddle, era ligado ao exército americano, ou seja, ao governo americano, facilitando assim a vinda de aviões e material bélico para o Brasil.

Entre a documentação havia um texto do representante do Ministério da Aeronáutica junto à Escola Técnica de Aviação, endereçado ao Ministro da Aeronáutica e escrito em agosto de 1945, denominado **Exposição de Motivos**. Neste documento percebe-se que havia entre os militares brasileiros alguma insatisfação com a presença dos americanos no comando da Escola Técnica de Aviação.

Foi encontrado nesta mesma pasta o contrato de **instrutor norte-americano**, endereçado ao Presidente da República pelo Ministro da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Armando Trompowsky, assinado em 1950, esclarecendo que o contrato com Harry Nelson Gill, assinado em 1946, não fora renovado em 1949 e que alguns outros contratos de instrutores americanos também não deveriam ser renovados, devido às condições onerosas para a Aeronáutica. Contudo, percebe-se cautela na dispensa desses instrutores – os militares não se

julgavam preparados para tomar o departamento de ensino para si para que não fosse prejudicado o andamento da instrução na E.T.Av. Neste período, 1948, os americanos que comandavam todos os departamentos da escola não se encontravam mais no comando administrativo, apenas no ensino.

Com o término do contrato com Gill, assumiu em seu lugar o instrutor norte-americano Harvey Davies, assinando um contrato em 1950. Segundo o ministro da Aeronáutica, Harvey Davies foi escolhido para substituir Harry Nelson Gill por ser o “mais capaz de todos os técnicos americanos ora no Brasil, que aqui se encontra há mais de quatro anos, possui curso universitário, (...) e era, no tempo do Sr. Gill, o selecionador técnico do pessoal, cabendo-lhe portanto uma das mais importantes funções”.

Ainda no arquivo da EEAR (AEEAR) foram encontrados documentos como: projeto de regulamento para a Escola de Especialistas de Aeronáutica; o planejamento da mudança do ensino para Guaratinguetá; as ordens de deslocamento da divisão do material; o cálculo aproximado para efetuar a mudança da EEAR da cidade de São Paulo para Guaratinguetá, os boletins diários da EEAR de 1950 a 1955, fontes preciosas para obter informações sobre a transferência das escolas para Guaratinguetá e analisar o dia-a-dia da escola.

Além desta coleta de dados na escola, foi utilizado o Arquivo Histórico do Museu Frei Galvão de Guaratinguetá<sup>3</sup> (MFG).

Outras informações sobre a escola foram obtidas pelas entrevistas com ex-alunos e oficiais da Escola de Especialistas de Aeronáutica, realizadas ao longo dos anos de 2004 e 2005. Algumas entrevistas foram gravadas e outras escritas. Das entrevistas foram aproveitados apenas os pontos que se fizeram necessários ao entendimento da instituição. O coronel R/R Wilson Camerotte e o coronel R/R Noé Motta de Liz, ambos ex-alunos da EEAR, preferiram a entrevista escrita. As questões utilizadas nas entrevistas escritas estão no anexo 4 da pesquisa. O coronel Arany, além de responder as mesmas perguntas feitas por escrito aos alunos, concedeu uma entrevista oral e gravada. Foram entrevistados ainda oficiais e ex-alunos, tais como: tenente Q AV R/R (Reserva Remunerada) João Antônio Dias, para entrevista oral e gravada, em sua residência, tenente-coronel Oswaldo Runha R/R(Reserva Remunerada), para entrevista oral e gravada, em minha residência, e em alguns momentos por telefone, sanando dúvidas e respondendo questionamentos pertinentes à pesquisa. Com os

---

<sup>3</sup> No Museu Frei Galvão de Guaratinguetá, (MFG), encontra-se o arquivo pessoal de João Batista Rangel de Camargo, advogado, fazendeiro, presidente do Centro social, Suplente de Deputado Federal de São Paulo. Junto com a elite ruralista, foi um dos principais articuladores para a suspensão da vinda da Aeronáutica para Guaratinguetá.

outros ex-alunos citados, as informações foram obtidas por intermédio de um encontro de comemoração do 60º aniversário da EEAR.

O tenente coronel Arany Badini Tavares afirma que foi o responsável por arrolar os bens deixados pela Escola de Agricultura, assim que foi feito o acordo entre o prefeito de Guaratinguetá e o Ministério da Aeronáutica. Ele foi transferido para Guaratinguetá algum tempo depois, onde conviveu por muitos anos próximo aos alunos.

O tenente coronel Oswaldo Runha R/R foi da E.T.Av para Guaratinguetá com um pelotão de soldados para tomar posse das novas terras da Aeronáutica. Viveu na E.E.AR. por mais de vinte e cinco anos em contato direto com os alunos, como oficial da infantaria de guarda. Durante esse período em Guaratinguetá, foi transferido duas vezes para outras bases militares; Belém e Pirassununga, permanecendo somente um ano na primeira e um ano na segunda. Entrevistá-lo foi de suma relevância para ampliar o entendimento da história da E.E.AR, uma vez que ele foi o oficial militar responsável pela posse da escola, e talvez o que mais tempo tenha morado ou pertencido àquela unidade militar.

O tenente Dias foi aluno da Escola de Especialistas quando esta ainda era no Galeão. Depois foi transferido do sul do país para servir na E.E.AR Em Guaratinguetá, primeiro trabalhou como mecânico de voo. Como nesta época era difícil encontrar professor de Física, logo foi convidado pelo comandante para dar aulas de Física. Segundo Dias, após insistente convite do comando da E.E.AR., acabou cedendo. Entrevistá-lo foi muito rico e interessante pois Dias foi aluno, oficial e depois professor da E.E.AR. Suas lembranças eram sempre norteadas por detalhes importantes para o esclarecimento da trajetória da escola.

Os professores civis Diógenes e Carlos Augusto Amorim enriqueceram este trabalho com depoimentos sobre o ensino da E.E.AR. e o movimento formado na época pelas elites locais contra a transferência da escola para a cidade. Como civis, seus relatos diferem dos militares; embora não fossem contra a instalação da E.E.AR. em Guaratinguetá, compreendiam as angústias locais, com o “fantasma” da perda do poder para os militares.

Na Biblioteca da EEAR.(BEEAR) foram encontrados alguns livros militares, como o **“Soldado Profissional, um Estudo Social e Político”**, de Morris Janowitz, 1967, no qual o autor faz um estudo das academias das Forças Armadas Americanas na década de 40, 50. Janowitz faz uma detalhada descrição do funcionamento da instituição militar. Percebe-se que a todo momento fez-se necessário recorrer a ele. Neste mesmo período os norte-americanos estavam no comando da E.T.Av., por intermédio de Paul Ridle.

A metodologia de trabalho das academias americanas de aviação parece similar a da metodologia da EEAR. Percebe-se que Paul Ridle, ao assinar o Termo de Ajuste, estava se comprometendo a criar uma escola nos moldes americanos: “(...) compareceu a segunda parte, o senhor John Paul Riddle, cidadão norte americano e declarou que assina o presente Termo de Ajuste, e compromete-se a executar os serviços para manutenção de uma Escola Técnica de Aviação, no Estado de São Paulo, nos moldes da Embry Riddle School of Aviation, existente na cidade de Miami, Estado da Florida, Estados Unidos da América do Norte”. (Termo de Ajuste assinado entre governo brasileiro e governo americano Arquivo da EEAR, (AEEAR),1943).

No livro **Soldado Profissional, um Estudo Social e Político**, Janowitz faz uma tentativa de descrever a vida profissional, a organização administrativa e a liderança das forças armadas norte-americanas. Ao entrevistar os alunos percebe-se a semelhança em suas palavras ao livro de Janowitz, o que me fez acreditar na semelhança da E.T.Av. com a escola americana de Paul Ridle.

O livro **Trajatória Especialista** de Berilo de Lucena Cavalcanti, sem data, foi usado por ser uma fonte de consulta importante, pois mostra a visão da EEAR por um militar.

Os livros **História da Força Aérea Brasileira**, de Nelson Freire Lavenère-Wanderley, 1975, e **O Último Pioneiro do Ar – o vôo do Brigadeiro Doorgal**, de Lígia Maria Leite Pereira e Maria Auxiliadora de Freitas, 2002, ajudaram a fundamentar as entrevistas com os ex-alunos e oficiais.

O livro de Robert Darnton, **O Grande Massacre dos Gatos** mostra a preocupação do autor com grupos marginalizados. A dificuldade em compreender o quanto desejável foi para aqueles operários, o massacre dos gatos, ajuda a entender a distância que separa patrões e operários. Voltando às devidas proporções para a pesquisa, fica claro nos relatos dos alunos um distanciamento entre eles e os oficiais militares. Para os alunos, burlar o sistema é uma forma de tentar modificar as desigualdades, mesmo com a consciência de que esta desigualdade persiste no meio militar.

**O Grande Massacre dos Gatos**, remete a uma maneira de pensar interessante pois é preciso primeiro captar a “diferença”, se quiser entender a maneira de pensar das pessoas. Este livro explora “visões do mundo pouco usadas, passos surpreendente e incomum que nos cria a possibilidade de apreciar pontos relevantes”. Entender alguns pontos obscuros dos alunos e atitudes individuais ou grupais diferentes, para se extrair o significado de seu pensamento cultural, e “abrir caminho através de um universo mental estranho”.(Darnton, 1986, pp.XIII-XVIII).

O livro **Pessoas Extraordinárias Resistência, Rebelião e Jazz**, de Eric Hobsbawm, mostra a rebelião dos operários contra a substituição de mão-de-obra por máquinas. Para os estudiosos da época a causa era perdida: “o triunfo da mecanização era inevitável”(p.16). Este tipo de rebelião remete em alguns momentos as atitudes em que os alunos, mesmo sabendo da derrota em relação a seus atos, insistiam em se rebelar contra o sistema militar. Percebe-se a união dos alunos em ajudar uns aos outros, como forma de protesto à disciplina rígida. Com essa leitura, deste autor, buscou-se conversar com os ex-alunos sobre atitudes e comportamentos que eles consideravam positivas e os superiores não aceitavam, podendo assim, entender com mais clareza algumas atitudes comportamentais.

Os alunos em momentos de rebeldia, agiam de forma estranha, como querendo desagradar ao superior ou até mesmo todo um sistema militar. Em entrevistas com os alunos, percebe-se que eles gostavam de contar fatos diferentes e que fugiam da rotina militar, como se burlar uma regra imposta de cima para baixo fosse um bálsamo para o espírito, diferentemente dos movimentos dos trabalhadores, que lutavam pela sobrevivência financeira do trabalho. A luta dos alunos seria uma fuga da ausência de sua cultura mais primitiva, contra a solidão ou a busca de compreensão, talvez amizade, por parte dos militares superiores. Não houve nenhum relato dos alunos ou oficiais nesta pesquisa de que alguma atitude de protesto dos alunos chegasse a modificar o sistema, muito pelo contrário: o aluno descoberto era advertido severamente.

No entanto, não é difícil compreender atitudes de rebeldia do aluno, lembrando que para um jovem de mais ou menos dezessete anos, interno, longe do seu meio, afastado da sua cultura, e com muitas regras a cumprir, só lhes resta as indisciplinas veladas como forma de sustentação de seu mundo.

O livro **O Grande Massacre dos Gatos e Pessoas Extraordinárias-Resistência, Rebelião e Jazz** levaram a questionar as situações em que os alunos estiveram nos limites de seus atos, por não concordar com a vida militar. Momentos em que a vontade era realmente quebrar tudo, discutir o sistema militar, questionar o oficial superior com sua autoridade muitas vezes desmedidas. Para os alunos a aceitação era tão bem imposta de cima para baixo que eles não se viam fazendo alguma rebelião contra o sistema. Percebe-se que a rigidez no trato com os alunos reinava entre os militares, mas junto a rigidez, os momentos de afago estavam presentes para acalmar os ânimos, fator importante para uma boa inculcação das normas militar

O livro **A Industrialização Brasileira** de Sônia Mendonça, 1995, permitiu uma reflexão sobre o momento industrial por que passava o país nas décadas de 30 a 50. As

fábricas vindas de fora, as nacionais, a organização da classe operária, o nacionalismo e o desenvolvimentismo. A regulamentação das relações entre patrão e operário, fato repellido pela burguesia, a criação do Ministério do Trabalho, em 1930, os sindicatos que começaram a possuir vida própria por meio de uma nova legislação sindical, o “jogo” de empresários e Estado no período Vargas. A oscilação da indústria no período de 1945 a 1954, de um lado os partidários do liberalismo, e de outro, os industriais contra a abertura alfandegária.

O livro de Celso Castro, **In corpore sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil**, contribuiu para o estudo da Educação Física nos meios militares, em especial na EEAR. A ginástica na EEAR tomava grande parte do tempo dos alunos. Era importante transformar aquele corpo muitas vezes franzino em uma arma de guerra, pronta para defender e atacar o inimigo.

O livro **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**, de Carmem Lúcia Soares, foi muito importante na compreensão de uma Educação Física científica. Uma educação física voltada para um corpo vigoroso, ativo, autônomo e com uma imagem de seriedade moral, elegância, sobriedade e perfeito auto-domínio. Segundo Soares, o coronel espanhol Francisco Amorosos y Odeano, que fora deportado para a França, após seu apoio a Napoleão I na invasão espanhola, era um estudioso da ginástica e seu desejo era implantar na Europa, principalmente na França, uma ginástica séria, reprimida de espetáculos, como eram conhecidos os circenses, malabaristas, equilibristas, funâmbulos, palhaços, contorcionistas, dançarinos de rua e demais engajados neste tipo de ginástica, direcionada para o entretenimento do corpo. Amorosos queria relacionar a ginástica às ciências. Destacou-se pelo seu *caráter ordenativo, disciplinador e metódico*, (SOARES, 2002: p. 19). A ginástica, para Amorosos, além de promover a saúde, regenerar as raças, tinha a finalidade de desenvolver a vontade, coragem, força e energia de viver para servir a Pátria. A principal aceitação da ginástica proposta por Amorosos foi se definir, sobretudo, por moralizar os indivíduos e a sociedade.

Demeny, seguidor de Amorosos via com algumas restrições as bases científicas a que referia Amorosos. Para Demeny, a ginástica *ser a ciência fundamentada de nossos sentidos* ainda estava muito prematuro, seriam necessárias discussões a respeito deste tema. Demeny seguia os caminhos abertos por Amorosos no sentido de moralizar a educação física. Para isto seria preciso ligá-la à ciência e à medicina.

Na **Seção de Comunicação Social** da EEAR, conversei com a major Lídia Silva de Freitas que consentiu a leitura, no local, do livro Histórico da EEAR, período de 25/03/41 a 01/07/66, Volume I. No livro estão relatados os acontecimentos mais importantes do dia da

EEAR como: “Transferência de oficial, designação de comandante, formatura geral, passagem e assunção de comando, transferência para reserva, gestão financeira, elogios, prêmios, louvores”.

Além dos livros que auxiliaram a esclarecer os movimentos militares, outros documentos foram encontrados e cedidos a esta pesquisa por alguns ex-alunos (Marramed Said, Noé Motta de Liz, Wilson Camerotte) que me cederam revistas da época, convites de formatura e fotos, de seus arquivos pessoais.

Para esclarecer a política em Guaratinguetá na década de 50, foi entrevistado José Armando Zollner Machado, que foi vereador de 1953 a 1959, prefeito de Guaratinguetá de 1960 a 1963 e deputado estadual por São Paulo. Zollner foi correligionário de André Broca Filho e Adhemar de Barros do Partido Social Progressista (PSP).

Também foram entrevistados Francisco Sannini Filho, jornalista, e José Luís Sannini, atual proprietário da Rádio Clube de Guaratinguetá. Ambos são filhos do falecido fundador da Rádio Clube, Comendador Francisco Sannini, influente na política de 50 em Guaratinguetá. O Comendador era simpatizante e amigo de André Broca Filho, vetou na década de 50 os microfones da rádio para qualquer outro partido que não fosse o de Broca Filho, causando revolta nos políticos da oposição liderados por Carvalho Netto, do Partido Social Democrático. No entanto, esta revolta acabou sendo usada a favor da oposição, como “filhos dos sem microfones”, e foi um dos muitos motivos que fizeram o outro partido (PSD) alcançar a tão almejada vitória.

Dois historiadores foram importantes no desfecho deste trabalho: Paulo Meireles e Francisco Fortes. Estes historiadores buscaram sempre que possível em seus arquivos particulares, nomes de pessoas da época do início da EEAR em Guaratinguetá.

Também fundamentaram a pesquisa, autores como Michael Foucault, a partir de *Vigiar e Punir*, 1977, e Erving Goffman com *Manicômio, Prisões e Conventos*, 1961. Esses autores analisaram instituições, totais ou não, dando noções de como funciona desde o espaço físico à estrutura de pessoal, o mundo do internado: punição, disciplina, prisão. “Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; toda instituição tem tendência de “fechamento” (...) verificamos que algumas são mais “fechadas” do que outra” (GOFFMAN, 1961, p: 17).

A instituição EEAR se enquadra como exemplo de instituição fechada, a qual Goffman fala com propriedade. Teoricamente, entende-se que ambos autores são âncoras nesta pesquisa, contudo, considero que a soma de toda a documentação escrita e oral, e todos os outros autores colaboraram para a riqueza de informações e detalhes.

## 5- Estrutura

Este trabalho está estruturado basicamente no tripé dos conjuntos:

- a- A Escola Agrícola, união das duas escolas de Aeronáutica, transferência da EEAR para Guaratinguetá, instalação, política, acordos norte-americanos.
- b- Organização interna, cotidiano dos alunos, identidade militar.
- c- Estrutura educacional, currículo, horários.

O primeiro capítulo procura situar a constituição da Aeronáutica, qual o motivo de se fazer necessário uma Força Aérea e a constituição da Escola de Especialistas de Guaratinguetá. Em termos gerais aponta a transferência para Guaratinguetá e as implicações de sua mudança para a cidade. Que motivos levaram o prefeito de Guaratinguetá a oferecer a “Escola Prática de Agricultura Paulo de Lima Corrêa”, subsidiada pelo Governo do Estado de São Paulo, para a Aeronáutica?

Procurou-se analisar manobras e acordos políticos do período e os conflitos gerados com a mudança para Guaratinguetá, tais como animosidade, insatisfação, brigas com os militares e suas famílias.

O segundo capítulo, concentra-se no aluno militar, um jovem com idade mínima de 17 anos, separado bruscamente de seus familiares e de sua vida cultural e social. Foram estudados aspectos da quarentena, regulamentos, alojamento, refeitório, rotinas, formaturas, prisão, desligamento, doutrinação, disciplinas, enfim, os movimentos dentro de um quartel.

O terceiro e último capítulo, aborda-se a estrutura de ensino da E.E.AR: o exame de seleção, recrutamento, currículo, prática escolar, sistema de avaliação, aulas de Educação Física.

## CAPÍTULO 1 A Escola de Especialistas de Aeronáutica

### 1.1 A Instituição Militar Aeronáutica e a Instituição EEAR

A primeira Força Armada Brasileira foi a Marinha, tendo em vista a defesa da Costa Brasileira. A segunda, o Exército, que se profissionalizou realmente a partir do século XIX, com a Guerra do Paraguai. O Brasil precisava de um poder militar objetivo profissional, para defender suas terras.

A terceira Força Armada foi a Aeronáutica, quando os aviadores começaram a ficar visivelmente incomodados por serem subordinados às armas da Marinha e do Exército. Começaram então movimentos de militares aviadores em prol de uma aviação separada das outras armas. Depois de muitos argumentos, discursos e embates foi criado o Ministério da Aeronáutica. A Aeronáutica, das três armas era a mais elitista, talvez por ser a arma que mais usasse de tecnologia e desenvolvimento.

Diálogo entre a professora Oliva e seus alunos:

- Maria, a que se assemelha o corpo?  
É semelhante a uma planta, por que cresce.
- Mário, qual a sua opinião?  
Creio ser parecido com um automóvel, porque anda.
- E você, Jaime, que pensa?

*Penso que o corpo se assemelha a uma casa, porque edificamos.*  
(LENHARO, 1946, p.75). ( grifo nosso)

A instituição militar, seja Aeronáutica, Exército ou Marinha está voltada para uma doutrina baseada na autoridade, dominação e punição, aceitando qualquer pessoa da sociedade para seu quadro de soldado. As instituições militares começaram a se modificar a partir de mudanças tecnológicas e políticas, que exigiam soldados preparados e que não aceitavam mais com total facilidade o rigor da autoridade baseada na humilhação, dominação e punição. Com a vinda dos americanos para a E.T.Av., esta prática ficou mais acentuada, uma vez que na América a instituição militar contemporânea, por possuir inúmeros civis em suas instituições militares, repensava a maneira austera de tratar seu quadro de soldados.

De acordo com as informações de Janowitz, (...) a instituição militar contemporânea possui grande número de civis. A presença desses civis aumenta e dilui a comunidade militar. (...) a tradicional profissão militar baseia-se na solidariedade de uma fraternidade exclusivamente masculina. (...) no passado a comunidade militar baseava-se numa distinta consciência de classe, como a que havia entre o praça e o oficial dentro da hierarquia.

Até mesmo um ardente porta-voz, como o Coronel Richard E. Dupuy, descreve o Exército de

1904 como "Consciente de classe... desde o Chefe do Estado-Maior ao cabo mais humilde que até mesmo marcava com o punho o rosto de um recruta preguiçoso, e desde a "Sra. General", à "mulher do cabo". Tais relações sociais foram válidas enquanto a organização militar envolveu a disciplina baseada na dominação. (JANOWITZ, 1967:p. 178).

Mesmo com esta exigência de mudança, em entrevistas com os alunos e oficiais da EEAR, observa-se que ainda continua um quadro de austeridade militar. A imagem do soldado permanece a mesma do passado. Embora a tentativa militar seja de mudar esta imagem, percebe-se que algumas concepções obscuras da instituição permanecem aos olhos dos civis.

No livro **Sacralização da Política**, se *considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que do que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito* (LENHARO, 1946, p.75).

As modificações observadas pelo militarismo vão além do corpo. É necessário trazer o aluno para o mundo militar de corpo e espírito, para que ele possa viver e morrer pela pátria, como por exemplo, se for convocado em caso de guerra, não saberá se vai voltar.

Com a criação do Correio Aéreo Nacional, em 12 de junho de 1931, foram necessários novos pilotos, pois a Aeronáutica não comportava a demanda de especialistas em todas as operações do Correio Aéreo Nacional.

Os aviões mais modernos vindos dos Estados Unidos para o Brasil, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, também necessitavam de mais especialistas, e tendo o Brasil entrado na Segunda Guerra Mundial em favor dos aliados e criado novas bases aéreas para defender a costa brasileira, formar mais especialistas para os aviões seria imprescindível: (...) tendo o Brasil declarado guerra à Alemanha, foi redobrada a atenção especial que era dada ao treinamento de pilotos já formados e aqueles em formação. A criação de várias unidades aéreas também vinha exigindo um efetivo maior de oficiais pilotos e naturalmente de pessoal de manutenção, além dos equipamentos aéreos. O ministério então convocou pilotos civis, criou algumas unidades de formação de pilotos da reserva e iniciou gestões junto aos americanos para formação de pilotos nos Estados Unidos, o que conseguiu posteriormente. (Revista Aeronáutica, número 245: p. 26 ).

Com a demanda de pilotos e especialistas, estes começaram a discutir sobre a criação de um Ministério da Aeronáutica, pois se fazia necessário uma reconstrução da estrutura aeronáutica.

Depois de muitos movimentos, reuniões, e discussões militares, criou-se o Ministério da Aeronáutica, em 20 de janeiro de 1941.

Segundo o Brigadeiro Doorgal, em seu livro **O Último Pioneiro do Ar**,

chegou um momento em que nós já estávamos prevendo a separação da Aviação do Exército para construir a Força Aérea Brasileira. Naquela época a Aeronáutica pertencia ao Exército ou a Marinha. A aviação militar foi criada na escola de Guerra, na escola de Realengo. Tanto que os Generais do Exército que comandavam a aviação militar. (...) mas não tinham experiência de vôo, porque eles não eram aviadores, nunca tinham tido contato com aquilo. De modo que passou a prevalecer a nossa opinião, e assim foi até o momento em que vimos que era preciso construir a Força Aérea, e constituímos a nova Força. (PEREIRA,2002, p.74 ).

Pereira, (2002,p:74) relata que, em fevereiro de 1935, o Capitão Antônio Alves Cabral, que fez estágio de aperfeiçoamento na Real Força Aérea Italiana, realizou uma conferência no Clube Militar em que defendia a criação do Ministério do Ar. Ouvido por várias autoridades militares, suas palavras foram bem aceitas e a partir de então surgiram outros movimentos em prol da criação do Ministério da Aeronáutica. Aviadores debatiam e distribuíam circulares com aspectos de como seria o novo ministério. Destacaram-se na campanha os artigos do tenente coronel Lysias Augusto Rodrigues, publicados no *O Jornal do Rio de Janeiro*, favoráveis à idéia. Com a derrota da Polônia, em 1939, e da França em 1940, na Segunda Guerra Mundial, ficou mais evidente a importância do poderio aéreo para a segurança nacional.

Percebe-se que a criação de um novo Ministério para as Forças Armadas era questão de tempo, pois se tornava cada vez mais insustentável a concepção de um oficial aviador ser comandado por alguém que não entendia as necessidade de um avião e seu piloto.

A questão já se fazia insustentável para os aviadores que se sentiam insatisfeitos, subordinados a oficiais da Marinha ou Exército, quando Getúlio Vargas estabeleceu o Ministério da Aeronáutica<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Pelo Decreto- Lei nº 2.961, de 20 de janeiro de 1941. O primeiro Ministro da Aeronáutica foi Joaquim Salgado Filho. Em 22 de maio de 1941, Getúlio Vargas assinou o Decreto- Lei nº 3.302, criando a nova denominação, Força Aérea Brasileira.

A Força Aérea Brasileira (FAB), foi criada unindo a Aviação Naval com a Aviação do Exército. Os militares do Exército e da Marinha passaram automaticamente a compor a FAB. *Isso foi durante o governo de Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial. (...) Nós tínhamos dois homens que ajudaram muito a Força Aérea: o Getúlio Vargas e o Primeiro- Ministro da Aeronáutica, o Salgado Filho.*(PEREIRA, 2002,p:75)

Pelas leituras de livros, revistas e entrevistas, está claro que a pressão criada pelos aviadores insatisfeitos, dispostos a manifestar seus sentimentos em reuniões no Clube da Aeronáutica no Rio de Janeiro, a situação estava se tornando insustentável.

Para o tenente João Antônio Dias, houve a necessidade de unir a Escola de Aviação Naval e a Escola de Aviação do Exército, para criar uma aviação própria, para o Brasil não depender da Marinha e nem do Exército, que possuíam sua própria aviação, com gastos elevados para o país.

A tecnologia da aviação em expansão e o caráter técnico da guerra moderna exigiam soldados altamente qualificados e motivados. Esses pilotos não poderiam mais ficar sozinhos dentro do avião, obrigando assim seus comandantes a pensarem menos na rigidez da disciplina e da moral e mais na manutenção de elevados níveis de iniciativas. A Aeronáutica precisava de um conjunto de tripulantes, como: co-piloto, mecânico de vôo, rádio-telegrafista, artilheiro, fotógrafo. As atividades da EEAR, destinadas a ensinar especialistas da Aeronáutica, iniciaram-se em 14 de abril de 1941 na Ponta do Galeão, Rio de Janeiro, transferindo-se para Guaratinguetá em 1949<sup>5</sup>.

Em Guaratinguetá, segundo Cavalcanti (p.138) "a formação de sargentos, de dezembro de 51 a dezembro de 92 nos remete a um total de 30.495 formados, com uma média anual de 726". Hoje, a EEAR conta com um corpo de alunos de 1.275 alunos, e um efetivo de 2.700 pessoas. As formaturas acontecem nos meses de julho e dezembro. Estes sargentos são transferidos logo após a formatura para qualquer unidade militar localizada em todo o Brasil. A EEAR é diretamente subordinada ao Diretor- Geral do Departamento de Ensino da Aeronáutica tem como atribuições o planejamento e a execução dos cursos ministrados, como o de formação e o de aperfeiçoamento de sargentos.

Sua estrutura é constituída de Comando, Divisão de Ensino, Divisão de Apoio e Corpo dos Alunos.

---

<sup>5</sup> A Revista do Serviço Público, 1954, p:5 publica: cumpre esclarecer que o objetivo primordial da Escola Técnica de Aviação consiste em formar especialistas e não pilotos. (...) os especialistas, ao receberem os seus diplomas, são simultaneamente promovidos a terceiros sargentos da Reserva da Aeronáutica.

Única no Brasil, maior da América Latina, goza de alta reputação entre os órgãos militares e governamentais.

Para o tenente coronel Arany Badini Tavares: “A EEAR representou na década de 50 em Guaratinguetá algo de novo, oferecendo uma profissão estável, oportuna principalmente para aqueles que não possuíam alternativas promissoras de trabalho”(Entrevista tenente coronel Badini Tavares).

A primeira *ordem do dia* da Escola de Especialistas de Aeronáutica foi em 14 de abril de 1941, na ponta do Galeão, Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Esta *ordem do dia* era uma forma de incentivo e uma mostra da importância desta escola no contexto aeronáutico.

Ordem do dia n.º 1

Para conhecimento desta Escola sob meu comando e devida execução, faço públicas as seguintes determinação e ocorrência:

1 POSSE DO COMANDO

“Nomeado, por Decreto de 20 de março último, assumo hoje o Comando desta Escola, iniciando assim o desempenho da tarefa a mim atribuída, para cumprimento da delicada missão que nos foi designada, a qual assim se pode expressar – Instruir e preparar tecnicamente o pessoal subalterno das Forças Aéreas Nacionais para torná-lo apto a manter e bem conservar os elementos materiais indispensáveis à eficiência da Aeronáutica Nacional. Desnecessário se torna, tão evidente já é, fazer ressaltar os inestimáveis benefícios que resultarão do perfeito cumprimento daquela missão decorrente da necessidade cada vez maior de pessoal especializado, que o constante progresso da Aviação exige. Para alcançar o objetivo visado, com a presteza que se faz mister, deveremos, como foi determinado pelo Decreto – Lei 3.141, de 25 do mês findo, que criou a Escola de Especialista de Aeronáutica, utilizar o material e o pessoal que neste local integravam a ex. – Escola de Aviação Naval. Grandes serão os obstáculos e as dificuldades, tanto de ordem material quanto de pessoal, que haveremos de enfrentar no desempenho da referida tarefa.

A adaptação tão rápida quanto é necessário dos elementos materiais aqui existentes à sua nova finalidade, completada com o auxílio que, estou certo, faremos por merecer das autoridades superiores, será uma das primeiras providências de que nos desobrigaremos. Alcançadas a seguir, as designações dos Srs. Instrutores e dos Srs. Oficiais e demais pessoal, imprescindíveis ao bom funcionamento dos diferentes setores administrativos, estaremos prontos para prosseguir em busca do objetivo que nos foi designado. Convencido de que, todos aqueles que aqui servirem, norteados sempre pelo desejo de uma Aviação cada vez mais eficiente e útil, nunca hesitarão diante de qualquer dificuldade, acredito assim que o conjunto de nossos esforços será coroado, para maior benefício de nosso caro Brasil, do completo êxito que é de desejar. Fazendo lembrar que, quanto mais árduo o dever, maior é a satisfação de o termos cumprido, recomendo a cada um dos que, nos setores de suas atribuições, deva concorrer para o cumprimento de nossa missão, empregar a sua mais leal dedicação e melhor esforço no trabalho que lhe for distribuído, concorrendo, assim, para perfeito e útil funcionamento desta Escola tão necessária à Aviação forte e proveitosa que todos tanto almejamos.” (CAVALCANTI, p:21)

Nesta *ordem do dia* observa-se a disciplina começando a fazer parte da vida do aluno, com um discurso vindo de cima para baixo, mostrando a importância da perfeição, determinação e esforço pessoal. Neste discurso, o comandante afirma: (...) *nunca hesitarão diante de qualquer dificuldade*. Para que isto aconteça é preciso fortalecimento do físico, para que, com

a disciplina dos músculos, se aperfeiçoará a disciplina da vontade (LENHARO, 1946, op cit, p:78). Disciplinando a vontade, têm-se homens *equilibrados e auto-suficientes*, o que seria a nova educação física em vigor.

Para o 1º tenente João Antônio Dias, formado na Escola de Especialista de Aeronáutica em 1944, como mecânico de avião, “a escola era muito boa , mas não dava ao aluno formado o direito de entrar em curso superior”. Justificando este parecer, o tenente Dias<sup>6</sup> julgava correta a posição da Aeronáutica em não pressionar o Ministério da Educação e Cultura (MEC) para convalidar o curso e permitir que o aluno fosse para a faculdade, abandonando a Aeronáutica, uma vez que o curso militar era pago pelo governo e o Brasil contava com universitários e pouca mão-de-obra técnica, em um momento de enorme explosão industrial, em que era preciso técnicos nas indústrias. *A indústria assumiria o papel de personagem central da recuperação e expansão da economia brasileira.* (MENDONÇA,1995,p:40).

Segundo Mendonça, o clima de “festa” gerado no pós-guerra em todo o mundo contagiou o Brasil, invadido pela onda de neoliberalismo: sem barreiras alfandegárias aos produtos estrangeiros, nada de controle econômicos excessivos e, para os mais radicais, nada de intervenção estatal, que até o momento garantiam a industrialização.

Com a indústria crescendo, era necessária uma boa dose de negociações políticas e pessoal capacitado (1995, p: 51). A Aeronáutica formava este pessoal técnico, assim, seria injusto, depois de gastos do governo com os alunos, que eles saíssem para trabalhar em indústrias particulares.

Neste período, a estratégia da *militarização psicológica* de Vargas confundia o trabalhador com soldados da Pátria. *Esta estratégia em converter toda uma classe de trabalhador em soldado, ganhava especial significado político se a reportarmos ao contexto das determinações sobre a produção em regime de economia de guerra, que acarretava graves danos aos trabalhadores.*(LENHARO, 1946, p:86). A condição de soldado se sobrepunha à de trabalhador. Para Lenharo, “este era um discurso abusivo de usurpação de tomada de lugar que não lhe pertencia”.

---

<sup>6</sup> “que prestou serviço de guerra durante o último conflito mundial, participando efetivamente de operações bélicas, cumprindo missões de patrulhamento do litoral brasileiro(...)”. ( 2º via- certidão nº 087/2002/dirap)”. Em 9/10/1975 Dias prestou exame de Complementação em História, no Ginásio Industrial Estadual de Guaratinguetá, de conformidade com decreto 53.736, de 18/3/1964, dando-lhe o direito de entrar em um curso superior .

Mendonça Junior associa a carga negativa ligada ao trabalho ao pecado original. *Labor significava originalmente fadiga, tormento esforço: trapanum, suplício*(JUNIOR apud LENHARO, 1946, p:87).

Para Doumer, encontrar o prazer no trabalho não poderia ser tão fácil. O trabalho deveria ser constante, para transformar a cotidiano e obter satisfação e prazer espontâneos. “*Além do que, o trabalho torna a vida fácil, acalma as mágoas, ajuda a suportar os males inevitáveis*” ( DOUMER apud LENHARO, 1946, p: 88).

Após longo embate político sobre o destino da EEAR e da ETAv., ficou estabelecida a fusão destas escolas, gerando a EEAR em Guaratinguetá, 1949.

Pelos discursos proferidos por oficiais superiores na EEAR, pôde-se entender o prestígio que esta escola exercia na Aeronáutica, e a importância de inculcar no aluno militar este fato.

O tenente brigadeiro-do-ar Ulysses Pinto Corrêa Netto, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, escreveu no prefácio do livro de Cavalcante, **Trajectoria Especialista**: “A EEAR vem formando profissionais em diferentes especialidades. O valioso labor desses especialistas, que impulsionam as diversas atividades do Ministério da Aeronáutica, expressa a importância conquistada por essa instituição militar”.

Em seu discurso de despedida da EEAR, em 20 abril 1971, por motivo de sua promoção ao posto de major brigadeiro do Ar, o então brigadeiro-do-ar Faber Cintra disse: “ (...) o Exmo. Sr Ministro da Aeronáutica Eduardo Gomes confiou-me o comando deste Estabelecimento de Ensino, “tenho especial predileção pela Escola de Especialista, porque vejo em cada aluno dela um jovem com decidida vontade de servir a FAB, tal o esforço despendido para nela ingressar. É meu desejo que a escola se prepare para receber condignamente o aumento de efetivo do CA para 2000 alunos.” (CAVALCANTI, p:97). Este discurso, vindo do comandante fazia com que o aluno se sentisse prestigiado e seguro de sua escolha profissional.

Segundo Runha, a EEAR aos poucos passou a se estruturar e sua imagem foi trabalhada para alcançar o apreço da elite local<sup>7</sup>.

Percebe-se que tanto no Brasil como nas academias americanas a população continuava arredia aos militares.

---

<sup>7</sup> “ Não foi nada fácil, a situação era temerosa. Os civis não queriam saber de soldado de forma nenhuma”. (Entrevista coronel Runha)

Para Janowitz (1967,p:12) “a imagem civil do soldado profissional permanece firmemente arraigada no passado. Seu modo de vida, suas tarefas cotidianas e suas aspirações mudam com a transformação da tecnologia da guerra. No entanto, as concepções anacrônicas e obscuras sobre a instituição militar persistem porque a sociedade civil, inclusive o público alerta politizado, prefere permanecer desinformado. Os oficiais militares, principalmente aqueles que ocupam postos nos escalões mais altos, são vistos apenas vagamente como pessoas, formuladores de decisões e criaturas políticas”.

Compreender as relações, as mudanças que foram ocorrendo com a moderna tecnologia e a própria guerra, o aprendizado de pessoal com o passar dos anos, é imprescindível para analisar o perfil dessa instituição. Conhecendo a vida do aluno, jovem mais conhecido como militar do que como estudante, pode-se propor um entendimento da estrutura, ensino, regulamento e disciplina.

## 1.2 Acordos norte- americanos

A E.T.Av funcionava nos moldes norte-americanos, como detalha-se mais adiante. Como a Força Aérea Brasileira (FAB) recebeu aviões norte-americanos para defender a costa brasileira, em bases militares, criadas em comum acordo com os norte-americanos, na Segunda Guerra Mundial tornou-se imperiosa e urgente a formação de novos pilotos e pessoal de manutenção. As bases foram montadas, como exemplo a de Natal, com rapidez, para evitar ataques inimigos aos navios mercantes que navegavam na costa brasileira. Contudo, este esforço não foi suficiente, pois os aviões contavam com número pequeno de especialistas para dar continuidade ao trabalho iniciado. Como resolução inicial, alguns militares foram mandados aos Estados Unidos para adquirirem conhecimento, mas esta medida tornou-se onerosa.

Segundo Cavalcanti, o ministro da Aeronáutica, em visita aos Estados Unidos, conheceu o sistema de treinamento de especialistas da Embry Riddle School of Aviation e entrou em contato com John Paul Riddle, proprietário da maior rede *particular (grifo nosso)* de ensino técnico-profissional aeronáutico norte-americana (CAVALCANTI, p.43).

Para Paulo Kasseb, pesquisador da história da aviação brasileira<sup>8</sup>, por um **Termo de Ajuste** entre o governo brasileiro e a *escola particular Embry Riddle School of Aviation*, que nos Estados Unidos formava especialistas para aviação militar daquele país e de outros

---

<sup>8</sup> Responsável pela apresentação no Memorial do Imigrante, realizada em 13/10/2004 a 21/11/2004, à Rua Visconde de Parnaíba, nº 1316, Mooca, S.P., Retrospectiva Histórico –Fotográfica da Escola Técnica Aviação.

*países interessados* (grifo nosso), optou-se então pela criação de uma instituição de alto nível no Brasil, nos mesmos moldes da americana.

A estrutura da escola *particular* americana foi apresentada pelo proprietário John Paul Riddle, e em 10 de novembro de 1943 criou-se por Decreto Lei nº 5.983, a Escola Técnica de Aviação, E.T.Av.

Para a criação desta escola americana foram feitos vários contratos com os norte-americanos. Estes contratos, além de mostrarem a fragilidade da aeronáutica brasileira, obrigada a aceitar todas as imposições americanas, dão evidência de que Paul Riddle levou vantagens em seus negócios. Contudo, num prazo de dez anos, a Aeronáutica tomou conta da tecnologia americana e posicionou-se, despedindo os norte-americanos.

Para o tenente-coronel Arany a presença dos norte-americanos no Brasil era tão forte, tão marcante, não só na escola, mas para os civis residentes na redondeza da escola, que logo na chegada dos alunos da ETAv, a população começou a chamá-los de Coca-Cola.

### **O apelido “Coca-Cola”**

O aluno era conhecido pelos civis da cidade pelo apelido de “Coca-Cola”. A origem dessa alcunha é quase impossível precisar, pois os depoimentos foram muito diferentes um do outro. Em entrevista, o tenente-coronel Arany disse: “A estrutura da Aeronáutica no Brasil (Rio de Janeiro-São Paulo) era americana. Como nessa época o refrigerante já era uma referência daquele país, veio o apelido meio depreciativo, meio gozador, meio invejoso”.

Paulo Kasseb, historiador, e o tenente coronel Arany Tavares disseram que a origem do apelido “Coca-Cola” se deu em São Paulo com os alunos da E.T.Av, uma vez que a influência americana era forte nesta escola.

A empresa Coca-Cola acabava de se instalar no Rio de Janeiro com muito sucesso e com uma propaganda forte em torno de seu nome: Coca-Cola<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente da Coca-Cola, Rober Woodruff, prometeu levar a bebida a qualquer canto do mundo onde houvesse um norte-americano lutando. Foi assim que a Coca-Cola chegou a Natal que, pela posição geográfica estratégica, sediou uma base aliada e a Recife, onde aportavam os navios. Em 18 de abril de 1942, entrou em operação a primeira fábrica de Coca-Cola, no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão. No ano seguinte, foi inaugurada a segunda fábrica, em São Paulo e, em 1945, mais uma, de novo no Rio de Janeiro. (...) A propaganda da Coca-Cola teve importante papel na história da propaganda brasileira e mundial. Ao longo do século, os anúncios de Coca-Cola refletem a evolução do modo de vida, de vestir, dos estilos artísticos e dos meios de comunicação. Vê-se, nos primeiros cartazes, as damas de chapéus e vestidos longos e, nos dos anos 20, as coquetes de cabelos curtos e colares longos até surgirem, nos anos 30 e 40, as mulheres que trabalham fora e as estrelas de Hollywood. Depois veio a era do rádio e, com ela, a chegada da Coca-Cola ao Brasil. A Coca-Cola assinalou grandes marcos na propaganda brasileira, como o lançamento dos jingles até o início dos anos 50, os spots de rádio eram apenas falados – e dos outdoors. Em 1948, estreou, na Rádio Nacional, o programa Um Milhão de Melodias, histórico na música brasileira, patrocinado por Coca-Cola. Em seguida, veio a participação na abertura da televisão brasileira, com comerciais na forma de desenhos

Como se percebe, a Coca-Cola entrou com força máxima em propaganda e consumi-la era de grande status. O americanismo começou a invadir todos os espaços do Brasil, daí o nome Coca-Cola para os alunos da E.T.Av, que mais tarde vieram para Guaratinguetá.

Segundo o tenente-coronel Arany Tavares: “tomar coca-cola era como um adolescente mascar chicletes. Não podia faltar.”

Outra hipótese indicada pejorativa seria: uma vez que os civis não gostavam dos militares, associavam seus uniformes azuis e quepes brancos a uma garrafa de Coca-Cola, cujo líquido era escuro e a tampinha branca.



Figura 1



Figura 2

Com a mudança de direção da E.T.Av., em 1949, o tenente-coronel aviador João Mendes da Silva foi dispensado de suas funções, e para comandante foi nomeado o coronel aviador Bento Ribeiro Carneiro Monteiro.

Na passagem de comando, o coronel João Mendes da Silva em seu discurso de despedida declarou:

---

animados. Desde então, até a computação gráfica dos filmes dos anos 90, as campanhas de Coca-Cola sempre mostraram os hábitos e preferências do país em cada época. (Informativo Coca-Cola, SAC - sistema de atendimento ao consumidor)

Deixo a E.T.Av. após dois anos e dois meses de comandante interino e agente diretor, além de três anos durante os quais eu fui encarregado do endoutrinamento dos alunos, chefe da administração militar e representante do Ministério da Aeronáutica junto ao Sr John Paul Ridler. A E.T.Av. é um estabelecimento onde a vida tem velocidade excepcional em face mesmo de suas próprias necessidades. Assim o tem sido desde o 22 de novembro de 1943, quando dei a primeira aula; a partir desse momento acelerou-se vertiginosamente o ritmo da vida, pois chegou a ter 2300 alunos, 2100 funcionários e 321 instrutores. À medida que o tempo passava novos instrutores iam chegando dos Estados Unidos.

(...) À proporção que a E.T.Av. se desenvolvia apareciam inúmeros problemas devido

- 1- ao seu funcionamento peculiar, diferente de suas congêneres da FAB.
- 2- à liberdade de ação que tinha o Sr Ridler de acordo com o Termo de Ajuste, documento muito comentado mas que fora imposto pelas circunstâncias ao Ministro Salgado, como disse certa vez o Ex Sr Ministro Trompowsky a respeito do mesmo: “O contrato era oneroso para os cofres públicos mas muito mais oneroso seria a liquidação de nossa Marinha Mercante ou os prejuízos morais conseqüentes à inatividade de nossa Força Aérea e com os quais jamais se conformariam os nossos aviadores”, eu próprio combati o Termo de Ajuste, mas fi-lo com pleno conhecimento junto ao Sr Ridler; fi-lo com a pouquíssima disponibilidade de que dispunha, dentro das cláusulas por entender que assim me comandava (CAVALCANTI, sem data, p: 61

Observa-se neste discurso a situação delicada entre Paul Riddle e a Aeronáutica. Os militares brasileiros sentiam-se constrangidos por serem subordinados totalmente aos norte-americanos e pretendiam o mais rápido possível dispensar esta ajuda, mas antes deveriam aprender todo o mecanismo aeronáutico passado pelos norte-americanos. O coronel João Mendes da Silva delineou um projeto através do qual seria possível obter e usufruir o máximo de rendimento do trabalho do Sr Riddle e seus auxiliares, sem quebra do dispositivo do **Termo de Ajuste**, e preparar a escola para trabalhar com a mínima cooperação norte-americana, até o final do **Termo de Ajuste**. Em março do 1946, segundo Cavalcanti (p:61), foi denunciado pelo Ex Sr Ministro Trompowsky o **Termo de Ajuste** e celebrado um contrato com Harry Nelson Gill, que tinha sob sua responsabilidade somente a instrução técnica da E.T.Av., ficando todas as outras funções sob a responsabilidade do Comandante da EEAR. Este novo contrato, segundo coronel João Mendes da Silva, ficou 40% mais barato para a Aeronáutica. “Economia esta que acentuaria cada vez que fôssemos substituindo os 321 instrutores americanos, deixados pelo Sr Ridler” (CAVALCANTI, p:62).

A partir deste novo contrato com Gill, as expectativas eram de preparar uma fase mista de transição, para tornar a E.T.Av. integralmente brasileira, a partir de 31 de dezembro de 1949, data da expiração do contrato. Porém, ainda não foi possível tornar a EEAR totalmente brasileira neste período, pois a necessidade de manter alguns americanos era imprescindível.

Com o término do contrato com Gill, o responsável pela parte americana no Brasil passou a ser Harvey Davies, com um outro contrato.

A participação do pessoal norte-americano na instrução prolongou-se por mais um ano.

Com o término do contrato com os norte-americanos, a direção técnica da E.T.Av. passou a ser exercida por oficiais da FAB.

Para que a E.T.Av. pudesse funcionar foram feitos alguns acordos com os norte-americanos, entre os quais o *Termo de Ajuste* entre Paul Riddle e o Ministério da Aeronáutica, para que os instrutores norte-americanos viessem lecionar na E.T.Av. “Este termo foi repelido por alguns militares por ser muito oneroso aos cofres públicos. Entre eles se destacou o tenente coronel aviador João Mendes da Silva”. (CAVALCANTI, p:61).

Percebe-se uma enorme preocupação dos militares com a situação financeira da E.T.Av.. Para os militares, a intervenção norte-americana na Aeronáutica era muito constrangedora e onerosa para os cofres do governo, contudo, pouco podia se fazer com esta situação.

### **Termo de Ajuste**

O **Termo de Ajuste** celebrado entre o governo brasileiro e Paul Riddle, em 29 de setembro de 1943, pareceu aos militares brasileiros a melhor saída para que a Aeronáutica não se perdesse na evolução tecnológica, que já se fazia difícil acompanhar, com as aeronaves vindas do governo americano por ocasião da Segunda Guerra. Para os norte-americanos esta parceria seria uma ótima solução: ensinariam tecnologia e teriam um país aliado em suas mãos. Para o governo brasileiro, esta parceria seria uma saída viável para manter a Aeronáutica ativa, com material bélico e pessoal especializado.

Com os aviões vindo dos EUA, os aviadores não poderiam mais pilotar sozinhos. Precisavam de técnicos em aviões, pois a tecnologia estava avançando rapidamente. O Brasil precisava de uma escola de especialistas em aviões, a qualquer custo, só assim poderia a Aeronáutica poder continuar atuante.

Para representar a **Embry Riddle School of Aviation**, estava John Paul Riddle, proprietário da escola particular de aviação americana, e representando o governo brasileiro, a Aeronáutica.

Segundo Runha, o **Termo de Ajuste** foi muito discutido e preterido entre os militares brasileiros, pois dava total liberdade aos norte-americanos para comandar a escola e por conseguinte a Aeronáutica, mesmo que de forma velada. Contudo, os documentos, as entrevistas, e a situação de guerra no país, indicaram que a Aeronáutica não tinha outra saída.

No documento de **Exposição de Motivos**, de 3 de agosto de 1945, o tenente coronel aviador engenheiro João Mendes da Silva, representante do Ministério da Aeronáutica junto a E.T.Av., escreve ao Ministro da Aeronáutica o seguinte: “É sabido que o Ministério da Aeronáutica, criado em 1941, iniciou com a responsabilidade em seus ombros de uma aviação retardada, pelo menos, uma dezena de anos, em relação às demais aviações. O retardo se exprimia não só pela ausência do material moderno para a instrução e adestramento dos pilotos, como também pela falta de mecânicos em número suficiente e sobretudo a par das últimas realizações da técnica aeronáutica moderna que nos foi entregue muito mais rapidamente que podíamos preparar o pessoal”.

Supostamente sabendo desta situação, Paul Riddle sentiu-se à vontade para pedir o que julgasse necessário para a escola e para ele. O governo brasileiro, de mãos atadas, cedeu a todos os pedidos. Contudo, percebe-se uma mudança de atitude de Paul Riddle ao longo de seu contrato. No Memorial Histórico da E.T.Av. está escrito:

Sempre encontramos por parte do Sr Riddle o maior desejo de bem servir o Brasil, desejo esse que culminou com a devolução feita por ele ao governo brasileiro da quantia de três milhões e quinhentos mil cruzeiros dos honorários que lhe foram pagos em 1943 e 1944 e que lhes eram devidos pelo Termo de Ajuste. A seguir passamos a analisar os mais importantes detalhes, que não foram discutidos no começo e como evoluíram com a nossa cooperação americano-brasileira. (Memorial Histórico da E.T.Av.,1945,p:3)

O **Termo de Ajuste** foi redigido com dezesseis cláusulas, a maioria delas refere-se às obrigações de Paul Riddle, quanto à escola, mas é claro também que o comando está sob sua responsabilidade total.

A primeira cláusula refere-se a Paul Riddle - citado posteriormente como a segunda parte do contrato - obrigando-o a estabelecer e manter uma escola para instrução de técnicos dos diversos ramos da Aviação, nos moldes da **Embry Riddle School of Aviation**, existente na cidade de Miami, desde que o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América do Norte chegassem a um acordo para a aquisição das necessárias instalações e aparelhamento, a serem importados dos Estados Unidos da América. Paul Riddle seria o elo necessário entre governo americano e governo brasileiro.

Observa-se que para o governo brasileiro seria importante que a escola fosse nos moldes americanos, considerada moderna e com tecnologia avançada, uma vez que a Aeronáutica brasileira se encontrava defasada tecnicamente.

O **Termo de Ajuste** mostra que o governo brasileiro foi encarregado da responsabilidade financeira, instrução militar, endoutrinamento.

A segunda cláusula contém as obrigações brasileiras:

- a) *despachar no porto de desembarque, no Brasil e colocá-los no local destinado à Escola Técnica de Aviação, todas as instalações e aparelhamento a que se refere a cláusula primeira.*
- b) *Providenciar instalação de caráter provisório(...)*
- c) *Fornecer logo que possível local e efetuar a construção de dependências próprias à escola definitiva(...)*
- d) *Colocar em contas à disposição no banco do Brasil (...) e no New York Trust Co(...) o pagamento combinado.*
- e) *A fornecer a segunda parte, sempre que necessário os fundos adicionais que solicitar e cuja necessidade comprovar(...)*
- f) *Ter um representante para examinar contas apresentadas pela segunda parte(...)*
- g) *Realizar a propaganda eficiente da escola relativa as suas atividades, de modo a assegurar boa freqüência de aluno, se possível em número não inferior a quinhentos alunos(...)*
- h) *Estabelecer, de comum acordo com as partes as condições de admissão de alunos.*
- i) *(...) prioridade para transporte, e outras facilidades, inclusive os necessários “ vistos” de entrada no Brasil e o preenchimento de outras formalidades, para os instrutores, técnicos, e outro pessoal destinados à escola.*
- j) *Tomar a si a instrução militar e o endoutrinamento dos alunos da escola.*

À Aeronáutica, praticamente, ficou a responsabilidade financeira e logística do acordo, o que irritou muito os militares.

Nas cláusulas g e h observa-se a preocupação com a propaganda para admissão de novos alunos. Os norte-americanos pensaram que a escola, para ter sucesso, não poderia ser formada com menos de quinhentos alunos e acreditavam que com este contingente os jovens pretendentes enxergariam a escola como uma força no meio militar.

Como a escola de Paul Riddle era civil, ou seja particular, os americanos preferiram entregar a instrução militar aos brasileiros, uma vez que se fazia necessário tal instrução: com a disciplina militar integrante no currículo, os alunos da E.T.Av. aprenderiam com mais rapidez as técnicas americanas e ao mesmo tempo estariam preparados para a guerra.

Realmente, houve muita reclamação por parte dos militares brasileiros sobre a situação conflitante do poder americano na escola. Por ser uma escola americana civil, várias resoluções tomadas pelos americanos foram contra o estatuto militar, causando constrangimento e trabalho para os brasileiros. “ (...)Tivemos, pois, de pouco a pouco, não raro consertando erros dos delegados do Sr Paul Riddle, por muitos problemas sob jurisdição de uma Administração Militar, funcionando ao lado de uma Administração Civil e que tomou a si os encargos essencialmente brasileiros; não era possível ao Sr Riddle e seus delegados desempenharem-se dos mesmos pelo seu desconhecimento das leis, costumes e hábitos do povo brasileiro”(…)

A cláusula terceira refere-se as obrigações da segunda parte, Paul Riddle, e está subdividida em 8 itens. Estes itens fazem referência a : desmontagem, embalagem, expedição para o Brasil das instalações e aparelhamentos, assim como montagem e funcionamento no local da escola; adquirir nos Estados Unidos da América do Norte, por ordem e conta do governo do brasileiro, quaisquer instalações e aparelhamento adicionais que venham a ser necessários à escola; fazer as adaptações e reparações necessárias dos imóveis para o funcionamento da escola por conta do governo brasileiro; incumbir-se da manutenção e organização da escola nos moldes da **Emby Riddle School of Aviation**, *observando ser seguida as melhores normas, não só dentre as adotadas por aquela escola americana, mas também pelas Forças Aéreas, do Exército, da Marinha e empresas de aviação comercial dos Estados Unidos da América, do Brasil e outros países no que forem aplicáveis*; exercer a direção de todas as atividades da escola, por si, seus delegados ou mandatários; efetuar quando necessário as revisões no programa dos estudos e cursos, *modificando e melhorando*, à medida que tornarem disponíveis aparelhamentos *numerosos e melhores*; providenciar para que a escola disponha dos necessários e *melhores instrutores, técnicos e pessoal*; submeter ao Ministério da Aeronáutica, na primeira quinzena do mês, um relatório detalhado relativo ao mês anterior constando – nomes dos alunos e estudos a que se dedicam, aproveitamento e eficiência, modificações no pessoal da escola, modificações no programa e nos cursos e demais sugestões; prestações de contas *detalhadas das importâncias despendidas por força deste ajuste ao Ministro da Aeronáutica, que as aprovará desde que sejam necessárias ou úteis à escola*.

Na cláusula citada acima, percebe-se a preocupação dos militares brasileiros no sentido de manter a escola com qualidade, e talvez receio de estar comprando “gato por lebre”.

A quarta cláusula refere-se ao quadro de pessoal e organização de hierarquia. A organização da escola foi composta por: diretor da escola, respectivo assistente e pessoal

auxiliar; diretor de treinamento, dois assistentes, e pessoal auxiliar; superintendente de cada uma das matérias; instrutor-chefe, instrutor e ajudante; *facilidade para treinamento do pessoal de ensino da escola, tanto nos Estados Unidos da América, como no Brasil.*

A quinta cláusula reforça que o aluno, ao entrar na escola, deverá receber gratuitamente uniformes, ensino, alojamento e alimentação.

A sexta cláusula expressa que a segunda parte agiria como delegado do governo brasileiro, *correndo por conta deste todas as despesas feitas por aquela ou pela escola, por força deste ajuste, desde que comprovadas.*

Na cláusula sétima ficou estabelecido que o pagamento dos serviços prestados pela segunda parte, por força deste **Termo de Ajuste**, seriam pagas pelo governo brasileiro, que pagaria sobre toda a importância despendida em cada mês, para a organização e manutenção da escola, a seguinte percentagem: *20% sobre os primeiros um milhão de cruzeiros; 15% sobre as quantias acima de um milhão de cruzeiros até dois milhões; 10% sobre as quantias acima de dois milhões; e até três milhões; 5% sobre as quantias acima de três milhões, ficando entendido, entretanto, que a remuneração mínima, em cada mês, será na base de despesas de um milhão de cruzeiros.*

Alguns entrevistados que não quiseram se identificar afirmaram que os gastos com pinturas e manutenção de imóveis eram exagerados, levando a acreditar que Paul Riddle se beneficiava com a manutenção exagerada destes imóveis.

A segunda parte, que seria Paul Riddle, nada receberia sobre o valor das instalações e aparelhamentos a serem fornecidos pelo governo dos Estados Unidos da América, nem sobre o valor das novas edificações da escola.

Em entrevistas com alguns oficiais da época, todos concordaram que o preço pago aos norte-americanos era exorbitante, mas tinham a consciência de que a situação exigia este suporte. *“Os americanos possuíam a tecnologia e nós a vontade de adquirir esta tecnologia, devíamos pagar por ela. É certo que não precisava ser este montante, mas estávamos de mãos atadas”.* (oficial da Aeronáutica que não quis se identificar).

Em documento de **Exposição de Motivos** de 1945, o tenente-coronel João Mendes da Silva, se reportando ao Ministro da Aeronáutica, escreveu: “O contrato foi muito combatido em setembro de 1943 e quando se dizia que o Sr. Riddle ganhava muito ele respondia: eu fiz uma proposta e não recebi contra-proposta nenhuma... Sim; não foi oferecida contra-proposta porque no momento o tempo urgia e não podíamos discutir... agora, a situação não é a mesma... (...) O termo de ajuste não serve nem mesmo de base para um melhor contrato, tamanha são as suas imperfeições”. Justificando esta falta de contra-

proposta observa-se que o medo e a incerteza de Paul Riddle em não aceitar vir para o Brasil era clara, pois consta que ele estava bem instalado nos Estados Unidos e sua escola de aviação que servia muitas bases militares americanas, estava seguindo muito bem, financeiramente. Além do mais, Paul Riddle passava muito tempo nos Estados Unidos cuidando de seus negócios, deixando a escola por conta da secretária.

Cláusula oitava – Nas relações entre as partes, a segunda parte, seus delegados ou mandatários submeterão diretamente a S. Excia., o Sr Ministro de Estado dos Negócios da Aeronáutica, os assuntos que não forem de expediente comum e solucionáveis, por intermédio do representante de S. Excia.

Cláusula nona – a escola manterá além do pessoal necessário ao endoutrinamento e instrução militar, um fiscal da fiel execução dos cargos assumidos.

Na cláusula décima ficou estabelecido o prazo de três anos de vigência, a contar da assinatura, e automaticamente prorrogável por mais três anos, caso nem uma das partes desista por escrito num prazo anterior a seis meses.

A validade do contrato de três anos foi a justificativa que a Aeronáutica encontrou para que os oficiais aceitassem o contrato sem muitas objeções. A escola correria contra o tempo para que num prazo muito curto, os instrutores formados no curso de instrução da E.T.Av se sentissem aptos para substituir os americanos. Em documentos consta que a preocupação foi grande e que no segundo ano os militares brasileiros estavam querendo tirar Paul Riddle da Administração, deixando-o a cargo somente da instrução técnica.

As cláusulas décima primeira e décima segunda contêm especificações de ordem jurídica em que a segunda parte poderia transferir o ajuste à pessoa jurídica, desde que notificado por escrito e aprovado pelo governo brasileiro e, na hipótese de morte de Paul Riddle, este ajuste continuaria em vigor, transferindo direitos e obrigações para seus herdeiros.

Nas cláusulas décima terceira e décima quarta tratou-se de confirmar que os ônus fiscais decorrentes deste ajuste correriam por conta da Aeronáutica, dispensando os americanos de qualquer caução que viesse se fazer necessária ao governo brasileiro.

A cláusula décima quinta estabelece que as dúvidas e questões que se suscitarem entre as partes seriam decididas, na impossibilidade de acordo, por arbitramento, nomeando cada uma das partes um árbitro, e este um terceiro, desempassador, que agiria somente se os dois primeiros não chegassem a um acordo.

Na cláusula décima sexta, tratou-se que este **Termo de Ajuste** não precisaria ser publicado durante sua execução, pois tratava-se de um contrato de interesse à defesa nacional.

Por fim o **Termo de Ajuste** foi lavrado<sup>10</sup>.

O **Termo de Ajuste**, embora tenha causado descontentamento aos militares, não impediu que eles se empenhassem em colaborar para o sucesso da escola e para acabar com o comando americano na Aeronáutica, o que aconteceria se os brasileiros aprendessem as instruções americanas com eficiência. No segundo ano de escola os militares já conversavam sobre a possibilidade de denunciar o contrato. Percebe-se em alguns documentos, como o de 3 de agosto de 1945, quando o tenente coronel aviador João Mendes da Silva escreveu para o Ministro da Aeronáutica, apresentando três soluções para a E.T.Av:

- 1) Continuação pura e simples do atual Termo de Ajuste.
- 2) Denúncia do presente Termo de Ajuste e oferta ao sr Riddle de outro em que a administração fosse brasileira.
- 3) Denúncia do Termo de Ajuste e a obtenção de alguns instrutores militares dos Estados Unidos.

Segundo João Mendes da Silva, a segunda solução seria a melhor, pois Paul Riddle conhecia a escola e seus problemas. Instrutores completamente desconhecidos poderiam atrasar o ensino.

Para os militares, além da insatisfação com os americanos, embora reconhecessem que a presença deles se fazia necessária, o Termo de Ajuste não acompanhava a evolução que a E.T.Av. sofrera nesses dois anos: “sem (...) diretrizes nem orientação para o funcionamento após dois anos...” ( Sugestões sobre o Termo de Ajuste - Exposição de motivos de 3/8/45).

Em 27 de julho de 1946, o chefe do gabinete do Ministro da Aeronáutica enviou um memorando ao representante do Ministério da Aeronáutica na E.T.Av.: “tendo em vista o aprovado do Presidente da República a regularizar de acordo com o pedido do Ministro da Aeronáutica, um novo contrato com Paul Riddle, que deveria vigorar a partir de 29 de setembro de 1946, de forma a não haver solução de continuidade nas suas atividades de comando geral, deixando-o responsável para ministrar instruções técnicas, instrutores técnicos, e órgãos de instrução”. Paul Riddle deveria também adquirir equipamento e material necessário à instrução e ao trabalho administrativo da mesma. Contudo, percebe-se que, com o término do contrato em 1946, este não foi renovado, entrando para substituí-lo Harry Nelson Gill.

---

<sup>10</sup>Por Francisco Sebastião Maestralli, assistente do patrimônio, assinado pelas partes referidas, e dependendo da aprovação do Presidente da República.

O novo contrato com Gill, não foi possível encontrá-lo, porém, pela documentação, sugere que os militares já estavam quase no comando da situação da escola, mas a instrução técnica continuava deficitária. O contrato com Gill não foi renovado igualmente por motivos financeiros e entrou em seu lugar o instrutor norte-americano Havey Davies, responsável pela manutenção técnica especializada. Ficaria a seu encargo ministrar a “instrução especializada, diretamente e por intermédio de assistentes, instrutores e auxiliar de instrutor”. (Memorando do Ministro da Aeronáutica para o Presidente da República).

A movimentação militar em torno dos norte-americanos estava chegando ao fim, e em 1950 restavam não mais que vinte e seis instrutores americanos.

#### **Ante-Projeto de Termo de Contrato - Ministério da Aeronáutica e Harvies Davies**

O contrato com Harvies Davies foi feito em vinte e três cláusulas, constando:

Primeira – mostra claramente que os americanos não exercerão nenhuma função de direção.

O que seria para os militares talvez a principal cláusula.

Segunda – esta cláusula está subdividida em dez itens. Todos sobre as obrigações do contratante. Esta cláusula deixa mais uma vez claro a Harvies Davies que quem comanda a escola são os militares. As obrigações do norte-americano são de ordem técnica: admitir instrutores, fiscalizar, obedecer os métodos mais modernos americanos, instalar e fazer funcionar os equipamentos que forem adquiridos.

Terceira – está subdividida em três, e são mostradas as obrigações do contratante, que consiste em: pagamentos, obrigações trabalhistas, fornecimento de viagens para Flórida, transporte de bagagens.

Quarta, quinta, sexta e sétima - referem-se aos instrutores, instrutores auxiliares e assistentes, as obrigações com a escola referentes a ensino, e as obrigações da escola referentes a despesas, salários, passagens etc.

Oitava - nesta cláusula, fica claro que a escola iria mudar-se para outro estabelecimento, mas sem local definido, e que os americanos deveriam acompanhar a escola em sua nova sede.

Nona, décima, décima primeira, décima segunda, décima terceira – referem-se a despesas e pagamentos.

Pode-se observar que a administração dos recursos estavam por conta dos militares, não mais dos americanos, como no Termo de Ajuste. Neste contrato a administração, recursos financeiros e o departamento de ensino já estavam nas mãos dos militares.

Décima quarta, décima quinta, décima sexta, décima sétima, – são referentes às medidas práticas deste contrato: dispensa de caução do contrato, data do vigor do contrato, nomeação

do fórum do Rio de Janeiro para promover qualquer ação em caso de confronto, pessoas a serem escolhidas para arbitramento em casos de dúvida etc.

Décima oitava - refere-se ao caso de falecimento do contratado, quais os deveres da Aeronáutica e direitos dos americanos.

Décima nona, vigésima – Trata-se no caso do contratado rescindir o contrato, perdendo todos os direitos e as vantagens adquiridas. Caso a desistência seja por motivo de saúde, verificado por uma junta médica da Aeronáutica, as vantagens serão devidas ao contratado.

Vigésima primeira, vigésima segunda - refere-se ao comportamento do americano em obedecer as regras brasileiras e ter conduta impecável. Nada poderia constar que o desabonasse, caso contrário daria direito à Aeronáutica de rescindir o contrato e retirar as vantagens oferecidas para o contratado. O contratado deveria declarar que aceita todas as condições impostas neste contrato, e sujeitar-se aos efeitos que dele resultarem.

Vigésima terceira – Este contrato não precisaria de publicação por ser considerado de interesse à Defesa Nacional, e estaria livre de selos. Deveria ser assinado pelas partes interessadas.

Percebe-se que o Termo de Ajuste feito entre o americano Paul Riddle e a Aeronáutica foi bem diferente do contrato feito entre Harvey Davies e a Aeronáutica. No primeiro, observa-se que as obrigações e deveres brasileiros eram muitas, cabendo aos americanos providenciar material bélico, pessoal e comandar a escola. No contrato com Harvey Davies o inverso começava a aparecer: A Aeronáutica dava mostra de que a situação já estava em suas mãos precisando muito pouco da ajuda americana para que a escola funcionasse nos moldes americanos, porém, com brasileiros no comando. Com o novo contrato Harvey Davies possuía o mínimo de comando, ele mesmo deveria se reportar à Aeronáutica, o que não acontecia anteriormente. As despesas deveriam passar pelo crivo brasileiro antes de serem liberadas.

Segundo Runha, após a assinatura deste contrato e seu término, a escola passou a ser inteiramente brasileira, comandada pela Aeronáutica.

### **1.3 A Escola Prática de Agricultura**

Com a decadência da produção de café, 1890 a 1920, Guaratinguetá e sua comunidade viviam de pouca agricultura, como, cana-de-açúcar, arroz. Com a decadência do café, as terras se desvalorizaram e atraíram para a cidade fazendeiros mineiros criadores de gado leiteiro. Outro

ponto importante que atraiu os fazendeiros mineiros para Guaratinguetá foi a estrada de ferro, que facilitava o transporte para São Paulo. Com os fazendeiros em Guaratinguetá, e uma boa pecuária, apenas com grande produção de leite, veio o título de “Capital Leiteira do Vale do Paraíba”, sendo assim a segunda cidade do Vale do Paraíba, economicamente posicionada, e que mais tarde não conseguiu sustentar este título devido à queda da pecuária. A cidade continuou enraizada ao passado, com uma elite agropecuária das mais fechadas para qualquer abertura sócio-econômica. Sem indústrias, sem melhoramentos, e sem expansão, lutando pelo progresso, devido às baixas rendas locais que mal conseguiam pagar o funcionalismo do município, José Rodrigues Alves, conhecido Dr. Juca<sup>11</sup>, entre um dos impulsos, do interventor à cidade, estava uma das Escolas Práticas de Agricultura, das cinco criadas no Estado de São Paulo, denominada Escola Prática de Agricultura de Guaratinguetá. A maneira como estas escolas de agricultura foram oferecidas causou estranheza para alguns, (...) Por volta do ano em que o Brasil começou a participar da Segunda Guerra Mundial, o Dr Fernando Costa, então interventor no Estado de São Paulo, tradicional agricultor, reformulou o ensino agrícola estadual, criando cinco escolas práticas de agricultura. Uma delas veio para Guaratinguetá. (...) Se a instalação dos outros educandários agropecuários se deu por fatores diversos, inclusive afetivos, como foi a de Pirassununga – terra natal do Interventor – a de Guaratinguetá se deveu, essencialmente, pela situação regional e política”(Arquivo: Francisco Fortes, p: 35, 1975).

Os trabalhos de construção da escola foram iniciados imediatamente pelo prédio principal. Erguendo-se uma obra arquitetônica, em estilo colonial, com salas de aula e dependências. Na fachada principal, mural de azulejos azuis portugueses, com cenas campestres de animais bovinos.

Há duas fotos, sem data, da escola que mostram:

Figura 3 - a construção da fachada do prédio principal, feita pela escola agrícola.

Figura 4 – Foto aérea que mostra a construção ao redor do prédio principal.

---

<sup>11</sup> Muitos anos deputado federal, Secretário de Estado durante a Revolução Constitucionalista de 1932 descendente da família Rodrigues Alves, amigo do interventor federal Fernando Costa, muito favoreceu a Prefeitura local na conquista da abertura de novas atividades econômicas para o Município.



Figura 3 - Fachada do prédio principal, da escola agrícola. Foto sem data, mas observa-se o símbolo da EEAR e não EEAer.



Figura 4 – Foto aérea que mostra a construção ao redor do prédio principal. (sem data)  
Contrariando a velha tradição popular da cidade, na qual (...)persistia, ainda, a exótica mentalidade, como que uma tradição popular, de que em Guaratinguetá não deveria ter nem

soldados nem padres. Consta que por esta razão se perdeu a oportunidade de ser instalada aqui e o foram em Lorena e Taubaté, respectivamente, o 5º RI, hoje Batalhão Itororó, e o Bispado de Taubaté, trazendo reais benefícios às duas comunidades, preterindo as aspirações de Guaratinguetá. (Arquivo: Francisco Fortes, p. 35, 1975, folhas soltas).

Segundo Cavalcanti (p.152), com as obras da escola agrícola em andamento, foram recebidos nesta, na condição de prisioneiros de guerra, não foi possível precisar quando, os militares e civis italianos e alemães, náufragos do navio mercante alemão Windhuck, aprisionados, por interferência das embaixadas. Ficaram alojados em um barracão, obrigados a trabalhos diversos, até o término da II Guerra Mundial. Com o término da guerra os prisioneiros foram libertados da escola agrícola, e cada um seguiu o seu caminho. Para Cavalcanti, p.152 (...) “Todos, exceto um, ficaram em definitivo no Brasil”.

Conclui-se, assim, que a escola agrícola teve seu destino militar antecipado, antes mesmo de ser inaugurada, como Escola Prática de Agricultura e depois como Escola de Formação Aeronáutica.

A inauguração da Escola Prática de Agricultura “Paulo de Lima Corrêa”, para Guaratinguetá, foi motivo de comemoração para a elite ruralista e para a cidade. Estava claro que, com a escola, seus negócios deveriam prosperar, uma vez que a mão-de-obra quase analfabeta se tornaria mais técnica com o novo aprendizado.

A escola recebeu por decreto, em 31 de agosto de 1943, a denominação “Paulo de Lima Corrêa”, em homenagem ao Secretário em cuja gestão ela fora criada.

Na Série História, 1986, MFG consta que:

“(...)os alunos provinham geralmente do meio rural, onde ainda grassava o analfabetismo, de modo que a Escola Agrícola (nome pelo qual era chamada por todos) recebia mesmo aqueles jovens que não tiveram oportunidade de freqüentar as escolas primárias ou nelas apenas se iniciaram. O elemento humano era portanto muito heterogêneo, muito diversificado quanto ao grau de cultura: havia alunos de nível ginasial e havia analfabeto ou semi-analfabetos. Daí o fato de haver em nossa escola uma classe de alfabetização, regida por uma professora da Secretaria da Educação, colocada à disposição do Ensino Agrícola, D. Maria Fausta Bennaton Paim”. (Museu Frei Galvão- arquivo memória de Guaratinguetá - Série História, 1986)

A escola funcionou alguns anos com muitos cursos, grande número de professores e funcionários, porém com poucos alunos. O número de alunos, professores e funcionários da Escola Agrícola era: 60 alunos, 200 professores, 600 funcionários, o que me leva acreditar que era um importante instrumento político de nomeações e apadrinhamentos para cargos

políticos e partidários. O jovem do campo, aspirando a uma condição melhor, quando vinha para a escola não queria mais voltar às raízes, após o término do curso para aplicar seu aprendizado, uma vez que era privado do conforto oferecido pela escola, (...) como refeições de qualidade, boa cama, serviço de saúde, teatro, cinema, ambiente social, ensinamentos agrícolas. Acostumados a uma vida melhor, a um novo mundo industrial em desenvolvimento, os alunos não queriam voltar ao seu meio com tantas privações e deficiências (Arquivo: Francisco Fortes, p: 37, 1975, folhas soltas).

A insistência dos alunos em permanecerem na cidade causou constrangimento e preocupação nas elites ruralistas, que se viram abandonadas pelo homem do campo. Mas, nem com a possibilidade da perda do camponês, os ruralistas abriram mão da escola de agricultura (...) o homem da roça não volta mais para a roça, quando ia para a escola pelas comodidades apresentadas, como banho diário, alimentação, esportes, sai um técnico para trabalhar na cidade ( COELHO 1990, p:20).

Quando os rumores começaram a surgir sobre a entrega da Escola Agrícola para os militares, a elite local basicamente ruralista, capitaneada pelo advogado João Batista Rangel, da Sociedade Rural Brasileira, mobilizou parte da população contra o paralisação da Escola Agrícola.

#### **1.4 A transferência da Escola de Especialista de Aeronáutica para Guaratinguetá: manobras, acordos políticos e animosidades.**

O início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, trouxe conseqüências diversas para o Brasil. Vargas ficou oscilando habilmente entre aliados e às vezes em direção ao Eixo. Desta maneira, conseguiu obter dos Estados Unidos o financiamento para a construção da Usina de Volta Redonda e o fornecimento de material bélico americano. Dentro do governo, dois grupos eram claramente definidos: Oswaldo Aranha, Ministro de Relações Exteriores, favorável aos Estados Unidos, e Gaspar Dutra e Monteiro Góis, do Exército, favoráveis aos nazistas. O torpedeamento pelos alemães de vários navios mercantes brasileiros incentivaram a opinião pública a se manifestar a favor de que o Brasil declarasse guerra ao Eixo, unindo-se aos Estados Unidos, em favor dos Aliados.

Em agosto de 1942, o governo declarou guerra ao Eixo, iniciando uma mobilização militar com grupos de aviões de caça da recente inaugurada Força Aérea Brasileira, FAB. Mais que efeitos militares, a guerra trouxe conseqüência para a política interna. O Estado

Novo não podia manter o governo ditatorial e repressivo de Vargas, uma vez que nossas tropas combatiam o fascismo na Europa. Vargas decretou a anistia a presos políticos, concedeu liberdade de imprensa e assinou o Ato Adicional, convocando eleições presidenciais. Vários partidos se formaram. Mas, com a desconfiança de que Vargas queria continuar no poder, forças políticas e os militares posicionaram-se contra Getúlio, esperando o momento certo para derrubá-lo. Em 29 de outubro 1945, o Palácio Guanabara fora cercado a mando dos militares general Gaspar Dutra e Góis Monteiro.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, estabeleceu-se no país um regime de transição de um capitalismo ditatorial para democracia liberal burguesa, que tentava acomodar o capitalismo interno e o capitalismo internacional, liderado pelos Estados Unidos. Neste contexto havia agora dois grupos: um grupo defendia o capitalismo nacional, autônomo, direcionado aos interesses do Brasil, e outro grupo, que desejava o capitalismo liberal aberto as companhias internacionais.

Em 1950, iniciou-se a campanha eleitoral para Presidente da República. Dutra indicou para a candidatura Cristiano Machado, a União Democrática Nacional indicou o brigadeiro Eduardo Gomes, o Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Social Progressista de Adhemar de Barros indicaram Getúlio Vargas, que formaram a maior frente populista do país. O acordo com Adhemar de Barros era simples, na base de apoio mútuo: Getúlio em 1950 e Adhemar em 1955.

Segundo Marly Guimarães Hayashi, em sua dissertação de mestrado (1996), na década de 30 Adhemar foi eleito deputado estadual, e posteriormente nomeado interventor. Disputou as eleições de 1947 para governador pelo Partido Social Progressista, que era forte no interior. Com o apoio dos comunistas, Adhemar venceu as eleições. No interior, intensificou a produção agrícola fortalecendo o trabalho e a riqueza, o que dificultou a entrega da Escola Agrícola em Guaratinguetá para os militares. Quando Adhemar ficou sabendo da intenção, disse a André Broca “ *como vamos trocar alunos por soldados?*”.

Adhemar intensificou o apoio à indústria e ao comércio nos grandes centros. Nas eleições de 1950, apoiou Vargas que ganhou as eleições com 48% dos votos e elegeu seu sucessor no governo do Estado, Lucas Nogueira Garcez.

Para Hayashi, 1996, poucos são os livros que comentam sobre o político Adhemar de Barros, podendo dividi-los em dois grupos:

“ *Os que discutem a figura de Adhemar com certa imparcialidade e os que denigrem ou enaltecem*”.

De alguns exemplos abordados por Hayashi, são mostrados dois textos sobre Adhemar: um de Lucas Nogueira Garcez e outro de Hélio Jaguaribe. Hayashi considerou os textos com uma certa imparcialidade dos autores, mas o que prevalece são as obras que “*polarizam a figura do político paulista, num tom elogioso ou pejorativo*”. Entre os textos em tom elogioso, estão os de Álvaro José de Abreu Ribeiro, no qual faz uma descrição das obras públicas de Adhemar, e o de Lopes de Rodrigues, que nos mostra também que outros personagens da história foram vítimas de difamação.

Adhemar era conhecido como católico, mas também atuante no terreno das cartomantes e médiuns.

José Armando Zollner, prefeito de Guaratinguetá, em 1960, afirma que Adhemar de Barros mantinha como conselheiro espiritual o Frei Juvenal, do Seminário Franciscano em Guaratinguetá: “*o governador vinha algumas vezes a Guaratinguetá conversar com seu conselheiro espiritual Frei Juvenal*” ( *Entrevista José Armando Zollner*).

O governo de Adhemar de Barros foi conturbado em alguns aspectos: nos anos 50, Adhemar ficou conhecido pela “caixinha” para campanha ou para o partido, e também por irregularidades administrativas por ele praticadas, no período em que era interventor.

Alguns correligionários guaratinguetaenses, que não quiseram identificar-se, afirmaram que Adhemar de Barros não escondia a caixinha de 10%, e que sua amante influenciava muito, causando inclusive constrangimentos a André Broca Filho, que mais tarde se viu obrigado a afastar-se de Adhemar.

A década de 1950 ficou conhecida como a era da expansão industrial, “quando as indústrias de bens duráveis internacionais se instalaram no Brasil”(Mendonça, p.56,1995). Esta foi a maneira que o governo brasileiro encontrou para resolver a escassez financeira. Com recursos estrangeiros, o Estado não seria mais o responsável pela modernização das indústrias no país. “As conseqüências desta opção se mostrariam desastrosas para o país, pois, na verdade estavam internacionalizando a economia brasileira”(Mendonça,p.56,1995).

Nesta década, a comunicação cresceu por inteiro. Todos os meios de comunicação, com a ajuda do governo, ampliaram seus negócios.

Segundo Lia Calabre, o número de emissoras de rádio deu um salto no país, com 106 emissoras em 1944 e 300 em 1950. As emissoras de rádio contavam com uma fonte de financiamento constante, podendo estruturar suas programações.

Com o crescimento das emissoras de rádio, iniciou-se uma “cultura radiofônica, com espetáculos, programas de auditórios, de música popular e as radionovelas” ([www.casaruibarbosa.gov.br/Lia\\_calabre/main\\_participaçã.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/Lia_calabre/main_participaçã.html)).

A Rádio Clube de Guaratinguetá, uma das primeiras no Vale do Paraíba, foi fundada pelo Comendador Francisco Sannini, em 17 de junho de 1940, e começou a funcionar somente em 1942. Segundo José Luiz Sannini, filho do proprietário da rádio, o novo veículo se justificou com o objetivo de maximizar a difusão dos resultados dos bancos lotéricos -jogo de azar- carro chefe do empresário Francisco Sannini e sua bem estruturada rede de loterias em todo o Vale do Paraíba e sul de Minas, contando na época com cerca de 40 filiais.

*“Como a telefonia falhava muito, meu pai resolveu pedir ao governo a concessão de uma rádio para Guaratinguetá” (entrevista com José Luiz Sannini).* Com a rádio, os resultados do jogo poderiam ser divulgados de uma só vez a todas as lojas. Quando o banco lotérico passou a ser contravenção pelo governo federal, Francisco Sannini fechou todas as suas lojas.

Com a rádio, Francisco Sannini manteve influência direta na política da época. Era simpatizante de André Broca Filho, vetou a todos os outros partidos o discurso político em sua emissora. A oposição, sentindo-se ameaçada pela forte divulgação de André Broca Filho pelo rádio, resolveu envolver-se com rádio também, trazendo para Guaratinguetá uma emissora cujo nome foi Rádio Liberdade, em desagravo ao veto pelo proprietário da Rádio Clube.

Segundo Francisco Sannini Filho, Carvalho Netto, que capitaneava a oposição a Broca, se sobressaiu a Paulo Vianna - indicado à sucessão de Broca - na rádio pelo seu poder de oratória. Para Sannini, outro motivo que alavancou a candidatura de Carvalho Netto foi a forte presença de dona Hermê Dixon, sua esposa. Nos palanques, dona Hermê trabalhou para o chamamento da mulher e da família.

A Rádio Clube funcionava com programas de auditório e domingo era o programa infantil da “Maria Caminhão”, patrocinado pela “Cremogema”; cada criança recebia um saquinho de Cremogema. Maria Caminhão, como era chamada, veio para Guaratinguetá com a E.E.AR. Maria trabalhava na manutenção na E.T.Av., era uma pessoa especial na escola. Conhecida por andar exclusivamente de calças compridas, em uma época que as mulheres só usavam vestidos. Conta Runha que até na Igreja da escola Maria tinha permissão para entrar de calça comprida - traje proibido às mulheres - e que *nunca se viu a Maria Caminhão de vestido.*

A programação das tardes de domingo era o “Domingo Total”. *A rádio clube também fazia novelas ao vivo, mas a técnica era muito difícil pois não tinha efeitos especiais, tudo era manual ( Entrevista José Luiz Sannini).*

A rádio mantinha uma orquestra para seus shows – “Orquestra Rádio Clube”.

A televisão foi implantada em 1950, em São Paulo, 1951 no Rio de Janeiro e em 1955 em Belo Horizonte, permanecendo toda esta década muito restrita.

O cinema tornou-se popular, em São Paulo, entre 1935 a 1949. No cinema houve a expansão de filmes americanos, a indústria cinematográfica americana cresceu por questões política. Como na década de 40 a guerra na Europa impossibilitava a exportação americana, os Estados Unidos foram obrigados a considerar o mercado da América Latina importante.

O mercado de publicações, jornais e livros, foi ampliado. Cresceu o número de leitores. O *Cruzeiro* publicou, em 1948, cerca de 300 mil exemplares semanais, e em quatro anos a publicação sobiu para 500 mil, aumentando consideravelmente o público leitor.

Vargas ganhou as eleições diretas de 1950 aclamado pelo povo, mas o crescente descontentamento da população, da imprensa, e dos militares gerou grande pressão, e Vargas suicidou-se em 1954.

Com o fim da era Vargas surgiu um governo mais liberal, democrático e com uma nova Constituição.

Entre o período da inauguração da E.T.Av. e o fim da Segunda Guerra Mundial a escola cresceu o suficiente para os militares começarem a pensar sobre a mudança para um local próprio, devido ao número alto de imóveis alugados, espaço apertado para abrir novos cursos, abrigar novos alunos e dificuldade de locomoção dos mesmos.

Qualquer que seja a solução definitiva que S. Exa. adotada, ela deve vir com urgência, pois já construímos nos terrenos das instalações da Imigração, tudo o que poderia ser construído e estamos sem terreno próprio pertencente ao Ministério da Aeronáutica, onde possamos construir as instalações que se façam necessárias e inadiáveis para os novos cursos. (Documento de Solução para o problema de mudança da E.T.Av.,1947, p:19)

Por medida de economia da Aeronáutica, após a Segunda Guerra, uma vez que os americanos não mais subsidiavam as bases militares, surgiu a idéia de unificar as duas escolas aeronáuticas de especialistas: Escola de Especialistas de Aeronáutica, no Galeão e Escola Técnica de Aviação, em São Paulo.

André Broca Filho, prefeito de Guaratinguetá 1947 a 1950<sup>12</sup>, amigo pessoal e homem de confiança no Vale do Paraíba, do governador do Estado de São Paulo Adhemar de Barros<sup>13</sup>, sabendo que o prédio da Escola Técnica de Aviação de São Paulo, instalada no prédio conhecido como “Hospedaria dos Imigrantes”<sup>14</sup>, fora requisitado pelo Governo Federal devido às necessidades da guerra, encontrou a chance de doar à Aeronáutica a Escola Prática de Agricultura, iniciativa com a qual esperava alavancar a economia da cidade.

Em entrevista, o tenente-coronel Arany Badini Tavares afirmou: “Com a vinda da EEAR para Guaratinguetá o setor imobiliário cresceu muito, os comerciantes esperavam o dia do pagamento da escola, era uma festa”.

Com poucos alunos na Escola Prática de Agricultura, e problemas com os jovens que não queriam voltar a seus lares, o prefeito André Broca Filho justificou-se ao então governador do Estado Adhemar de Barros, para que fosse instalada em Guaratinguetá a Escola Técnica de Aviação, (...) A Escola Agrícola, ponderei ao governador Adhemar, tem 60 alunos, 200 professores, 600 funcionários, nada produz. (...) “O Adhemar concordou e eu precisava de um homem para trabalhar comigo e eu chamei o Américo Machado, meu sócio, e fomos para o Rio de Janeiro, para o departamento de ensino, conversar com o brigadeiro que ficou interessado no assunto” ( COELHO, 1990, p: 20).

Vendo-se às voltas com a desocupação do prédio da Hospedaria dos Imigrantes, onde estava temporariamente instalada a E.T.Av., para que fosse ocupado pelos imigrantes que vinham para São Paulo, no surto industrial, o governador aceitou a transferência, mesmo com algumas restrições. Depois desta autorização, o deputado André Broca Filho, após muitas idas a São Paulo e Rio de Janeiro, conversando com as autoridades da Aeronáutica, selou a entrega da Escola Prática de Agricultura à Aeronáutica, por decreto. (ANEXO 1)

A Escola de Especialistas de Aeronáutica seria dividida e uma parte transferida para Natal, onde havia uma base pronta usada na Segunda Guerra Mundial, que após seu término ficou sem função, com alto custo de manutenção e que poderia passar a abrigar a escola, mas com gastos elevados devido a distância. Broca precisou ainda resolver este impasse: “Um senador pelo Rio Grande do Norte, encontrando-se com o Prefeito André Broca Filho, na Argentina, em um congresso municipalista, tornaram-se bons amigos e resolveram que nenhuma dificuldade seria imposta, para a vinda para Guaratinguetá da ETAv, desde que

---

<sup>12</sup> Deputado Estadual de 1951 a 1955. Secretário da Agricultura de São Paulo de 1964 a 1966.

<sup>13</sup> O tenente coronel Oswaldo Runha confirmou a presença de Adhemar de Barros na fazenda do prefeito André Broca Filho, por algumas vezes a passeio.

<sup>14</sup> Hospedaria dos Imigrantes”, local onde se realizava a triagem de estrangeiros, recém chegados ao Brasil, vindos do Porto de Santos.

fosse para o Rio Grande do Norte a Escola do Galeão, fato este que, como vemos não aconteceu. (Arquivo Francisco Fortes p.40 folhas soltas).

A ida da E.T.Av. para Natal era fato certo para a Aeronáutica, o Ministro da Aeronáutica, tenente brigadeiro Armando Trompowsky, em 1950, às voltas com contrato com o americano Harry Nelsom Gil, precisava colocar uma cláusula mencionando a ida da E.T.Av. para Natal e exigindo que o contratante se dispusesse a ir com a escola, escreve para o Presidente, ” (...) é assunto resolvido a transferência da sede da E.T.Av, da capital de São Paulo para a cidade de Natal”(pedido de autorização do Ministro da Aeronáutica ao Presidente da República para assinar contrato com americanos).

Não foi encontrado o documento mencionando porque a escola não prosseguiu para Natal. Sabe-se que Broca viajou muitas vezes para conversar com o Ministro da Aeronáutica e talvez tenha proposto a vinda das duas escolas para Guaratinguetá, esquecendo o acerto feito com o senador pelo Rio Grande do Norte, na Argentina. A Aeronáutica começou a questionar as facilidades das duas escolas unidas em Guaratinguetá, em localização estratégica, ou a Aeronáutica questionou a despesa enorme com transporte para Natal de todo o material bélico e pessoal.

Através da leitura dos boletins percebe-se que, de repente, a transferência da E.T.Av. para Natal muda de rumo e algo que não estava previsto no Decreto 27.879, iria ocorrer. O Ministro da Aeronáutica, por portaria nº233, de 04 outubro, resolve revogar, a partir de 23 de setembro, os efeitos da Portaria nº 69, que estabelecia em Natal um Núcleo Provisório da E.T. Av. (CAVALCANTI, p:72)

A proposta de mudança para Natal persistiu, a cidade via com bons olhos a ida da EEAR para aquela unidade militar, toda equipada pelos americanos no período da Segunda Guerra Mundial e, portanto, os acordos foram mantidos por um tempo<sup>15</sup>. Em entrevista com oficiais, eles disseram que muitos foram os motivos para que se revogasse esta decisão:

a-) Gastos elevados e onerosos com a transferência do equipamento aéreo fornecido pelo Estados Unidos.

b-) Os grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo estavam próximos ao Vale do Paraíba, bem como batalhões militares em Caçapava, Lorena, Pindamonhangaba.

<sup>15</sup> Consta que “Luiz Mendes de Oliveira nascido em 12 de novembro de 1912 em Serrinha, Município de Princesa Isabel, Estado da Paraíba, ingressou na Escola Técnica de Aviação, em São Paulo em 01 de abril de 1944 e como representante do Comando da E.T.Av. conduziu até a cidade de Natal, em 1948, no Navio Hidrográfico, da Marinha de Guerra, um carregamento de material, o primeiro da série, destinado a transferência

c-) Para locomover pessoal para o Campos dos Afonsos (Rio de Janeiro), Base Aérea de Santa Cruz, Campo de Marte (São Paulo), Cumbica, o Vale do Paraíba seria menos oneroso pela sua localização<sup>16</sup>.

Para efetivar a vinda da EEAR para Guaratinguetá, desenvolveram-se algumas manobras políticas, “pesou muito a vinda da escola do Galeão para Guaratinguetá, a influência positiva do brigadeiro engenheiro Antônio Guedes Muniz, residente no Rio de Janeiro, na época Diretor de Ensino da Aeronáutica. O brigadeiro Guedes Muniz, além de freqüentador assíduo dos primeiros projetos da instalação da EEAR, era um incentivador desta empreitada (Entrevista tenente-coronel Runha).

O governador não queria a saída da E.T.Av. para outro Estado, porém a idéia de substituir a Escola Prática de Guaratinguetá pela Aeronáutica o incomodava muito. “Procurei o governador Adhemar e perguntei a ele se estava disposto a ceder as dependências da Escola Agrícola de Guaratinguetá para vir à Aeronáutica. A primeira impressão de Adhemar foi de estremecimento, de surpresa, não aceitando, chegando a dizer: “Como vamos tirar uma Escola Agrícola para colocar soldado?” Tive que replicar, justificando: “Rodrigues Alves não queria nem bispado nem soldado, o bispo foi para Taubaté e o soldado para Lorena, quando chefe político” ( COELHO, 1990, p: 19).

Por decreto, a Escola Prática de Agricultura Paulo de Lima Corrêa foi doada ao Ministério da Aeronáutica, em 6 de outubro 1949, com todos os prédios, terrenos, máquinas, criação de animais e plantações, cessando assim suas atividades, em São Paulo.

Para André Broca Filho, este decreto custou sua derrota nas eleições seguintes em que apoiava Paulo de Castro Viana.

(...)Eu sofri muito perdendo as eleições para prefeito.

Mas o que se realizou mesmo, com muito amor, muita potencialidade a Guaratinguetá, que hoje é vista com importância no conceito nacional e internacional, foi a vinda da Escola de Especialista de Aeronáutica, trabalho nosso, do Américo Martins Machado e do governador Adhemar de Barros. Ponho nessa ordem porque estava num Congresso em Buenos Aires, como prefeito, quando o prefeito de Belém do Pará disse que levaria a Escola para lá ( COELHO, 1990, pp: 19-20 ).

A doação da Escola Prática de Agricultura para a Aeronáutica foi no sistema de “porteira fechada”, isto é, tudo que pertencia à Escola Prática de Agricultura deveria ali permanecer.

---

da referida escola para aquela capital, transferência esta que não se efetivou” (depoimento por escrito de Antônio Ignácio do Nascimento, genro de Luiz Mendes de Oliveira).

<sup>16</sup> A cidade de Guaratinguetá, conhecida como Terra das Garças, situa-se no Vale do Paraíba, à margem da Rodovia Presidente Dutra, a meio caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro - no sentido leste- oeste e entre as Serras do Quebra Cangalha e da Mantiqueira, no sentido norte- sul.

Em entrevista com o tenente-coronel Arany ele afirmou que: “a escola foi doada em regime de porteira fechada, vim à Guará logo em seguida ao decreto de doação, para arrolar os bens da antiga escola, voltando para São Paulo, e por motivo de saúde, não retornei a Guará. Como anteriormente havia sido uma escola agrícola, foram mantidos vários galinheiros, gado leiteiro, hortas, maquinários, água tratada, arruamentos em asfalto, casas confortáveis, visual de paisagismo” (Entrevista tenente coronel Arany).

Em 20 de novembro de 1949, a Aeronáutica assumiu a escola em Guaratinguetá, com um pelotão de mais ou menos 40 homens comandados pelo então 1º Tenente Oswaldo Runha.

Pela documentação percebe-se que a ida deste destacamento a Guaratinguetá teve caráter de urgência.

Fl. 1342

(cont. do Bol. nº262 de 18 de Novembro de 1949 - E.T.Av.) Estecaer Sp Urgente: nr 427 de 16-11-49. - Peço enviar para Guaratinguetá um destacamento praças comandado Tenente vg afim guarnecer imóveis cedidos este ministério pt Esse destacamento deverá estar Guaratinguetá no próximo domingo vg dia 20 vg impreterivelmente pt. Brig Guedes Muniz

Em conseqüência designo para Comandante destacamento o 1º. Ten. IG. RC Oswaldo Runha e como auxiliares os 3S. Q. IG. FI. Lázaro Aranha da Frota, Francisco Alves da Silva, Victor Manuel Mendes, Antônio Xavier de Souza, 3S Q. EF. Vicente Gomes de Oliveira. Deverá seguir no próximo dia 20 o 1º.Ten. Runha e os 3S Q.IG.FI Victor e Xavier, devendo os demais seguir oportunamente.

Fl. 3388

(cont. do Bol. nº264 de 21 de Novembro de 1949 - E.T.Av.).

1º. Ten. RC. Oswaldo Runha, apresentou-se dia 19, por ter que seguir para Guaratinguetá, a serviço.

Outros boletins foram mencionados sobre a transferência de pessoal para Guaratinguetá. ( ANEXO 2)

Para Runha, a chegada em Guaratinguetá foi tranqüila, dentro do possível. A estrada era muito ruim e a viagem muito cansativa. O tenente-coronel Runha ficou neste comando até 5 de maio de 1950<sup>17</sup>. O Comandante da EEAR ainda era interino devido a patente de capitão<sup>18</sup>

Segundo Runha, o comando<sup>19</sup> e todos os departamentos da EEAR só foram

<sup>17</sup>(cont. do Bol. nº 101 de 5 de Maio de 1950 da E.T.Av.)

VI- Função Assuma o Comando do Destacamento de Guaratinguetá o Cap. Av. Mário Calmon Eppingaus, sem prejuízo de suas funções nesta Escola, ficando dispensado do mesmo o 1º. Ten. IG. RC. Oswaldo Runha.

<sup>18</sup> A patente para comandar a EEAR era de coronel-aviador.

<sup>19</sup> (cont. do Adit. Ao Bol. nº244 de 16 de Novembro de 1951 - E.E.Aer.)Transferência de Comando- Transição. O Comandante da Escola de Especialistas de Aeronáutica e os órgãos do Comando, transferiram-se nesta data, da sede de São Paulo, para a sede definitiva nas instalações da Antiga Escola Prática de Agricultura, no Município de Guaratinguetá. Em conseqüência os departamentos, órgãos, serviços e seções tomem

transferidos definitivamente para Guaratinguetá um ano e meio depois. Foram momentos imprevisíveis, embora a estrutura física da Escola Agrícola fosse boa, era muito afastada da cidade e a recepção aos possíveis “forasteiros” foi a pior possível. A hostilidade, brigas constantes, fizeram da transferência momentos de muita tensão.

O tenente-coronel Runha afirma que em seguida ao major Adhemar Lyrio mudou-se da sede da E.T.Av. para Guaratinguetá em caráter definitivo o Comandante da Escola de Especialistas de Aeronáutica, o coronel-aviador Anysio Botelho. Em 7 de outubro de 1953, foi extinta a E.T.Av., pelo decreto nº 34.095.

Com a extinção definitiva da E.T.Av. todo o material já havia sido transferido para a sede em Guaratinguetá.

O documento de mudança de número 1 encontrado em uma pasta de “Planejamento da mudança do ensino para Guaratinguetá, documentos de mudança”, determina: “deslocar o ensino de São Paulo para Guaratinguetá, restringindo ao máximo a interrupção dos cursos por ocasião do deslocamento. Os cursos cujo material de instrução seja leve, sofram uma interrupção de 10 a 15 dias. Os cursos cujo material de instrução seja pesado, sofrerão maior interrupção em função da desmontagem, transporte e instalação em Guaratinguetá”.

Foi feito um planejamento minucioso sob a responsabilidade do Coronel Botelho. Segundo Runha, foram dadas muitas *Ordens de Missão* para a transferência do material da E.T.Av. para Guaratinguetá, nos anos seguintes, até finalizar toda a transferência da escola.

No arquivo da EEAR foi encontrado o documento *Ordem de missão*, de nº 1 a 60. Essa documentação não estava em ordem numérica, faltavam alguns números, e estava em uma pasta denominada: Planejamento e Mudança da E. E. AER. São Paulo – Guaratinguetá “Ordem de Missão”. Coronel Botelho. Coronel Botelho foi o primeiro comandante da EEAR.

Observa-se nessas *ordens de missão* a sistemática e a disciplina, como eram feitas: datas, nomes, local para descarregar o material, objetivos, instrução para execução de mudança do material e término da missão, cuidados com material reservado e assinatura do major

---

conhecimento do fato. (cont. do Adit. Ao Bol. nº244 de 16 de Novembro de 1951 - E.E.Aer.) Extinção e criação de destacamento. Com o estabelecimento do Comando da Escola em sua nova sede no Município de Guaratinguetá, fica extinto o Destacamento da Escola de Especialistas de Aeronáutica em Guaratinguetá. Pelo mesmo motivo anteriormente citado, este Comando determinou a criação na cidade de São Paulo do Destacamento da Escola de Especialistas Paulo do Destacamento da Escola de Especialistas de Aeronáutica em São Paulo, destacamento esse sob o comando do Major Aviador Adhemar Lyrio, e com sede nas instalações da Rua Visconde de Parnaíba nº 1316 funcionará até o término das operações de mudança da Escola, de São Paulo para Guaratinguetá. (Do Bol. nº 245, de 14/XI/951, item V, da sede da EEAR.).

responsável, raramente com carimbo sem assinatura. Algumas notas de *ordem de missão* estão transcritas abaixo, na íntegra, dada a abrangência da disciplina<sup>20</sup>.

A ordem de missão de nº 4, destinada a material reservado, como material bélico, exigia um aparato diferenciado das outras ordens de missão<sup>21</sup>.

As ordens de missão nº 7 e 9 continuaram com a mesma sistemática em relação a: organização, detalhamento das funções, assinatura dos responsáveis.

Em somente duas ordens de missão constavam o carimbo com o nome e assinatura do coronel aviador Anysio Botelho, as outras missões eram assinadas somente Cel Botelho.

No sentido disciplina, observa-se que a sistemática para o aprendizado da disciplina deveria começar de cima para baixo, embora o aluno não concordasse com o comportamento ou alguma ordem de seu superior, deveria obedecê-lo.

Segundo Lavenère-Wanderley (1975 p:330) (...) *durante o ano de 1951 processou-se a mudança da Escola de Especialista de Aeronáutica, da Ponta do Galeão, para novas instalações na cidade de Guaratinguetá, nas quais a escola começou a funcionar a partir de 1951.*

Foram encontrados alguns boletins com ordem de transferência do material para Guaratinguetá. Esta mudança durou alguns anos, visto que o material era enorme e os meios de transportes precários para uma mudança de tal porte. (ANEXO 3)

A transferência da EEAR ocorreu em um momento difícil da Aeronáutica e do país. Foram anos difíceis conforme podemos perceber na agitação política do governo. Getúlio Vargas voltava ao poder aclamado pelo voto popular. *Vargas impôs o retorno de sua tradicional política econômica nacional com a volta do intervencionismo estatal e a recusa do capital estrangeiro, exceto quando muito necessário (Mendonça,1995, p. 53).*

---

<sup>20</sup> ORDEM DE MISSÃO N<sup>o</sup> 1- S.P., 16 de julho de 1951. Mudança do Ensino da EEAR para sua nova sede Guaratinguetá. Deverá seguir para Guaratinguetá: Tenentes –Walfredo Alfredo Alves dos Santos Rômulo Virzi Jarbas, Monteiro de Moraes, Ismael Kuhlmann Luiz Santos Corrêa Claudy Pereira da Costa, Murilo Guimarães Marques, Waldo Tapié Costa, Dalvis de Carvalho Alves, Expedito Flôr e para com os tenentes Clodomiro Bloise, Emílio Janssem, constituírem uma comissão que terá como:

**Objetivo:** Separar dentro das respectivas especialidades todo material, que deve atender ao ensino da escola em Guará, considerando a preferência para o material mais atualizado, comparativamente com o já existente em São Paulo. **Meios:** Livros, contendo a relação de caixotes dos respectivos Agrupamentos da antiga Escola, no Galeão, em poder do Cmt. do Destacamento. **Meios de Ação:** I - Cada oficial, após ter separado o material necessário, conforme previsto acima, deverá marcar os volumes, bem como, selecioná-los. Esta Relação deverá ser feita em 4 vias que terão o seguinte destino.

<sup>21</sup> Ordem de missão nº4 - S.P,20 de julho de 1951 – Deslocamento de material reservado I – O Sargento encarregado da escolta é responsável pelo material e viaturas desde a saída da Escola até sua entrega no destino.

II - Como se trata de material bélico, todas as precauções são necessárias.

III - Em hipótese alguma as viaturas ficarão estacionadas em qualquer lugar sem vigilância.

Manter este nacionalismo estava ficando difícil, pois existiam duas propostas distintas sobre desenvolvimento econômico para o país: uma defendia os grupos neoliberais, pregava a abertura de capital estrangeiro para modernizar a indústria brasileira. A outra defendia o nacionalismo, o capital nacional. Os grupos opositores ao projeto de Vargas, precipitaram uma crise política sem precedentes no país, culminando com seu suicídio. Anos mais tarde, o jornalista Carlos Lacerda, escrevendo sobre a morte de Vargas, disse: Nós da UDN preparamos o banquete para comemorar a queda de Vargas.... Com seu suicídio, Vargas puxou a toalha da mesa do banquete. Os ânimos estavam exaltados na política, ministros da Aeronáutica foram trocados algumas vezes num espaço de tempo muito curto, a agitação política foi intensa com o povo se manifestando nas ruas. Com o suicídio de Vargas os opositores levaram um susto pois esperavam o seu afastamento, jamais o suicídio e resolveram abandonar o plano de instalar imediatamente a ditadura militar e aceitar Café Filho como Presidente.

Em agosto de 1954 iniciou-se um período de grande agitação na vida política do Brasil. Elementos da guarda pessoal do Presidente Getúlio Vargas, ao realizarem um atentado contra a vida do jornalista Carlos Lacerda, no dia 5 de agosto de 1954, mataram o Major Aviador Rubens Florentino Vaz que, na companhia do jornalista, desembarcava de um automóvel em frente ao edifício em que Carlos Lacerda residia, na Rua Toneleiros, em Copacabana. Foi iniciado um Inquérito Policial- Militar, dirigido pelo Coronel- Aviador João Adil de Oliveira, que ficou conhecido na história do Brasil com o nome de “Inquérito do Galeão”; a devassa realizada durante as investigações do referido inquérito abalou profundamente a Nação e levou os chefes das Forças Armadas a exigirem a saída do Dr Getúlio Vargas da Chefia do Governo. O Dr Getúlio Vargas suicidou-se no Palácio do Catete, sede do Governo no dia 24 de agosto de 1954. O Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Nero Moura, dada a situação criada com a marcha de “Inquérito do Galeão”, pediu exoneração, que lhe foi concedida por Decreto de 18 de agosto de 1954; na mesma data foi nomeado Ministro da Aeronáutica e Brigadeiro Epaminondas Gomes dos Santos que não chegou a completar uma semana no cargo. Com o suicídio do Dr Getúlio Vargas, assumiu a Presidência da República o Vice Presidente Dr. João Café Filho, que escolheu para Ministro da Aeronáutica o Tenente - Brigadeiro Eduardo Gomes, o qual foi nomeado no mesmo dia 24 de agosto de 1954. A agitação no país e no seio das Forças Armadas continuou através do período em que foram realizadas as eleições presidenciais. Em 11 de novembro de 1955, um golpe de estado depôs da Presidência da República o Dr. Carlos Luz, Presidente da Câmara dos Deputados que, em 8 de novembro, tinha substituído o Dr. João Café Filho, que ficara impossibilitado de exercer a Presidência por motivo de doença. Em 11 de novembro de 1955, assumiu a Presidência da República o Dr. Nereu Ramos, Presidente do Senado Federal; na mesma data, foi exonerado das funções de Ministro da Aeronáutica o

tenente-brigadeiro Eduardo Gomes e nomeado para as mesmas funções o major-brigadeiro Vasco Alves Secco (LAVENÈRE-WAANDERLY, 1975 p:334, 335).

Em 1950, na ocasião da instalação da EEAR em Guaratinguetá, houve muitas insatisfações por parte das elites principalmente ruralista, lideranças políticas da cidade e também por parte dos agricultores com a perda da Escola Prática de Agricultura.

(...) A escola Agrícola foi desapropriada, eu sofri muito. (...) Os funcionários de outros Estados reclamavam a transferência para cá, os daqui, a oposição ficou indignada contra mim porque tirei uma Escola Agrícola para colocar uma escola de soldado e sargentos (COELHO, 1990, p: 20).

A mobilização contra o doação da Escola Agrícola para a Aeronáutica gerou naturalmente o desgaste político de Broca Filho, que, por causa disso, não conseguiu fazer o seu sucessor nas eleições seguintes, pois a campanha da oposição foi ferrenha, centrada justamente no referido fechamento, passando para os eleitores o que a cidade tinha perdido com a troca. (BARACHO, 2001 p. 5 ).

Na eleição de 1951, a derrota do Paulo de Castro Viana para Netinho teve vários fatores, entre eles, por paradoxal que pareça, a vinda da Escola de Especialista de Aeronáutica para Guaratinguetá (COELHO, 1990, p: 24).

Todo este desgaste político não terminou com a derrota de Broca Filho à sucessão na prefeitura; acompanhou-o durante toda a sua vida pública, uma vez que, tendo sido eleito para deputado estadual e quatro vezes para deputado federal, os votos recebidos em Guaratinguetá eram sempre inferiores aos recebidos nas cidades vizinhas.

Em depoimento sobre o assunto, chegou a extravasar: “Eu sofri muito, vou lhe contar; onde tinha menor votação para deputado nos meus 24 anos de mandato, foi em Guaratinguetá, perto de 4 mil, e fora tinha de 30 a 40 mil, gastando quase a mesma coisa nos dois casos”. (COELHO, 1990, p.25)

Para o ten-cel-esp-arm Sérgio Gonçalves Baracho, que fez uma síntese da bibliografia de André Broca Filho, a qual se encontra na biblioteca da EEAR, a pedido do brigadeiro-do-ar José Mongomeri Melo Rebouças, (...) seu maior mérito foi vislumbrar a oportunidade de levar para a cidade de Guaratinguetá a Escola de Especialistas de Aeronáutica, lutar por sua integração e consolidação na comunidade, pagando por isso um alto preço político que, mesmo assim, não o fez arrepender-se em nenhum momento do feito que, até sua morte, reconheceu como a sua contribuição maior para a cidade onde nasceu. Como cidade do

interior, não foi possível que o povo visse a verdadeira dimensão da substituição de uma escola deficitária e sem objetivos para uma Organização de Ensino Federal, que mudaria para sempre a vida da cidade (BARACHO, 2001, p: 1).

Contudo, outra corrente não concorda que a EEAR foi o único fator responsável pela derrota de André Broca Filho. Em entrevista com José Armando Zollner Machado, correligionário de André Broca Filho e Adhemar de Barros, atuante na política da cidade na década de 1950 nos grêmios estudantis, vindo a ser vereador, prefeito, e deputado estadual, afirma que a vinda da EEAR para Guaratinguetá contribuiu pouco para a “perda das eleições do nosso candidato. Outros fatores também influenciaram, como o desgaste político”. Zollner atribui a um erro crucial na campanha para as eleições: “começamos um ano antes com discursos quase todos os dias e isto desgastou”; as brigas políticas constantes, atribuídas ao nosso partido eram “plantadas” na população pela oposição; a nossa publicidade foi fraca, éramos aliados da Rádio Clube de Guaratinguetá. “Não sei porque a publicidade, a meu ver, não funcionou”.

A Rádio Clube de Guaratinguetá, propriedade de Francisco Sannini, simpatizante do partido de André Broca Filho, vetou outros políticos a discursarem na mesma., gerando um processo de vitimização, que foi muito bem explorado pelo outro candidato, através de uma bem montada estratégia eleitoral, que culminou com a alternativa da criação de um novo veículo de comunicação no município. Nascia então, a Rádio Liberdade, porta voz dos sem microfones. A nova rádio, nascida do esquentamento do processo político, começou a operar em caráter precário, praticamente clandestina, nas dependências do Clube Literário Recreativo de Guaratinguetá, que apoiava o grupo de Antônio Augusto de Carvalho Netto. Segundo Francisco Sannini Filho, na esteira de uma proximidade deste, com Afonso César, guaratinguetaense, então secretário particular do presidente Getúlio Vargas, foi possível rapidamente conseguir a concessão da rádio. Em seu trabalho de habilitação em jornalismo na Universidade de Taubaté – A história do Rádio no Brasil – esse episódio de criação de duas rádios, num mesmo município - num tempo onde eram raros, aqueles que possuíam um único veículo - veio a revelar um capítulo especial no segmento de implantação da comunicação radiofônica brasileira. Conforme seu relato, Carvalho Netto, com um microfone amigo, teve meios de multiplicar sua forte e convincente capacidade de comunicação, através de uma oratória que chegou muito mais sólida aos ouvidos do eleitorado. Tudo isso somado, culminou com a pouco prognosticada vitória da oposição.



O Reverendo Capitão Capelão da E. E. Aer., Padre Jayro Cantinho de Moura, celebrando a missa solene da 122.ª Turma. Assistindo o Ato, vê-se o Exmo. Sr. Brigadeiro Engenheiro Archimedes Cordeiro, Comandante da Escola, e o Sr. Prefeito de Guaratinguetá, Dr. Carvalho Netto, à direita de Sua Excelência.

Figura 5 – Carvalho Netto – Prefeito de Guaratinguetá (s/ data)

Antônio Augusto de Carvalho Netto, Netinho, como era conhecido, a convite de Joaquim Villela de Oliveira Marcondes, chefe político em Guaratinguetá, pelo Partido Social Democrático, PSD, aceitou o convite de Joaquim para integrar o grupo do PSD, fazendo uma frente de oposição a André Broca Filho. Netinho foi vereador de 1947 a 1951. Prefeito Municipal de Guaratinguetá de 1952 a 1955. Deputado Estadual de 1956 a 1959.

A insatisfação das elites com a vinda dos militares para Guaratinguetá, estendeu-se aos alunos da EEAR, bem como seus oficiais e familiares que chegavam de toda parte do Brasil.

Segundo depoimento de civis, oficiais e alunos, houve protesto de todas as formas: em jornais, abaixo-assinado, ataques aos alunos, oficiais e familiares, conversa em todas as rodas, principalmente das elites agropecuárias.

O telegrama enviado ao Presidente da República dá mostras dessa insatisfação.

Ex.mo. Sr. General Eurico Dutra

Palácio Catete Rio DF

População Guaratinguetá em mensagem publicada jornais assinada todas classes sociais sem distinção cor política, Câmara Municipal unânime, associações agrícolas locais e de todo Estado representaram assembleia estadual solicitando seja negada aprovação impensado convênio arbitrariamente feito Governador Estado, extinguindo Escola Prática Agricultura para nela funcionar Escola Técnica Aviação, pt. Tomando liberdade dirigir-me a V.Ex em nome Comissão popular e entidades acima, venho reiterar solicitação já enviada a V. Ex. no sentido ser mantida em nossa cidade Escola Prática Agricultura, localizando-se noutro ponto Estado Escola Técnica. Pt. Apelando para o patriotismo de V.Ex. cujo governo se vem imponto pela sua reconhecida honestidade, critério e ponderação nas decisões, que visam sempre atender altos interesses nacionais, entre eles desenvolvimento agricultura pecuária, base progresso nossa pátria, Guaratinguetá e Vale Paraíba esperam ficar devendo a V.Ex. mais esse ato patriótico de ser mantida Escola Agricultura em Guaratinguetá, pois apresentando melhores agradecimentos a V.Ex. pela bondosa atenção relevante assunto, saúdo a V.Ex. respeitosamente.

João Batista Rangel de Camargo, Advogado, fazendeiro, Presidente do Centro Social, Suplente Deputado Federal São Paulo.

Em entrevista com o coronel Oswaldo Runha, suas impressões foram as melhores em relação à cidade, embora reconheça que os embates não foram favoráveis: “quando aqui cheguei fiquei eufórico, muito rapidamente gostei da cidade embora não tivesse amigo nenhum nem conhecesse ninguém. Gostei muito do panorama que a escola apresentava e me adaptei muito rapidamente com a escola. Morei uns 20 anos em Guaratinguetá, deixando muitos vínculos na cidade.”

O tenente-coronel Runha recebeu o título de Cidadão Honorário Guaratinguetense, em 20/09/68, res nº 223<sup>22</sup> e somente foi embora para sua terra natal, São Paulo, em 1983, após o falecimento de sua esposa.

---

<sup>22</sup> Percebe-se que realmente foram poucos os militares a receberem este título. De 1952 a 1999, somente 8 receberam o título de 158, isto é 5.1%. Vindo inclusive a confirmar o que o coronel Oswaldo Runha disse em entrevista: “As coisas começaram a acalmar na década de 60”.

## CAPÍTULO 2 O Quartel

### 2.1 A vida no quartel: rotina, disciplina, mazelas e alegrias,

Compreender a instituição Escola de Especialistas de Aeronáutica e seus mecanismos de funcionamento não é uma tarefa fácil. Para fundamentar as análises desta pesquisa foram estudados autores cujos temas são correlatos ao da pesquisa, como Michel Foucault em **Vigiar e Punir**, que leva ao entendimento da disciplina, punição, aceitação. Foucault relata os artifícios usados para moldar um ser humano através da alma, corpo e suplício, e mostra com mais profundidade vários tipos de instituições e seus movimentos internos.

Erving Goffman, com seu livro **Manicômios, Prisões e Conventos**, colabora no sentido de obter informações na estrutura de funcionamento de instituições fechadas, na qual a EEAR se enquadra por ser uma instituição fechada.

Neste capítulo pretende-se compreender o cotidiano do aluno, da estrutura militar da escola e como são estabelecidas as exigências militares.

Para Goffman as instituições totais se dispõem em cinco agrupamentos e um deles se refere ao quartel: “Há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões” (GOFFMAN, 1961, p:17).

Baseado em Goffman, pode-se afirmar que os alunos militares eram chamados aos quartéis para o trabalho. Este aluno militar estaria trabalhando para a nação.

A estratégia da militarização psicológica, converter toda uma classe de trabalhadores em soldados da Pátria. (...) acarretava graves danos aos trabalhadores (LENHARO, 1986, p.86).

Se transformar o operário em soldado causava graves danos ao operário, transformar o soldado em operário da nação, com uma disciplina estreita, qual não seria o dano causado a este militar? Segundo Lenharo, no Brasil de Vargas todos eram soldados. A economia de guerra afetou os operários industriais. No comício de 1º de maio 1942, Vargas proclamou: “Soldados, afinal somos todos, a serviço do Brasil” (MACHADO apud LENHARO, 1986, p.86). Vargas associava o patrão ao operário, enquanto os militares eram associados a nação. Esta estratégia de associar os alunos à pátria, construindo a nação, fazia com que os militares aceitassem com mais facilidade todos os sacrifícios impostos a eles, enquanto o operário civil reconhecia somente o enriquecimento de seu patrão, uma pessoa igual a ele.

Com um discurso militar em prol da nação, os alunos iam adquirindo um conceito novo de suas responsabilidades como militar.

Porém, para os alunos, existia uma mistura entre estudantes civis e militares. Um ex-aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Ar de Barbacena, Synval Delano Motta Runha, reclamava que: “quando o feriado era estudantil, nós éramos soldados, e quando o feriado era para soldados nós éramos estudantes”, sentindo-se injustiçado (Entrevista Synval Delano Motta Runha).

Questiono se a partir da sutileza de um simples feriado, já não seria uma forma de inculcação ao aluno as regras militares num processo vindo de cima para baixo?

As regras são colocadas a todo momento, muitas vezes imperceptíveis ao aluno, como “o professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo”. (GAZETTE DES TRIBUNAUX apud FOUCAULT, 1977, p: 161).

O controle deveria ser imposto de forma suave, diariamente, a todo instante,

(...) exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam. Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 1977, p: 163).

Pelo discurso militar, o profissionalismo militar, por ser a expressão da nação, de ordens hierárquicas, sem qualquer chance de reivindicação, só é realmente adotada como carreira pelas pessoas com sentimento elevado de nacionalismo, sentimento este que pode ser inculcado ao longo do processo de militarização, caso contrário o aluno pede baixa ou permanece para o resto de sua vida alheio ao sistema.

A profissão militar é expressão de identidade nacional, somente aqueles que possuem fortes sentimentos de nacionalismo tendem a abraçá-la. Justamente por isso, somente aos cidadãos natos pode-se dar confiança (JANOWITZ, 1967, p: 81).

Para o tenente coronel Oswaldo Runha<sup>23</sup>, como a Aeronáutica Brasileira crescia muito rapidamente na década de 1950, exigindo alunos cada vez mais qualificados para suas funções, a idéia de um regime militar mais preocupado com a persuasão e consenso grupal já vinha se destacando nas Forças Armadas e conseqüentemente de forma mais contundente na Aeronáutica. Fazer cumprir a disciplina por meio de violência ou dominação autoritária estava fora de cogitação, não era mais aceitável o padrão de brutalidade no militarismo, pois o homem civil começava a exigir algumas respostas de seus oficiais graças a seu nível cultural e técnico, não tão inferior assim. Começaram a ser mencionados como fatores de disciplina, palavras como: “auto-respeito, liderança, eficiência, motivação, produtividade, lealdade, moral”( JANOWITZ, 1967, p: 41 ).

Eram necessárias novas técnicas pedagógicas para inculcar no aluno uma forma moderna de disciplina. Para o tenente-coronel Runha, os alunos precisavam de disciplina e carinho ao mesmo tempo. Muitas vezes longe da família, um regime militar com muitas exigências causava desistência. Janowitz afirmava que para o capitão Ellis, oficial da cavalaria cheia de tradições, “o componente essencial da disciplina era a rígida observância das normas, regularidade, subordinação e devoção ao governo estabelecido. Ao expor uma disciplina militar baseada na dominação autoritária, ele afirmava que "pode ser necessário a um comandante de companhia recorrer a medidas extremas para fazer cumprir sua disciplina"(JANOWITZ, 1967, p:41).

Começava um tempo mais ameno para o militarismo, trocava-se a autoridade, o castigo o suplício, por uma gentileza pouco vista no meio militar. Mas, com toda suavidade que se procurava obter, o aluno fora da disciplina regulamentada era rigorosamente punido.

(...) Este artigo nos ajuda a situar a época em que se tornou relevante a afirmativa de que a disciplina e a autoridade militares não se deviam basear na dominação autoritária, e sim numa maior utilização de manipulação, persuasão e consenso grupal. Essa tese representa o começo de uma atitude mais racional e mais administrativa com relação aos problemas de se organizar homens para combate. Em 1905 o Exército achava-se em processo de reorganização, transformando-se numa instituição moderna em grande escala. O Capitão Stewart, um oficial da infantaria, percebia que a composição social do pessoal alistado teria de mudar; os exércitos modernos não podiam mais ser integrados pelos proscritos da sociedade civil. Enquanto procurava desfazer a imagem pública negativa da instituição militar e tornar aceitável a idéia de serviço em tempo de paz, ele redefinia, simultaneamente, para seus colegas oficiais, os fundamentos da disciplina militar. Suas formulações profetizavam o "conceito de equipe" do moral: "Sucintamente, a atmosfera do Exército atualmente é uma atmosfera de vidas limpas, trato honroso, uma entusiástica devoção à pátria, uma atmosfera construída por um sistema de rígida disciplina cujo objetivo é antes a correção e o estímulo, que a punição do indivíduo".

---

<sup>23</sup> “É considerado militar, segundo o código da Aeronáutica, qualquer pessoa que, em tempo de paz ou de guerra, seja incorporada às Forças Armadas, para nelas servir em posto, graduação, ou sujeição à disciplina militar”.

Salientava as técnicas positivas que, em seu entender, melhor asseguravam a disciplina militar: interesse pelo bem estar material do soldado, competência da liderança e instilação de “ânimo e autoconfiança” (JANOWTZ, 1967, p: 40

Para um bom termo entre disciplina, ordem, hierarquia, era preciso que o aluno e o oficial conseguissem distinguir a diferença entre situações em tempo de paz e em tempos de guerra. Em tempos de guerra, um oficial não podia perder tempo com explicações. Era preciso ser lacônico e ríspido: “Faça isto agora. É uma ordem”. Quando o tempo era menos exigente cabia ao oficial a sabedoria de temperar um não, dando alguma explicação se julgasse necessário. “Alguns oficiais tornam-se tão hábeis em apresentar decisões desagradáveis, que raramente deixam uma pessoa triste ou ressentida” (JANOWTZ, 1967, p: 46).

O oficial e o aluno precisariam reconhecer esta diferença, para que esta nova pedagogia pudesse manter-se dentro da organização, “quando a disciplina militar se baseava na dominação, os oficiais tinham de demonstrar que eram diferentes dos homens a quem comandavam. Hoje, os líderes devem continuamente demonstrar sua competência e capacidade técnica, para que possam comandar sem recorrer a sanções arbitrárias e extremas. Antigamente, o lema nas forças armadas era “Faça continência às divisas, e não ao homem”, porquanto a autoridade era formal. Os papéis militares contemporâneos, porém, dependem das qualidades dos homens que ocupam posições profissionais”. (JANOWITZ, 1967, p: 46 ).

Percebem-se muitas dificuldades para passar essa nova estratégia aos oficiais mais antigos, acostumados a outro tipo de cultura militar.

A Aeronáutica surgiu porque os militares não aceitavam mais o comando do Exército nem da Marinha. Segundo os militares, esses oficiais eram incapacitados para opinarem sobre qualquer assunto relacionado a aviação.

Na década de 50 continuava o respeito às divisas e ao posto ocupado pelo superior. Porém, com o avanço tecnológico, a escola que funcionava no regime militar, com a presença americana e muitos civis, se adequou a esta fase, com um respeito maior aos alunos militares. “(...) as novas técnicas administrativas exigem longos períodos de treinamento e altíssimos níveis de lealdade organizacional. Muita confusão e tensão existem nas forças armadas; oficiais de tradições mais antigas têm de se ajustar e reajustar às exigências de uma organização cada vez mais tecnológica” (JANOWTZ, 1967, p: 49).

Continuando com as observações de Janowitz, a profissão militar é mais do que uma ocupação; “é todo um estilo de vida”. O militar faz parte de uma comunidade muito restrita, logo, com muitas exigências.

Paralelamente aos ensinamentos técnicos de uma aeronave, o militar é preparado também para a guerra, podendo ter de deixar seus compromissos familiares, sua rotina de um momento para o outro. Para que o militar possa trabalhar com eficiência, é preciso que ele tenha um forte senso de solidariedade.

Mesmo com as regalias militares como: casa, área de lazer, uniformes, assistência médica, salários garantidos, estabilidade, chances de promoções, havia a questão salarial. Todos consideravam que o salário não era o que movia realmente o aluno a ficar na Aeronáutica e a continuar, depois de formado, havia algo mais. Talvez essa nova identidade, a vontade de servir a nação, uma nova consciência.

Citando como exemplo Alfred Thayer Mahan, em 1895, escreveu sobre as vantagens de uma carreira naval: "Em nenhum caso ela renderá compensações financeiras; mas talvez haja sempre honra, tranqüilidade de espírito e ocupação digna - que são as melhores garantias da felicidade" (MAHAN apud JANOWITZ, 1967, p: 217).

Este mesmo assunto foi abordado em 1950, quando um oficial das Forças Armadas Americanas foi mais comedido ao expor a questão: "realmente, se o amor ao dinheiro fosse a mola propulsora de todas as atividades americanas, o oficialato há muito se teria desintegrado" (JANOWITZ, 1967, p: 217).

Todos os ex-alunos entrevistados para esta pesquisa afirmaram que o salário poderia ser maior; primeiro pela dedicação exclusiva a Aeronáutica; segundo, pela vida de incerteza, pois a cada momento os militares estavam morando em um lugar diferente, causando prejuízo à vida familiar, quando esta era constituída, e em terceiro, por terem de partir em caso de guerra.

Acreditam geralmente os profissionais militares que seu padrão de vida não foi mantido em nível adequado desde o fim da II Guerra Mundial. São assaltados por um sentimento de "privação subjetiva" e acham que o bem-estar material do resto da sociedade está de algum modo crescendo mais depressa do que o seu. (...) a depressão e a expansão econômica do após-guerra tiveram diferentes conseqüências para as profissões assalariadas e liberais. Durante a depressão, os salários de profissionais, inclusive professores e oficiais militares, pouco diminuíram, ao passo que os das profissões liberais caíram até dois quintos. Depois de 1942, a situação quase inverteu-se: os salários de professores e oficiais aumentaram em 50 por cento e 33 por cento, respectivamente, de 1940 a 1950, mas os ganhos dos médicos mais que dobraram, e os dos advogados quase dobraram. Assim, em comparação com trabalhadores e profissionais por conta própria, os militares lucraram menos com o crescimento econômico. Além dessas tendências, o descontentamento está ligado a uma inclinação cada vez maior de os oficiais militares compararem sua sorte com a de gerentes industriais, em parte porque as qualificações do administrador militar são agora mais passíveis de transferência para a empresa comercial e industrial civil. Segundo esta comparação, os salários militares estão cada vez mais em desvantagem. Um estudo administrativo demonstrou que na Força Aérea, de 1951 a 1955, os salários de generais-de-brigada aumentaram em 6 por cento, ao passo que "uma amostra semelhante de executivos industriais tivera seus salários aumentados em 26 por cento. Em 1958, a escala salarial dos militares foi revista e substancialmente aumentada a fim de tornar as forças armadas mais competitivas com o emprego civil e reduzir a movimentação de

peçoal. Na verdade, nas forças armadas a movimentação de pessoal não é muito maior do que nos empregos civis, exceto entre alguns especialistas em eletrônica muito selecionados, membros do pessoal alistado; contudo, a movimentação de pessoal é muito mais prejudicial à organização militar do que na empresa civil. Durante muito tempo os militares têm recebido remunerações especiais a título de incentivo por combate e perigo de vida. A escala salarial revista acrescentou uma categoria de "soldo de responsabilidade", que varia de 50 a 150 dólares mensais, para oficiais especialistas, de capitão a coronel. Ademais, os índices mostram uma tendência a longo prazo de os salários militares mais baixos aumentarem mais, proporcionalmente que os mais altos. O aumento percentual no soldo de recrutas de 1908 a 1948 foi de 400 por cento; 57 por cento para segundos tenentes; e 11 por cento para generais-de-divisão. Embora o plano de 1958 procure desacelerar esta tendência, ela continua a ser ainda um aspecto em que a comunidade militar segue costumes acentuadamente igualitários em comparação com a estrutura social civil. Sem dúvida alguma, o oficial de grande gabarito ganha pouco, em comparação com seu equivalente civil da indústria e do comércio. Em todos os níveis da profissão há sempre um sentimento de ter perdido a oportunidade de ganhar muito dinheiro, que se acredita ser na vida civil uma questão de sorte e oportunidade. Além disso, os militares se ressentem por acreditarem que as forças armadas arcam com responsabilidade cada vez maiores, sem que sejam para isso condignamente remuneradas. A alegação é sustentada pelos resultados de um estudo realizado para justificar maiores salários militares. Na Força Aérea, em 1955, o general-de-brigada que segundo informes ganhara em média 12.230 dólares, tinha sob sua direção 2.400 empregados e era responsável por um patrimônio de 35 milhões de dólares. Em comparação, os executivos industriais ganhavam uma média de 59.300 dólares, dirigiam 1.000 empregados e responsabilizavam-se por um patrimônio de 2,5 milhões de dólares (Janowitz, pp. 180, 181, 183).

Na década de 60 os alunos foram sendo agregados a vida civil da cidade, permanecendo ainda um resquício dos tempos difíceis da transferência da escola para Guaratinguetá. Contudo, mesmo com a aproximação com os civis, o protocolo e o estilo de vida militar mantiveram-se diferenciados em relação à sociedade local, persistindo o protocolo militar. De certa forma, a permanência de um protocolo rígido foi um facilitador para um bom entrosamento social, uma vez que o aluno militar deveria fugir de qualquer briga na cidade e evitar atritos entre seus colegas militares. Para o tenente-coronel Runha, um aluno muito brigão era um problema para a instituição militar. Caso o aluno não se comportasse bem, poderia ser desligado da incorporação.

Estilo de vida: A regulamentação minuciosa do estilo de vida militar tem o fim de realçar a coesão grupal, a lealdade profissional e manter o espírito marcial. Em boa medida, a doutrinação militar tem sido eficiente devido à comunidade relativamente fechada em que os militares têm vivido. Por sua vez, o estilo de vida da comunidade militar contribui para a autoconsciência e autoconfiança da elite militar. Tradicionalmente, a comunidade militar tem sido segregada mais nitidamente da vida civil nos Estados Unidos do que nas principais nações da Europa Ocidental. Este isolamento social ajudou a profissão militar a manter suas características e valores próprios. A influência de tradições aristocráticas era fraca; a ética comercial e capitalista, que menosprezava as virtudes do soldado profissional, era poderosa<sup>24</sup>. (JANOWITZ, 1967, p: 175).

<sup>24</sup> (...) durante grande parte de sua história passada, o Exército esteve localizado em distantes postos de fronteira, combatendo os índios. O tamanho minúsculo de sua oficialidade, em comparação com a dos exércitos permanentes da Europa, ajudou a provocar isolamento social. O sistema de acantonar o grosso das forças terrestres em postos distantes, em parte devido à tradição, e em parte por economia, refletiu também o desejo civil de afastar as forças armadas, pelo menos da vista (JANOWITZ, 1967, p: 175).

### **A ruptura com a família**

Para o aluno, jovem entre 16 e 23 anos, sem dúvida, a ruptura com seus familiares e com seu meio ambiente, o tornava vulnerável e algumas vezes muito frágil, renegando até a continuidade do curso. O sistema de internato era necessário para que se pudesse “adestrar” o aluno com mais eficiência, e para que este pudesse adquirir uma identidade militar baseada na (...) disciplina, obediência e constante submissão. As ordens devem ser cumpridas fielmente sem hesitação e murmúrio. O subordinado só pode reclamar depois de haver obedecido. (...) A disciplina só é real e proveitosa, quando se traduz em atos voluntários do subordinado, ditados pelo seu desejo de cooperar livremente para a missão espinhosa da corporação a que pertence. Todo empenho do superior deve consistir em inspirar a seus comandados tão fecundas disposições morais. **(Regulamento para Instrução e Serviço Interno do Corpo do Exército, 1909, p. 10).**

Formar uma nova identidade baseada na moral, obediência cega e na disciplina requer tempo, afastamento de seu meio social e muita disciplina.

Para Janowitz, relações sociais, liderança pessoal, benefícios materiais, doutrinação ideológica e a justiça e o significado dos objetivos de guerra, tudo isto agora faz parte do moral militar (JANOWITZ, 1976, p: 41).

O aluno, ao entrar na EEAR, recebe todas essas informações diariamente, a todo momento, seja na forma de normas diárias estabelecidas ou pequenos atos como: cumprir horários rígidos, maneira de falar ou andar, estudos obrigatórios, excessiva educação física, ou na forma de símbolos, como o uso do uniforme completo o dia inteiro, saudações de continência ao superior, hasteamento da bandeira, parada obrigatória todas as manhãs.

A união de todo esses movimentos diariamente vai internalizando na vida do aluno, e em poucos meses ele será um homem diferente de quando chegou, com uma outra identidade, embora sem ter esquecido as suas raízes culturais e sociais, estas impregnadas em si, a menos que o aluno tenha decidido esquecer o seu passado, o que não é comum. (...) Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar oficiais obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade (FOUCAULT, 1977, p:155).

O aluno empregará diferentes maneiras individuais para se adaptar às novas condições. Para Erving Goffman existem quatro momentos distintos de adaptação: em primeiro, a tática de “afastamento da situação”; em segundo, a tática de “intransigência”; em

terceiro lugar a tática da “colonização”; e em quarto, a tática da “conversão”, onde o internado parece “aceitar a interpretação oficial e tenta representar o papel do internado perfeito”( GOFFMAN,1961, pp. 59-61).

A tática da conversão parece ser a mais usada entre os alunos da escola: (...) o internado parece aceitar a interpretação oficial (ou da equipe dirigente) e tenta representar o papel do internado perfeito. Se o internado “colonizado” constitui, na medida do possível, uma comunidade livre para si mesmo, no usar os limitados recursos disponíveis, o convertido aceita uma tática mais disciplinada, moralista e monocromática, apresentando-se como alguém cujo entusiasmo pela instituição está sempre à disposição da equipe dirigente. Nos campos chineses de prisioneiros de guerra, encontramos norte-americanos que se tornaram a favor e aceitaram integralmente a interpretação comunista do mundo. Nos quartéis, há convocados que parecem sempre “satisfeitos “ e em busca de promoções (GOFFMAN,1961, p: 61).

Esta condição parece ser a mais adotada pelo aluno militar, que continua aceito por seus superiores sem correr o risco de ser desligado e passa a construir sua “nova identidade”, dependente da instituição a que se submete.

No *Regulamento para Instrução e Serviço Interno dos Corpos do Exército* de 1909, no capítulo I, Artigo 1º (...) “são instituições nacionais permanentes, destinadas a defesa da Pátria no exterior e a manutenção das leis no interior”.

Esta nova identidade está clara neste artigo: servir a Pátria e manter a ordem, e para inculcá-la, algumas providencias são tomadas:

O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizadas no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigada a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição ( GOFFMAN,1961, pp: 17-18).

## **AS AULAS**

As aulas de ensino básico funcionavam pela manhã e, à tarde, as aulas práticas e militares. Com a rígida organização militar, o convívio entre os alunos e professores era mantido sob controle. Alguns professores civis mostraram-se inteiramente partidários aos alunos, inclusive com um pouco de paternalismo. Para o tenente Dias, era importante logo no início das aulas mostrar que ele estava ali como professor, mas também como um bom amigo, pronto para ajudar, como pode-se constatar em parte da carta enviada ao professor Dias por um aluno, representando a sua turma: “Bom dia caro mestre, bom dia caro professor, queremos render homenagens, com carinho pro senhor, que hoje vai nos deixar. (...) com tristeza e saudação, queremos agradecer do fundo do coração, pois sempre nos deu carinho e nos deu muita atenção. Nos tratando não como alunos, mas tratando-nos como irmão”.

Mesmo com uma estrutura em mudança a intimidação continuava, para testar a tolerância e o auto-controle do aluno: “O sistema de intimidação ainda persiste, de modo a operar uma rápida transição da vida civil para a profissão militar. O novo recruta é submetido durante algumas semanas aos rigores da vida militar, estando sujeito à intimidação durante seus primeiros anos. As autoridades investidas da responsabilidade de manter as tradições vêem essas sobrevivências como provações que permitem ao recruta determinar a profundidade de sua dedicação à vida militar. As rotinas intermináveis e o sistema de intimidação dos calouros justificam-se como um meio de ensinar auto-contrôle, bem como resistência ao pânico” (JANOWITZ, 1967, pp. 131).

## **A Quarentena**

A quarentena iniciava quando o aluno ingressava na escola. Os alunos ficavam quarenta dias sem sair, e sem receber visitas. Era o começo para a formação de uma identidade militar. Os internos sentiam constante coação ou cobrança de todos seus atos; era como se lhes tirassem o raciocínio e a capacidade de pensar, inculcando diariamente a doutrina militar. Com estas doutrinas colocadas em seu comportamento, sucessivas mudanças aconteciam em suas crenças, e a respeito de si próprio. Segundo Goffman, é “característico dos internados que cheguem à instituição com uma cultura aparente, uma forma de vida e um conjunto de atividades aceitas sem discussão até o momento da admissão na instituição. O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições”(GOFFMAN, 1961, pp: 23-24).

Sem contato com a família, com hábitos diferentes, disciplina rígida, alguns desistiam, e os que resistiam a esta “empreitada” precisavam moldar-se à vida militar, o que significava aceitar os padrões impostos de cima para baixo, com uma doutrina e disciplina rigorosas. Para Goffman, quando a entrada em uma instituição é voluntária o novato já se afasta de seu mundo doméstico e o que é nitidamente cortado pela instituição é algo que já tinha começado a definir. Mesmo com toda a dificuldade em relação à distância dos laços familiares, alunos que conseguiam passar pela quarentena sem grandes problemas, estariam ao final dela adestrado para início de uma carreira nos moldes militar. Para o ex-aluno Felipe Duarte Leques, nº 530203114<sup>25</sup>, que adorava avião e estava na instituição por sonho de uma carreira militar, perguntado se faria tudo outra vez disse que “foi um tempo muito bom apesar de estar longe de casa. Não teria a menor dúvida em começar tudo outra vez. Com toda experiência que tenho hoje faria igual a cinquenta anos atrás”.

O tenente coronel Camerotte afirmou: “A quarentena não foi fácil, principalmente para um jovem nos seus 17 anos de idade. A saudade de casa era grande, mas a vontade de ficar dava força para não amolecer” (Entrevista tenente coronel Camerotte).

Segundo o tenente-coronel Liz: (...) A Escola tomava todo nosso tempo. Nos dava apoio, cuidava da nossa saúde, alimentação e roupa lavada. No primeiro ano ainda tínhamos o estudo obrigatório, das 19h00 às 21h00. As 22h00 dormíamos cansados, não nos dando tempo para pensar muito na família (Entrevista tenente-coronel Liz).

“ Em muitas instituições totais, inicialmente se proíbem as visitas vindas de fora e as saídas do estabelecimento, o que assegura uma ruptura inicial profunda com os papéis anteriores e uma avaliação da perda de papel. Uma descrição de vida de cadete numa academia militar dá exemplo disso: A ruptura nítida com o passado precisa ser efetivada em tempo relativamente curto. Por isso, durante dois meses os calouros não tem permissão para sair da base ou ter relações sociais com não – cadetes . Esse isolamento completo ajuda a criar um grupo unificado de calouros , e não uma coleção heterogênea de pessoas com alto e baixo *status*. Os uniformes são distribuídos no primeiro dia, e são proibidas as discussões de dinheiro e antecedentes de família. Embora o cadete ganhe muito pouco, não pode receber dinheiro de casa (GOFFMAN,1977, pp: 24-25)

As atividades da EEAR eram regidas por um regulamento militar. Todo aluno tomava conhecimento desse regulamento logo na quarentena e deveria se enquadrar para tornar-se um bom cumpridor de regras.

Perguntado a alguns ex-alunos o que eles não gostavam do regulamento, vários responderam que não gostavam de entrar em forma às 21h00, para responder o pernoite.

---

<sup>25</sup> O ex aluno Leques tem hoje 72 anos.

Segundo o tenente coronel Camerotte (...) Achávamos que à noite deveríamos ter liberdade para voltar a hora que quiséssemos (Entrevista tenente coronel Camerotte).

Consideravam desnecessário o rigor noturno, pois gostavam de dar uma fugida para encontrar as namoradas “todo rigor desnecessário, toda punição não determinada nas leis e regulamentos, suscetível de provocar sentimentos contrários ao dever militar, bem como todo ato ou gesto afrontoso de um superior para com seu subordinado, e mormente deste com aquele, constituem grave falta disciplinar. (...) obedecer é tão digno como comandar; ambos são exercícios do mesmo dever social. As manifestações de disciplina são tão importantes num Exército, que bastam para caracterizá-lo” (Regulamento para instrução e serviço interno dos Corpos do Exército p: 10). Para os alunos o rigor noturno era desnecessário, mas sem dúvida uma forma de controle de todas as horas do dia e noite.

### **Alvorada , alojamento, refeitório**

A alvorada era às 5h15 horas da manhã, com toque de corneta feito pelo pessoal de apoio.

Em entrevista com o tenente-coronel Liz ele afirmou que: “a alvorada era às 5h15 da manhã. Esperávamos sábado e domingo com ansiedade para poder dormir até mais tarde e depois tomar café no armário do China. O armário do aluno China tinha, leite, pão etc. Era o maior quebra-galho”(Entrevista tenente coronel Liz).

O aluno deveria levantar-se imediatamente, fazer sua higiene pessoal: a doutrina da higienização era rigorosa com o aluno. O comandante da esquadrilha era o responsável por passar aos alunos os hábitos de higiene pessoal, como: tomar banho, escovar os dentes, uniformes limpos, cabelos cortados tipo reco<sup>26</sup>, barba feita, unhas limpas e cortadas e um cuidado especial com os pés para evitar muitos tipos de doença, que para Runha era essencial. Para Lawrence, antigamente, os soldados precisavam tirar as botas e as meias, e apresentar os pés para o exame de um oficial” (LAWRENCE apud GOFFMAN,1961, p:35).

Em um período muito curto o aluno se enquadrava a esta rotina militar. Após a higiene pessoal, o aluno deveria uniformizar-se impecavelmente, guardar no devido lugar o uniforme fora de uso, semelhante a afirmação de Laurence no livro de Goffman, “A túnica devia ser dobrada de tal forma que o cinto formasse uma beirada reta. Sobre ela, as calças, dobradas de acordo com a área exata da túnica, com quatro dobras viradas para frente. As toalhas eram dobradas uma, duas, três vezes, e colocadas no protetor azul. À frente deste, um colete

---

<sup>26</sup> Cabelo cortado tipo militar: raspado em baixo, e um pouco maior na parte superior da cabeça.

retangular. Em cada lado, uma polaina enrolada. As camisas eram dobradas e colocadas aos pares, como tabletes. Antes delas, os calções. Entre elas, bolas bem feitas de meias. Nossas mochilas ficavam abertas, com faca, garfo, colher, navalhas, pente, escova de dente, escova para banho, botões.- nessa ordem” (LAURENCE apud GOFFMAN, p:43).

A sistemática dos pequenos detalhes diários era o que conseguia criar no aluno hábitos dóceis e organizados.

As camas eram beliches, arrumadas em um mesmo modelo. O lençol deveria ser esticado com perfeição e o cobertor dobrado e colocado aos pés da cama. Segundo o tenente coronel Camerotte, um dia ele arrumou o cobertor com o desenho de uma asa (símbolo da Escola) e quando o comandante da companhia viu, gostou tanto que passou a usar a dobra daquela forma, o que causou um transtorno enorme em seus colegas de alojamento, que eram em torno de 100.

Os beliches deveriam estar sempre alinhados com perfeição. Um esquecimento seria motivo para um pernoite no final de semana, o que significaria ficar sem sair para a cidade, ou estar longe das namoradas, ponto essencial de apoio ao aluno. “Os alojamentos e suas instalações eram bem montados, tudo bem confortável. Eram fiscalizados nos mínimos detalhes. Havia até prêmio para os alunos que conservassem tudo bem arrumadinho” (Entrevista coronel Arany).

Ao lado dos beliches existia um armário individual onde cada aluno guardava seus pertences trancados. A limpeza e a ordem do alojamento ficavam totalmente por conta dos alunos que deveriam fazê-las esta logo ao amanhecer.

Logo após outro toque, os alunos deveriam dirigir-se ao “rancho”<sup>27</sup> para fazer a refeição matinal. O primeiro refeitório dos alunos foi construído pela antiga Escola de Agricultura. Como o refeitório era pequeno para grande número de alunos, soldados, cabos, sargentos e oficiais, os alunos eram divididos em companhias.

## **O refeitório**

“O rancho da Unidade não comportava o efetivo, bem como a cozinha, por insuficiência de panelas, não atendendo simultaneamente o número de refeições a serem servidas, sendo necessário se fazer sucessivas cocções, aumentando assim consideravelmente

---

<sup>27</sup> “Rancho” é o nome dado ao refeitório em bases militares.

a usura da caldeira e dos panelões”. ( Ministério da Aeronáutica, diretoria de ensino, Escola de Especialistas de Aeronáutica Relatório Anual, 1955).

Assim, era servida uma companhia por vez. A última companhia a comer se sentia um pouco prejudicada, pois deveria comer muito rápido, para não chegar atrasada nas atividades escolares previstas.

Devido ao tamanho pequeno do refeitório e não atendendo mais satisfatoriamente seus usuários, foi construído um outro maior. No refeitório, a comida era de boa qualidade, e com bastante fartura. Na parede ao centro estava escrito: “Tire o que quiser, mas coma o que tirar”.

Alguns alunos reclamavam da alimentação, e pela constância daquilo que chamavam de FAB - feijão, arroz, batata e carne. A batata era servida no famoso “picadinho”, isto é, ensopada com carne picada.

O aluno, quando chegava à EEAR normalmente ganhava peso, comprovando assim a qualidade da comida e a organização nos horários. Conforme Camerotte: “Sabíamos que se não comêssemos nos horários previstos pela escola não teríamos outros recursos alimentares”.

### **Uniformes e horários**

Art. 2º O militar da Aeronáutica deve considerar o uso de seus uniformes como motivo de orgulho pessoal, devendo apresentar-se como apuro e correção pois, o uniforme representa o símbolo da autoridade militar com as prerrogativas que lhe são inerentes.

A farda nivela ricos e pobres, subordinando-os aos mesmos serviços, obrigando – o a mesma disciplina. O filho do industrial está sujeito às mesmas condições impostas ao filho de um humilde lavrador. (Bueno, Luiz Carlos da Silva, tenente brigadeiro do Ar, comandante da Aeronáutica, Jornal Folha de São Paul, 8/junho/ 2004).

Para os alunos a farda representava a imagem do aluno militar, a postura varonil, a Pátria. (...) “o uniforme tem grande importância na formação militar. Uniformes discretos, mas dando um toque característico de uma corporação, muito contribui para a formação militar e mesmo moral dos elementos componentes da corporação. ( Memorial Histórico da E.T.Av., 1945,p.17). Esta inculcação no aluno canalizava para a farda, e depois para a bandeira; o uso do uniforme era o sentimento mais forte em defesa da nação.

O aluno sabia que o cuidado com o uniforme era imprescindível e deveria mantê-lo impecável. Mesmo o uniforme sendo um caminho mais fácil para o sucesso com as meninas, os alunos não gostavam de ir à cidade fardado. Disseram que o corte “reco” de cabelo já bastava para anunciá-los como militares.

Os alunos recebiam seus uniformes no almoxarifado, e devido ao desgaste, periodicamente havia uma troca.

No relatório Anual da Escola de Especialistas de Aeronáutica em 1955, nota-se que a Aeronáutica estava com dificuldades financeiras, pois, além da falta de uniformes (...) “O fornecimento de uniformes para os alunos não vem se processando normalmente como seria a desejar. O material de limpeza era fornecido para os 20 alojamentos, cinema, Posto Médico não corresponde ao mínimo necessário, (...) neste relatório o setor Administrativo tem se ressentido da falta de verbas, com verbas exíguas, que não satisfazem até o fim do trimestre como seria de se esperar. (...) já o Comando tem repetidas vezes solicitado reforço de verba “ (Relatório, 1955).

Alguns ex-alunos, que não quiseram se identificar, disseram: “Nós não gostávamos da maneira como o bibico ficava em nossas cabeças, então colocávamos papel para encher e ficar melhor, mas se um superior visse estava feita a confusão”.

Um das regras a ser seguida pelo aluno seria quanto à questão do uniforme que não poderia sofrer qualquer modificação, como observamos no artigo 9º “Não é permitido alterar as características dos uniformes, nem sobrepor aos mesmos objetos de qualquer natureza, não previstos neste Regulamento (**Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento comum as forças Armadas, Diário Oficial, seção I Parte I nº 140, 24/ julho 1973** ).

O uniforme era da cor caqui, mais tarde substituído por azul marinho. Os alunos recebiam: calças de brim, camisetas, camisas, meias, toalha de banho, sapato social, bibico<sup>28</sup> bat-but, but e 5º A .

Toda sexta- feira à tarde era feita a revista para conferir se o uniforme estava impecável. Caso não estivesse, a ida do aluno para a cidade seria impedida. Aos alunos não era permitido andar sem farda fora da EEAR. Porém, alguns, muito jovens, possuíam seus momentos de rebeldia e arriscavam andar sem uniforme pela cidade: alugavam armários ou quartos de pensão para trocar a roupa e se vestir à “paisana” na cidade. Caso o aluno fosse pego sem uniforme pela patrulha da EEAR que fazia “ronda” na cidade, seria recolhido imediatamente para a escola e sofreria a punição devida. A exigência com o uniforme era tão rigorosa quanto a rigidez dos horários<sup>29</sup>. A prática da disciplina sistemática era o ponto principal para o andamento satisfatório de uma nova identidade.

<sup>28</sup> Bibico: espécie de chapéu em formato de navio. Bat-but: meia butina. But: butina de cano alto. 5ºA: uniforme de gala.

<sup>29</sup> A rotina da EEAR, obedecida rigorosamente todos os dias era a seguinte: 5h15 alvorada, 6h00 Café da manhã, 7h00 início das aulas ao toque de sirene, 12h00 almoço, 13h30 aulas, 16h00 lanche, 16h30 Educação Física, 18h00 jantar, 18h30 intervalo para atividades recreativas. As 19h00 Os alunos do curso básico

Janowitz, afirma que a “rotina diária da vida militar faz parte do sistema de doutrinação. O desenvolvimento de fortes compromissos com a carreira é um problema real em qualquer profissão, mas principalmente na militar”(JANOWITZ, 1967, p: 125).

Podemos observar que os alunos mantinham-se ocupados o dia inteiro, com atividades produtivas, de modo a interiorizar uma *doutrina disciplinar*.

### **Formaturas e festas**

As formaturas<sup>30</sup> aconteceriam duas vezes por ano, nos meses julho e dezembro. Este evento movimentava a cidade em sua plenitude, pois para assistir a formatura vinham de fora mais ou menos duas mil e quinhentas pessoas de todos lugares do Brasil. As autoridades da cidade eram convidadas para este dia festivo. Gostando ou não, sabe-se que todos os convidados compareciam, e as desavenças eram esquecidas.

O dia era festivo e muito esperado por todos: alunos e familiares “(...) E quando nos são colocadas, por nossas madrinhas, as tão sonhadas divisas, sentimos, é natural, um misto de alegria e orgulho, pois somos, a partir daquele momento, um dos responsáveis pela segurança de nossa frota aérea, como técnicos da Força Aérea Brasileira” (Jornal Procelária, AnoVII, novembro e dezembro, 1954, p. 2).

Em entrevistas com ex-alunos percebe-se um misto de ansiedade, nostalgia e emoção quando se toca no assunto formatura.

As atividades iniciavam às 8h45, com a missa em ação de graças, solenidade militar, entrega de diplomas e baile às 22h00.

---

deveriam se dirigir às salas de aulas para o “estudo obrigatório”. Os alunos das séries seguintes dispunham desse horário como preferissem: estudar ou simplesmente “passar o tempo” na sala da “Sociedade do Corpo de Alunos” onde jogavam bilhar, ping-pong, xadrez, dama, conversavam e ouviam música. As 21h00 Encerramento do “estudo obrigatório”. O horário era liberado para atividades pessoais até o toque de silêncio. Nesse horário era, também, servido um pequeno lanche no refeitório, constituído de chá mate e pão torrado. As 22h00 Toque de silêncio. O aluno deveria estar no alojamento pronto para dormir, pois as luzes eram apagadas pelo “aluno de dia” ( Entrevista com ex-alunos, oficiais, e professores).

<sup>30</sup> Encerramento das solenidade - Mahamoud Said - Formando

Convite social: A Sociedade dos Alunos da Escola de Especialista de Aeronáutica convida V. S. e Ex.ma. Família para o baile de formatura da nova turma de Técnicos Especialistas da F. A. B. a se realizar no dia 15 de dezembro das 22 às 4 horas, nos salões do Clube Recreativo Literário Guaratinguetense - A Diretoria



Figura 6 – Diploma do Formando

No dia 14 de dezembro de 1951 realizou-se a primeira formatura de novos sargentos em Guaratinguetá, de acordo com o seguinte programa:

- 1 8h45 - Deslocamento da tropa para o local da cerimônia;
- 2 9h00 - Continência às autoridades;
- 3 Em seguida:
  - a) deslocamento dos formando para o local do compromisso;
  - b) leitura do Boletim;
  - c) compromisso dos formandos;
  - d) canção do especialista;
  - e) entrega das divisas pelas madrinhas;
  - f) entrega dos prêmios;
  - g) incorporação dos formandos à tropa; e
  - h) desfile da tropa em continência às autoridades.

Nessa solenidade foi lida a seguinte *Ordem do Dia* para a primeira turma de sargentos da Escola de Especialistas de Aeronáutica em Guaratinguetá, embora seguindo a numeração da E.T.Av. de São Paulo.

“GRADUANDOS DA 108ª TURMA”

Reveste-se a cerimônia da vossa graduação de cunho altamente significativo para todos os que mourejam nesta Escola. As circunstâncias que permitiram a graduação da turma mais numerosa de quantas ultrapassaram os umbrais deste Estabelecimento, consciência dos conhecimentos e da responsabilidade aqui adquiridos, aliaram-se ao fato de se considerar esta formatura a concretização de um esforço incomum, representado pela originária fusão de duas grandes escolas e o seu deslocamento e pleno funcionamento em nova sede nesta cidade de Guaratinguetá.

Uma fase difícil, sob todos os pontos de vista, como a que acabamos de atravessar, urgia exigir de todos, e dos alunos especialmente, um alto rendimento de trabalho que se fazia mister obter para compensar as exigências dos novos padrões de ensino, conseqüências à fusão, e atender, sem solução de continuidade para os trabalhos escolares, ao planejamento e execução da mudança para a nova sede do pessoal e material cuja instalação acarretou e ainda acarreta, obviamente, a solução de eventos os mais complexos. Hoje, com a realização deste ato, sente este Comando a obrigação de exteriorizar a sua satisfação em ver todo esse esforço bem compreendido e coadjuvado por todos, no sentido de apresentar às nossas autoridades e à gente desta acolhedora cidade, cujos lídimos representantes nos honram com sua presença, a certeza de que a Escola de Especialista de Aeronáutica continua em sua nova sede a cumprir plena e orgulhosamente a sua alta finalidade.

MEUS CAMARADAS,

É feição tradicional nas Forças Armadas, escolher-se alguém que em vida tenha se relevado à nossa concepção moral, figura extraordinária que nos arrebate pela admiração de suas puras virtudes cívico- militares, a apontar com o seu exemplo, dos fagueiros momentos às duras vicissitudes, o caminho da honra e do dever.

É com grato prazer que neste momento vos aponto essa figura que será na carreira a que ora encetais, o vosso patrono, exemplo fecundo e guia seguro.

É ele o ten- Especialista Alfredo Juliano de Figueiredo. Praça de 1915, galgou todas as graduações com elevado espírito militar e indomável força de vontade, a despeito dos naturais obstáculos da carreira subalterna, imbuído no afã de obter nada mais que a satisfação do dever cumprido. Feito o curso de mecânico de aviação, em 1925, integrou-se definitivamente nos efetivos da então incipiente aviação militar, com aquela fibra, entusiasmo e espírito de sacrifício tão peculiares aos pioneiros da nossa Força Aérea, entre os quais está incluído naturalmente. Modesto e leal, criterioso e competente, tornou-se por sua capacidade e disciplina, credor da estima e confiança dos chefes, iguais e subordinados, a tal ponto que sua folha de brilhantes serviços consigna os mais calorosos elogios e louvores de seus Comandantes, Ministros da Guerra e próprio Presidente da República. Servindo com amor, tenacidade e entusiasmo ao Correio Aéreo Militar, desde seus primeiros passos, doloroso acidente com o avião de que era tripulante, na rota do Tocantins, na Chapada dos Veadeiros, nos primórdios de 1.945, levou-o do nosso convívio, coroando de maneira gloriosa toda uma existência dedicada ao serviço da Pátria. Eis, meus camaradas, o vosso patrono. Aprimorai os ensinamentos aqui adquiridos, fazendo da labuta quotidiana a forja onde o vosso caráter e a vossa moral de soldado há de temperar-se definitivamente para o bem servir a nossa gloriosa Força Aérea e ao Brasil!

Sede felizes” (Cavalcanti, pp. 93-94-95).

A doutrinação militar estava presente em todos os momentos do dia e em todos os lugares da vida de um aluno. Nas formaturas os alunos deveriam se comportar com esmero, pois esta solenidade, aberta ao público, funcionava como um cartão de visitas para possíveis novos pretendentes e como demonstração da importância da escola para a sociedade brasileira, uma vez que pessoas de todos os cantos do Brasil estavam presentes .

Avaliar o custo dos alunos que não gostavam desta etiqueta é difícil. Percebe-se que,

com o passar dos anos, a persistência em manter o protocolo cada vez mais “vivo” era praticado no militarismo. Para o aluno que conseguia passar pelo processo de aculturação da escola, provavelmente o protocolo se tornaria natural, e a “eficiência da etiqueta e do protocolo militar é realçada porque as funções cerimoniais das forças armadas são respeitadas e prezadas pelos civis. O soldado profissional oferece uma imagem dupla aos olhos dos civis. Apesar do prestígio relativamente baixo da profissão militar entre os civis, a exibição visível da farda militar tem sua receptividade” (JANOWITZ,1967, p:197).

O comportamento de um aluno era observado com frequência em todas as horas do dia; quando se movimentam em conjuntos podem ser “supervisionados” e “vigiados” (GOFFMAN, 1996, p:18). Comenta um observador: “Um homem deve ser capaz de contar bem uma história, mas não ser um notório fanfarrão; deve ser capaz de beber muito, mas não ser um alcoólatra; dever ser educado, mas não exibir sua educação”. (...) A concepção civil do militar como um brutamontes que usa palavras é anacrônica, principalmente com relação ao membro em potencial da elite militar (JANOWITZ,1967, p: 196).

Nas formaturas não faltavam também elogios aos alunos que ao longo do curso se destacavam pelas notas, disciplina e dedicação. O aluno 01<sup>31</sup> da turma era o mais importante, o mais reconhecido com prêmios. Nesse processo, os alunos vão adquirindo o espírito militar, moldando-se às normas, com alguma ou nenhuma resistência.

Nesta etapa do curso, próximo à formatura, os alunos já possuíam a mentalidade militar. O ponto final deste adestramento era o juramento feito pelos alunos nas formaturas:

#### Juramentos dos Formandos de 1956

“Recebendo o distintivo de Especialistas de Aeronáutica - comprometo-me a preservar o material que me for confiado – tratando com carinho da sua conservação – a empregar os meus conhecimentos técnicos – com zelo e dedicação – a cumprir com exatidão as tarefas que me forem distribuídas e imbuir-me definitivamente da parcela de responsabilidade que me compete no conjunto das atividades que garantem a segurança e o progresso do Brasil” (Convite de formatura ex aluno Noé Motta de Liz, 1956).

A formatura era considerada o ponto alto da estadia do aluno na escola, pois significava superação de seus limites como pessoa, vida financeira resolvida, moradia, assistência médica, e uma carreira para seguir com direito a promoções. Para Camerotte: “a hierarquia é o

---

<sup>31</sup> Aluno 01, era o aluno que se sobressaía em tudo : notas, comportamento, carisma e todas as qualidades necessárias para ser um bom militar.

principal pilar da vida e a encontramos em todas as atividades. Nas tribos indígenas há hierarquia. Considero a hierarquia militar melhor que a civil. Na hierarquia militar temos um plano de carreira e cada um sobe de acordo com o seu tempo, estudo e conceitos profissionais. Já na civil não há esse regulamento e cada um sobe de acordo com cada estabelecimento. Uns justos e outros duvidosos. Por estudo, parentescos, por políticos, afilhados, o baba-ovo e tantos outros”.

A festa de formatura exigia um aparato especial para os familiares. As roupas deveriam ser impecáveis e de muita elegância, as mulheres de chapéu e homens de terno e gravata<sup>32</sup>.

Na figura abaixo observa-se o momento do juramento pelos alunos, na figura 8, as madrinhas colocando as insígnias nos afilhados e na figura 9, convidados e familiares dos alunos.

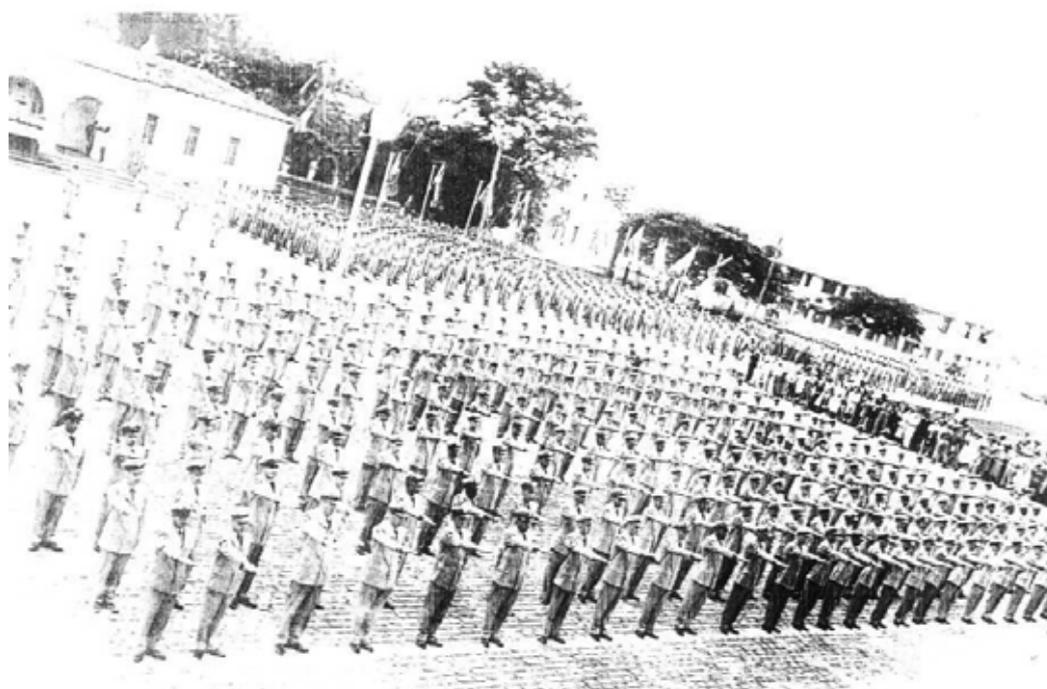


Figura 7 – Juramento dos Formandos – Dezembro 1956

---

<sup>32</sup> Minha formatura foi maravilhosa, 20 de dezembro de 1956, com a presença de meus pais, um casal de tios e minha namorada “Guarina” (nome dado a pessoa que nasce em Guaratinguetá) como madrinha. E que madrinha linda. Estava usando um vestido de renda muito bonito! O tenente coronel Liz, que era do sul do país, veio a se casar com sua namorada de Guaratinguetá alguns anos depois da sua formatura, constituindo assim a família que vive até hoje. (Entrevista, tenente coronel Liz)



Figura 8 – As madrinhas colocando as insignias nos afilhados

Na figura 7 pode-se observar a exatidão da postura e alinhamento dos alunos na formatura. Aquele corpo franzino já não existia mais, fora esquecido nas instruções e na educação física. O corpo na formatura significava o cartão de visita da Aeronáutica. Este foi o discurso dos oficiais, desde o primeiro dia da chegada do aluno na escola.

Na figura 8, estão as madrinhas, provavelmente, num momento de felicidade única. Com trajes elegantes, saias compridas e chapéus.

Como está se tratando da elegância no momento da formatura, vale a pena observar a figura 9, onde estão os convidados do aluno. Os homens estão vestidos de terno e gravata e as mulheres em trajes elegantes e discretos.



Figura 9 – Familiares e convidados dos alunos

Para as namoradas ou pretendentes ao posto, iniciava-se um momento tenso e decisivo em suas vidas, “super conservadoras, socialmente reprimidas, e com uma cidade que vivia sob os resquícios do fim do século XIX, as moças eram educadas para o casamento. A busca para encontrar um rapaz “disponível” era muito ansiosa. Pois além de bonita as moças precisavam pertencer a “família fina”. As famílias da chamada sociedade não aceitavam os alunos da EEAR porque consideravam os moços desconhecidos e “muito simples”. (Entrevista coronel Arany Badini Tavares). O aluno muitas vezes trazia de sua cidade natal a “verdadeira” namorada, deixando um rastro de desilusão para a moça da cidade.

As histórias eram muitas e com desfechos diferentes: aluno que foi embora com a outra namorada e mais tarde voltou para buscar a moça da cidade, aluno que havia constituído

outra família, indo embora para nunca mais voltar, aluno que foi embora prometendo casamento e não mais apareceu, aluno que casou com a moça da cidade e formou uma família.

Todos os ex-alunos entrevistados concordavam ou entendiam a proibição do pai de família, pois além da moça ficar “falada” (expressão usada pelos entrevistados), se o aluno a deixasse, as chances de um novo casamento seriam quase nulas. Todos se referiam ao fascínio que causavam nas moças o fato de usarem fardas. A farda seria como um passaporte para a aprovação imediata aos olhares femininos. Para as garotas, o casamento com um militar, embora preterido pela família, seria sinônimo de estabilidade.

O baile de formatura era feito dentro da escola, ou em algum clube ou salão alugado na cidade pelos militares. Muito bem decorado e com bastante glamour, animado pela orquestra “Tabajara”.

Existiam outras festas e confraternizações como: Semana da Asa, Sete de Setembro, Dia do Especialista e reuniões pontuais entre os alunos para comemorar aniversário e outros.



Figura 10 – Confraternização dos alunos (s/ data)

### **Prisão e desligamento da escola**

A prisão ou o desligamento da escola não eram acontecimentos rotineiros na vida dos alunos, mas eles eram conscientizados de que na vida militar o mais importante seria seguir as regras corretamente, pois “a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra a “penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios”(FOUCAULT, 1977,p:160).

Os alunos eram penalizados como alunos e como militares. Para Foucault, há dois tipos distintos de punição: o soldado comete uma “falta” cada vez que não atinge o nível requerido; a “falta” do aluno é, assim como um delito menor, uma inaptidão a cumprir suas tarefas. O regulamento da infantaria prussiana impunha tratar com ‘todo o rigor possível’ o soldado que não tivesse aprendido a manejar corretamente o fuzil (Foucault,1977, p. 160). Se a falta não fosse tão grave aos olhos do superior, o interno da EEAR receberia uma pena estudantil, seria chamada a atenção ou algo parecido. Mas se a falta fosse grave, o aluno seria penalizado com o rigor das regras militares, ”castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve portanto ser essencialmente corretivo”(FOUCAULT,1977, p:160).

Para os militares, a punição segue os princípios de Foucault, pois ela deverá ser aplicada ao aluno somente em caso que necessite reeducação ou benefício ao aluno.

Art. 6º.: A punição só se torna necessária quando dela advém benefício para o punido, pela sua reeducação, ou para Organização Militar a que pertence, pelo fortalecimento da disciplina e da justiça (Regulamento Específico do Ministério da Aeronáutica, 1909, p.2).

A disciplina, por ser muito rígida, era observada com esmero pelos alunos. Todos os entrevistados, sem exceção, concordaram que, para o bom funcionamento de um quartel, não existia outra forma que não fosse uma disciplina rígida. Para os alunos, observar a disciplina militar era meio caminho para conseguir chegar ao final do curso. Ser bem visto aos olhos de um superior era importante. “Quando transgredíamos as regras ficávamos muito apreensivos e com medo de sermos descobertos”, disse um aluno que não quis se identificar.

Art. 8º.: Transgressão disciplinar é toda ação ou omissão contrária ao dever militar<sup>33</sup>. Uma falta grave poderia significar o fim de uma carreira militar. O julgamento era feito pelas chefias, e a punição seguia estes trâmites: repreensão verbal ou escrita, detenção, prisão, e no máximo, desligamento da Escola.

Segundo Runha, a prisão de um aluno por alguma falta muito grave, no período de transferência das escolas para Guaratinguetá, era no quartel em Lorena, pois na base em Guaratinguetá não havia prisão. Quando o assunto podia ser contornado, a prisão se fazia no próprio alojamento. Manter a disciplina funcionando impecavelmente, fazia com que pequenos detalhes fossem considerados transgressão, “na oficina, na escola, no Exército funciona como repressora toda uma micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações” (Foucault, 1977, p. 159).

Para os alunos, mesmo que a pena não fosse um suplício, o sentimento era desagradável. A maioria dos alunos questionados sobre qual o sentimento de estar preso, respondeu que, não participar das atividades, ficar isolado, e mal visto pelos oficiais, a idéia era de repúdio, intolerável.

No entanto, para Runha, os delitos nunca foram tão graves, pois ninguém foi mandado preso para Lorena, onde realmente havia uma prisão no quartel.

Para Arany, os delitos eram acontecimentos próprios de um adolescente, que seriam facilmente corrigidos. O simples fato de tirá-lo do convívio com os colegas já seria suficiente para uma nova postura, em relação àquele candidato a seguir uma carreira militar<sup>34</sup>. O aluno ficava proibido de sair do local. Em entrevista com o ex-aluno Célio Gomes Pedott, nº 53020390, sua primeira prisão ocorreu quando todos os alunos de sua turma seriam apresentados à sociedade local em visita ao Clube Literário de Guaratinguetá. Ele, um menino de 17 anos, se desviou do local indo se encontrar com algumas meninas da cidade. Estava

<sup>33</sup> Art. 16: As transgressões, segundo sua gravidade, corresponderão às seguintes punições disciplinares: 1 – Para oficial da ativa: a) repreensão; b) detenção; c) prisão.

2 – Para cadetes, alunos das demais escolas de formação e preparação, as do número 1 e ainda: a) desligamento do curso; b) licenciamento a bem da disciplina; c) exclusão a bem da disciplina. (Regulamentos Específicos do Ministério da Aeronáutica, p. 12)

<sup>34</sup> Art. 22: Quando, na Organização, não houver local adequado, não houver oficial de serviço ou quando convir a disciplina à administração ou à segurança, a punição imposta poderá ser cumprida em outra Organização da Aeronáutica ou de outra Força Armada. (Regulamento Específicos do Ministério da Aeronáutica, regulamento disciplinar, p.14 ).

formada a confusão, disse Pedott: “A patrulha chegou para me recolher ao alojamento e eu sofri uma punição de 4 dias. Fiquei preso sem sair do alojamento”(Entrevista ex aluno Célio Gomes Pedott).

Para os militares, a obediência era essencial. Não era aceitável o militar que obedecesse por medo de uma punição. A obediência deveria ser a satisfação do dever cumprido. Esta tolerância marco zero deve-se a períodos de guerra. Como poderia um subordinado em movimentos de guerra questionar as ordens superiores? Baseado nestes tempos de guerra, o regulamento dos Corpos do Exército é bem rígido.

Em entrevista com os alunos e oficiais, eles afirmaram que em tempo de paz a tolerância não era tão exagerada, contudo eles compreendiam a necessidade de normas rígidas:

“A força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos seus superiores hierárquicos e obrigada a sustentar as instituições constitucionais“( Constituição).

Em vista da missão desta força, torna-se indispensável que o superior obtenha de seus subordinados completa obediência e constante submissão. As ordens devem ser cumpridas fielmente, sem hesitação nem murmúrio; o subordinado só pode reclamar depois de haver obedecido. (...) as manifestações de disciplina de um Exército são tão importantes, que bastam para caracterizá-lo. (...) A disciplina só é real e proveitosa, quando se traduz em atos voluntários do subordinado, ditados pelo desejo de cooperar livremente para a missão espinhosa da corporação a que pertence, isto é, pelo sentimento do dever coletivo, e não pelo medo que por ventura possam inspirar-lhe os castigos previstos na lei. Todo o empenho do superior deve constituir em inspirar a seus comandados tão fecundas disposições morais.

**( Regulamento para instrução e serviço interno dos Corpos do Exército,1909, pp: 9-10-11)**

Apesar da doutrina militar e disciplina rígida, eram freqüentes as desordens dos alunos. De acordo com a gravidade do problema, era determinada a punição<sup>35</sup>

Alguns exemplos da rebeldia dos alunos militares relatadas em entrevistas foram: alguns alunos gostavam de usar o quepe grudado na cabeça, porém esta prática era proibida. Os alunos colocavam papel por dentro do quepe para parecer bem cheio, e no horário da revista militar iam apresentar-se desta forma, e o superior não percebia.

<sup>35</sup> Art. 15: As punições disciplinares, previstas neste regulamento, são:

1- Repreensão: a) em particular; (1) verbalmente, (2) por escrito. b) em público; (1) verbalmente, (2) por escrito  
2 – Detenção até 30 dias.

3 – Prisão: a) fazendo serviço, ou comum, até 30 dias; b) sem fazer serviço, até 15 dias; c) em separado, até 10

4 – Licenciamento a bem da disciplina.

5 – Exclusão a bem da disciplina. (Regulamentos Específicos do Ministério da Aeronáutica, regulamento disciplinar, p. 11)

Outro caso de desobediência acontecia logo após o *pernoite*<sup>36</sup>, quando os alunos gostavam de sair escondido pela “*pinguela*”<sup>37</sup>, para irem a cidade namorar ou simplesmente encontrar alguma moça. No artigo 431 parágrafo 52 está clara a proibição “sair do quartel ou nele penetrar por lugares escusos (Regulamento Corpo do Exército, 1909, p:250).

O aluno Felipe Duarte Leques, (nº 530203114), contou que era chamado por alguns colegas de “Madre Superior”, pois não gostava de beber, e quando os colegas bebiam além da conta, em qualquer lugar da cidade, ele logo tomava providências para levá-los para o alojamento, evitando assim problemas posteriores.

Pedott, que veio ajudando a transferência da E.T.Av de São Paulo para Guaratinguetá, disse: “Os caminhões chegavam de madrugada cheios de material de construção, móveis, beliches de madeira, conhecidos como patente faixa azul, estrado de molas e colchão de crina, material de instrução de todas as especialidades. Quando de longe um aluno escutava o barulho do caminhão, avisava correndo os companheiros e todos se escondiam para não precisar ajudar a descarregar o caminhão. Era uma corrida só”.

Outro fato relatado pelo ex-aluno Leques foi: “como o número dado ao aluno era muito extenso, os oficiais perguntavam: Aluno qual é o seu “milhão”? Quando um oficial falava assim sabíamos que lá vinha bronca”.

Para um ex aluno, que não quis se identificar, “ estas brincadeiras fizeram parte da minha estadia na EEAR, tornavam a solidão das noites mais amena, quando eu saía para ver minha garota sem permissão. Essas desobediências eram farras de menino, justificou-se.

### **Capelão e Professores**

A religião era absolutamente livre. A escola permitia a entrada do evangélico, do espírita, do protestante, ou o representante de qualquer religião para que pudessem se reunir com os alunos. O Capelão era considerado uma “peça-chave” para as dores do coração destes alunos, oficiais e suas famílias, que também vinham de fora. Segundo o tenente-coronel Liz, católico, os alunos sempre compareciam à missa na capela da escola, Capela Nossa Senhora de Loreto<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> Pernoite: chamada para conferir a presença de todos sendo proibido sair do quartel após do pernoite.

<sup>37</sup> Estrada da EEAR afastada, longe da vigilância.

<sup>38</sup> (...) “Na semana da minha formatura, eu e mais cinco alunos colocamos em cinco papezinhos, os cinco mistérios dolorosos (Jesus morreu na cruz para nossa salvação). Colocamos no boné e sorteamos, eu tirei o quinto mistério. Juramos rezá-los todos os dias. O Capelão era boa gente, nosso guia espiritual”.(Entrevista coronel Liz)

O tenente-coronel Camerotte, referindo-se à importância do capelão da escola, disse que: “a grande lição que a escola me deu para a vida, foi na primeira reunião com o Capelão que disse: Nem tudo a terra nem tudo ao mar”.

Com esses dois depoimentos pode-se perceber que a crença na religião e as palavras do capelão eram motivo de reflexão para os alunos. O capelão seria como um porto seguro, pronto para escutar as angústias dos internos. O tenente coronel Arany disse em entrevista: “O capelão era respeitado e muito ouvido pelos alunos”.

O capelão exercia também alguma forma de controle sobre o aluno, quer seja aconselhando-o ou simplesmente conversando com o interno que de alguma forma era, mesmo que espiritualmente, submisso a ele.

Os professores se dividiam em dois grupos: civis e militares.

O tenente-coronel Arany Tavares, em entrevista, disse: “O contrato com os americanos estava terminando com o fim da guerra, então na década de 50 foram selecionados os professores de acordo com a competência de cada um para preencher as vagas abertas para os cursos a serem ministrados”. Porém, não se fazia tão fácil assim encontrar os professores desejados pela escola. Podemos observar no Relatório de 1955 que a “divisão de instrução fundamental do grupo básico está com dificuldade em contratar professores. Todos os que se candidatam não satisfazem aos quesitos exigidos pela Diretoria do Pessoal, principalmente, o de não terem seus certificados de curso registrados no Ministério da Educação. Os professores que lecionam na Escola Normal não se interessam, absolutamente, pelo assunto”. (Relatório do 1º quadrimestre de 1955 da Escola de Especialistas de Aeronáutica).

No mesmo relatório citado acima estava escrito: “Corpo Docente: O corpo docente da Escola de Especialista de Aeronáutica, é constituído de 51 oficiais instrutores, 15 professores civis, 2 instrutores civis, 189 sargentos monitores (não foi possível decifrar neste documento quantos eram os monitores civis. O documento estava em estado de conservação ruim).

Os professores civis, por não serem concursados, eram conhecidos como “aulistas”. Para o professor Diógenes Antunes, civil, somente em 1961 foi realizado o primeiro concurso para professor. Segundo o Professor Amorim, eram professores normalistas, autodidatas por falta de Faculdade de Filosofia Ciências e Letras na região. Os professores civis ministravam aula na parte da manhã e segundo o professor Carlos Amorim os alunos recebiam um lanche no intervalo que consistia de: fruta, bolacha, barra de chocolate.

Muitos professores técnicos de aviação, militares, se aperfeiçoaram nos Estados Unidos da América, num período de crescimento da Aviação: “durante os anos da década 1950-1959, apesar dos acontecimentos políticos que agitaram muitas vezes a vida do país, o Ministério da

Aeronáutica e a Força Aérea Brasileira continuaram o seu desenvolvimento e a sua consolidação. Foi nesse período que a Força Aérea Brasileira começou a operar com aviões a jato, com aviões quadrimotores e com helicópteros; durante esse período a introdução na Força Aérea Brasileira de um número elevado de novos tipos de aviões, obrigou a Aeronáutica, novos adestramentos de pessoal e a novas linhas de suprimento de material aéreo” (WANDERLEY,1975,p: 327). Não foi possível saber o número de militares que foi para os Estados Unidos fazer algum curso de aperfeiçoamento. Mas os documentos indicam que o número deveria ser volumoso, pois este convênio cessou, por ser muito dispendioso ao cofres públicos.

Mais tarde, como ficou oneroso para a FAB manter seus aprendizes nos EUA, o governo brasileiro decidiu que os instrutores americanos é que viriam para o Brasil ensinar nossos alunos. Neste período, percebe-se uma influência norte-americana acentuada, os alunos recebiam duas horas de aulas diárias de inglês (Programa de instrução para os recrutas) para melhorar o relacionamento com os americanos e compreenderem com mais facilidade os livros e as aulas dadas por americanos. No relatório anual de 1955 a “sub- seção de Ordens Técnicas recebeu para distribuir, revistas e publicações, principalmente dos Estados Unidos e Inglaterra, possuindo atualmente um estoque de 383 volumes de Ordens Técnicas, 1705 volumes de Manuais Técnicos e 4211 volumes de livros e dicionários e material de aviação” (Relatório Anual de 1955 da Escola de Especialistas de Aeronáutica).

Porém, com toda influência americana observa-se neste mesmo relatório que “durante o ano de 1955, a Sub-Seção de Tradução está sem encarregado, estando praticamente paralisada pela falta de tradutores, havendo paralisação da mesma, desde a mudança da Escola em 1951. O material paralisado é constituído principalmente de manuais técnicos, cuja tradução foi pedida pelos chefes dos respectivos cursos. Entretanto continuando com a falta de tradutores, técnicos, esta Sub-Seção só poderá aguardar uma solução satisfatória”.

O presidente do setor norte-americano era John Paul Riddle. Segundo Cavalcanti, o método de ensino técnico de aviação de Riddle era revolucionário. Riddle colocou em prática, nos Estados Unidos, um sistema de treinamento rápido e em série, semelhante ao sistema Ford em matéria de fabricação de carro, a fim de atender as urgentes necessidades de formarem nos Estados Unidos muitos especialistas aeronáuticos, durante a Segunda Guerra.

(...) seu método de treinamento obedecia não somente aos fatores psicotécnicos, como também ao princípio da divisão do trabalho em série e consistia em distribuir os alunos, psicotecnicamente classificados, em pequenas turmas ou classes, cujo tamanho variava de acordo com as características de cada etapa da aprendizagem (CAVALCANTI, p:49).

Após o curso de aviação ministrado pelos norte-americanos os alunos recebiam um diploma de aproveitamento. No discurso de inauguração da E.T.Av, com a presença do Presidente Getúlio Vargas, o Ministro Salgado Filho proferiu as seguintes palavras:

(...) Esta escola é o maior empreendimento que poderia agora ser levado a efeito pelo progresso e fortalecimento da aviação nacional.

Força Aérea que não tem mecânicos para assistí-la é aviação destinada a ficar em terra. Daí a relevância desta realização que, só com o descortino de V.Excia., seria possível concretizar-se agora no Brasil, porque realmente o que estamos fazendo nesta escola, graças à cooperação *norte-americana* (grifo nosso), ao esforço do general Arnold em nos ceder o material, é extraordinário.

(...) Devo dizer que eu tinha receio, pelas nossas susceptibilidades, em trazer estrangeiros para o ensino técnico em nosso país, mas verifiquei que era impossível obtermos técnicos entre nós para esse aparelhamento, o mais moderno da indústria americana; precisávamos também dos instrutores.

(...) Os técnicos americanos que aqui se encontram, estão admirados com a inclinação para as especialidades demonstrada pelos nossos homens, assombrados com a sua dedicação, sua inteligência, sua curiosidade (CAVALCANTI, p:44).

Os professores, para darem aulas na EEAR, vieram para Guaratinguetá, de São Paulo e Rio de Janeiro, acompanhando a junção Galeão, Rio de Janeiro e E.T.Av, São Paulo. Os “aulistas” gozavam de grande prestígio entre os militares. Tomavam seu café da manhã no mesmo refeitório dos oficiais e eram convidados para as festas e solenidades que aconteciam na EEAR. Era uma boa oportunidade para reforçar uma relação mais estreita entre civis e militares, base e cidade.

Não havia nenhum exame de seleção para o ingresso dos professores. Eram escolhidos por meio de uma enquete feita na cidade, sobre os melhores, principalmente porque era difícil professor formado em filosofia. Os “aulistas” entrevistados foram categóricos em elogiar a disciplina em sala de aula dos alunos, fazendo inclusive, alguns, a comparação que era melhor dar aulas na Escola de Aeronáutica do que em escolas na cidade.

O professor Carlos Amorim, civil, disse referindo-se aos alunos: “Eles não desrespeitavam os professores nunca. A disciplina era bem rígida. Eles corriam o risco de serem desligados por indisciplina” conforme prescrito no Regulamento<sup>39</sup> (Entrevista Carlos Amorim).

---

<sup>39</sup> Art.88. Nenhuma tropa poderá iniciar a marcha, embarcar, desembarcar, montar, apeiar, descansar ou sair de forma, sem licença do superior que estiver presente. (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra, e Sinais de Respeito das Forças Armadas, p. 17)

Art. 92. Quando uma tropa (oficiais, alunos, cadetes e praças nas escolas) estiver sentada em sala de aula, recinto coberto, etc., recebendo instrução ou assistindo a uma conferência, preleção ou qualquer ato da vida interna das escolas, dos quartéis ou navios, levantar-se-á para saudar aos professores ou instrutores, aos comandantes de Companhia baterias, esquadrões, esquadrilhas, ou sub unidades correspondentes ou autoridades superior. Para isso o instrutor, o oficial de dia ou militar encarregado de dirigi-la, comandará Companhia bateria, escola, turma,

O professor Diógenes, civil, assim se expressou: “A disciplina era impecável, nós não podíamos reclamar. Era tudo o que um professor desejava. Não existia chamada, o representante da turma, chamado pelos alunos de xerife, anunciava as ausências dos alunos, que quase não existia. “Nos meus 12 anos de magistério dentro da EEAR nunca levei nem um aluno para ser detido por problema disciplinar. Outra particularidade é que trabalhei 12 anos lá dentro e nunca faltei. A disciplina também era rígida com os professores”(Entrevista Diógenes Antunes)<sup>40</sup>.

Cavalcanti, em seu livro, menciona a *ordem do dia-início do ano letivo de 1962* em que o comandante dirige a palavra aos alunos e aos instrutores: “ Instrutores, Professores e Monitores queiram lembrar que seu dever não é somente instruir mas também, fazer do aluno um cidadão um excelente militar, um ótimo Especialista da Força Aérea Brasileira, pois a Escola de Especialista de Aeronáutica não é somente uma organização de instrução técnica, é também um estabelecimento de educação moral e cívica. As responsabilidades dos mestres perante a Pátria e a família são enormes”(CAVALCANTI, p:80 ).

### **Formação militar especializada**

A formação do aluno militar se divide em três pilares considerado de suma importância para a formação de uma nova identidade: doutrinação, ordem unida e disciplina.

Art. 1º. Todo militar deve aos superiores, como tributo natural à autoridade de que se acham investidos por lei, provas de disciplina e cortesia, manifestadas em todas as circunstâncias de tempo e lugar por atitudes e gestos precisos, rigorosamente observados ( Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honras e Sinais de Respeito das Forças Armadas, p: 7)

Art. 2º. A espontaneidade e a correção dos sinais de respeito são índices seguros do grau de disciplina das corporações militares, bem como da educação moral e instrução profissional dos seus elementos (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honras e Sinais de Respeito das Forças Armadas, p: 7).

A doutrinação é parte integrante na vida do aluno vinte e quatro horas do dia. A organização militar é rigidamente autoritária em virtude das necessidades de comando e das possibilidades de guerra, que é assunto de vida ou morte. Para se ter um comando eficaz permite-se pouca ou nenhuma tolerância “(...) como as rotinas militares tendem a tornar-se

---

etc. Sentido! À voz Sentido! levantam-se todos energicamente, para tomar a posição indicada, e acompanham com o olhar o superior. Correspondido o sinal de respeito pelo superior, volta a tropa, sob o comando do instrutor, oficial- aluno, etc., à sua posição anterior (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra, e Sinais de Respeito das Forças Armadas, p. 17)

<sup>40</sup> Não foi possível precisar quando foi realizado o primeiro concurso para professor da escola. Segundo alguns professores civis e militares, em 1961 aconteceu o primeiro concurso para professor nesta unidade militar.

altamente padronizadas, presume-se que a promoção esteja em grande escala ligada à observância de processos vigentes. Essas características são encontradas em burocracias civis, mas, presumivelmente, não na mesma extensão e rigidez. Uma vez ingressado na carreira militar, o indivíduo entrou numa única instituição global. A menos que dela saia, ele perde por isso a "liberdade de ação" associada à mudança de ocupação na vida civil" (JANOWITZ, 1967, p:16).

Goffman sugere que “as instituições totais são incompatíveis com a família”(GOFFMAN, 1961, p:22).

O militar está sujeito a toda sorte de imprevistos. Uma guerra é o suficiente para que seja convocado e tenha como obrigação deixar tudo o que conquistou e seguir o caminho reservado a ele, sem ao menos saber quando voltará.

A doutrinação está em todos os momentos, mesmo em horários de lazer, passeios, em que o modelo militar deve permanecer. Para o tenente-coronel Camerotte (...) “A doutrina militar era ministrada no período da tarde. Estudávamos os símbolos da pátria, os hinos e éramos conscientizados a manter a segurança e a soberania brasileira, mesmo com o sacrifício da própria vida. Aprendíamos o manuseio de todo armamento da FAB e fazíamos exercícios de tiros. Aprendíamos a marchar, combater e todas as disciplinas na formação do militar. Estudamos todos os regulamentos e estatutos militares e, finalmente, saímos da escola preparados para assumir as funções atribuídas aos sargentos”.

Segundo o tenente-coronel Runha, o aluno não deveria discutir sobre religião, política e dinheiro. Embora a religião fosse livre, se a discussão política e a situação financeira do aluno fosse comentada, seria difícil para os doutrinadores manterem uma hegemonia militar. Mesmo sendo contraditório os militares mantiveram esta postura conforme observamos em :

É notável que no passado a conseqüência mais poderosa educação militar tenha sido inculcar nos cadetes uma aceitação mecânica da supremacia civil. Se os próprios cadetes não eram ensinados a pensarem sobre as dimensões políticas da guerra, isto era julgado apropriado para uma sociedade na qual as forças armadas eram uma profissão subordinada a dirigentes civis eleitos democraticamente.

Cadetes e aspirantes são implicitamente ensinados a não demonstrarem suas preferências político- partidárias. Mais explicitamente, porém, tem-lhes sido ensinado que o Congresso tem deixado o estabelecimento militar à mingua, e que, portanto, é dever da profissão fazer contínua pressão visando a verbas máximas em nome da preparação militar. Visto terem as academias enfatizado necessariamente a lealdade ao serviço, antes que a identificação com o estabelecimento militar nacional, as acirradas rivalidades entre os serviços têm sido fomentadas pela educação (JANOWITZ, 1967, p: 142).

Seguindo os raciocínios de Runha e Janowitz, parece incoerente esta forma militar de doutrinação. Se o aluno militar não devia falar de religião, política e nem dinheiro, como poderiam doutriná-los ao mesmo tempo para pressão em torno de mais verbas?

Em 3 de agosto de 1953, o comandante expressou a orientação doutrinária da Escola na formatura dos alunos da turma 116<sup>o</sup>. Nesse discurso, o comandante fala a seus subordinados a importância da dedicação a Pátria, aos companheiros e a si mesmo. Mostra a necessidade dos estudos técnicos mas sem esquecer o espírito de disciplina e subordinação.

“Alunos da Escola de Especialista de Aeronáutica”

As diretrizes de ensino que se aplicam a esta escola são orientadas no sentido de melhor aproveitar as aptidões técnica e militar dos jovens brasileiros. Num país como o nosso, em cuja vastidão territorial podem ser encontrados os mais variados tipos de vida econômica e de formação social, acarretando necessariamente variações educacionais, não é possível separar-se a formação especializada da militar, sem prejuízo da homogeneidade de pensamento e da unidade de doutrina que caracteriza a ação militar. É por tal motivo que, ao ingressarem neste estabelecimento como alunos, os nossos compatriotas procedentes dos mais longínquos rincões do território brasileiro recebem a instrução militar de par com preparo técnico necessário para enfrentar os problemas que surgiram nas vidas profissionais. Essa consideração deve estar sempre presente em vosso espírito para vos ser possível compreender o verdadeiro sentido da vossa formação. Assim concluireis que é tão importante para o comando o vosso progresso na cultura profissional, o que conseguireis pelo estudo e pelo interesse que tiverdes em todos os progressos no setor da aviação, quanto a vossa integração no espírito militar, sem o qual não tereis o necessário entusiasmo para o fiel desempenho de todas as missões que vos forem confiadas. O patriotismo, que é inato em vossos corações, será o estímulo e se servirá o vosso espírito para o bom atendimento do vosso esforço. Seu respeito pelos chefes, pelas nossas instituições, o espírito de sadia camaradagem estiverem presentes em todas as vossas ações, o esforço em favor do nosso progresso será ameno e agradável, proporcionando-vos a satisfação íntima do dever cumprido. A perfeição da vossa formação Técnico militar deve ser motivo de orgulho para cada um de nós, e com tal levada ao máximo de eficiência, não só para vossa satisfação própria, como para assegurar a confiança que em vós deve depositar o Comando da Força Aérea Brasileira e o povo honrado e laborioso da terra que nos viu nascer. Sede bons especialistas! Respeitai e honrai a vossa unidade! Sede bons soldados para o Brasil! (CAVALCANTI, p:85).

No discurso de formatura, acima, observa-se a doutrinação da disciplina e espírito militar. No discurso de boas vindas ao ano letivo, encontra-se a seguir novamente a disciplina, e o espírito militar. A doutrinação começa logo no início do ano letivo dos alunos, com o comandante transmitindo sua orientação sobre o ensino. A homogeneidade é imprescindível em uma base militar. O pensamento, as atitudes, as conversas devem todas seguir um só discurso, o discurso militar. Para manter esta homogeneidade, os superiores estão sempre passando aos alunos que são todos iguais, importantes para a nação, e que o patriotismo é nato no coração de cada um.

No ano de 1962, foi a seguinte ordem do dia:

Ordem do Dia- Início do Ano Letivo -1962

“É com o mais vivo entusiasmo que neste dia, no qual iniciamos as atividades escolares para 1962, dirijo estas palavras aos que labutam no setor de ensino desta Escola- Mestres e Alunos. Aos Instrutores, Professores e Monitores queiram lembrar que seu dever não é somente instruir mais também, fazer do aluno um cidadão um excelente militar, um ótimo Especialista da Força Aérea Brasileira , pois a Escola de Especialista de Aeronáutica não é somente uma Organização de instrução técnica, é também um estabelecimento de educação moral e cívica. As responsabilidades dos mestres perante a Pátria e a família são enormes. A Força Aérea Brasileira e a sociedade não precisam somente de homem de talento de instrução; necessitam, também, muito mais, de homens virtuosos, cidadãos dignos e honrados, sob cujo orientação a família viva em imperturbável tranqüilidade e em quem a pátria possa confiar seus destinos. Aos jovens alunos que hoje iniciam suas atividades nesta escola e os veteranos as minhas palavras são de um conselheiro e de um entusiasta da juventude. O trabalho e o estudo baterão a porta dos senhores dia e noite! Estudem com afinco e ao lhes ser dada a oportunidade escolham sua especialidade com critério e consciência. O êxito do estudo não depende apenas da capacidade e dedicação de quem ensina, mais também da vontade e interesse de quem aprende. A instrução não só valoriza o homem sob o ponto de vista individual, como também, no seu conjunto a coletividade a qual pertence. As qualidades indispensáveis para que qualquer cidadão consiga êxito na vida militar- subordinação e disciplina – devem ser altamente cultivadas. A disciplina exige confiança e esta é conquistada pelas qualidades morais e intelectuais de cada um: o espírito de disciplina e subordinação deve ser rigorosamente compreendido, aceito e observado de grau em grau na hierarquia militar; do contrário torna-se difícil a realização de qualquer tarefa. Na vida militar o exemplo é mais eficaz que a punição por ser a alma da disciplina .Um militar só pode dar exemplo de dignidade dedicação e amor ao trabalho, quando possui sólidos conhecimentos gerais e profissionais a par de um caráter firme e bem formado. Por isso meus jovens comandados, para o militar a disciplina e a obediência são tão importantes quanto a coragem realizadora que é o armamento poderoso dos cidadãos de espirito forte. Não esqueça que para vencer qualquer batalha é preciso saber e querer. O fator moral é o elemento mais preponderante e decisivo nas situações difíceis da vida e geralmente verificamos que a simplicidade e ordem são condições essenciais para elevar o moral e dar nítida compreensão de que: “Obedecer é tão nobre quanto comandar”. Coloquem sempre os interesses da pátria acima dos interesses pessoais. Não nascemos unicamente para nós, nascemos, também, para servir a pátria. A grandeza de um povo reside no grau de patriotismo e de amor ao trabalho de seus filhos. Nada reside a uma vontade que quer e a uma inteligência que sabe. Daí para vencer é preciso saber querer. O aluno da Escola de Especialistas de Aeronáutica tem o dever de pautar sua conduta individual orientada única e exclusivamente pelos ideais de trabalho, desprendimento, disciplina e dedicação. Tornando-se digno Especialista da Força Aérea Brasileira (CAVALCANTI, p:80).

Nesse discurso, o comandante começou a formação de uma nova identidade para o aluno da EEAR. Seria sua identidade militar, a qual deveria respeitar até o fim de seus dias, caso continuasse na carreira militar.

A importância da doutrinação e da aceitação dos alunos às regras da instituição, segundo Goffman em seu livro **Manicômios, Prisões e Conventos**, “são primordiais para um relacionamento satisfatório entre instituição e indivíduo. (...) a vida do internado é constantemente penetrada pela interação de sanção vinda de cima, sobretudo durante o

período inicial de estada, antes de o interno aceitar tudo sem pensar no assunto”(GOFFMAN,1961, p:42).

Entre tantos outros procedimentos educacionais, a rigidez no trato com os alunos se fazia presente. O tenente-coronel aviador Armando Pinheiro de Andrade, em seu 1º dia de comando, no discurso de posse disse: (...) fazendo lembrar que, quanto mais árduo o dever, maior é a satisfação de o termos cumprido, recomendo a cada um dos que, nos setores de suas atribuições, deva concorrer para o cumprimento de nossa missão, empregar a sua mais leal dedicação e melhor esforço no trabalho que lhe for distribuído, concorrendo assim para o perfeito e útil funcionamento desta Escola, tão necessária à Aviação forte e proveitosa que todos tanto almejamos” (CAVALCANTE, p:22).

A idéia de que pelo sofrimento se tem a recompensa sugere uma tática usada constantemente. Leia-se nos discursos, nas *ordens do dia*, em conversas, em depoimentos. Na doutrinação, a diluição da diferença aparece imperiosamente em todos os momentos: nos uniformes, refeitórios, alojamentos, entradas e saídas, direitos e deveres. Conforme o comandante da Aeronáutica, tenente brigadeiro do ar Luiz Carlos da Silva Bueno (Folha de São Paulo, p.A3, 8/junho/ 2004.): “Dormem no mesmo alojamento, comem no mesmo rancho, carregam a mesma mochila. Não há casta nem separações. A igualdade é absoluta”.

Na Ordem Unida os alunos reclamavam devido ao esforço inicial. “Os testes de resistência para melhorar a formação física eram realmente para homem” (palavras de um ex aluno).

Para Anjos, todos os nossos alunos vivem em rigoroso regime militar, fazendo parte de esquadrilhas – agrupamentos distintos de alunos sob o comando de um oficial - que através de suas ordens unidas, instruções militares, marchas etc., conseguiam preparar com absoluta precisão o espírito de disciplina e ordem dos alunos ( ANJOS, 1954, p:15 ).

Todos os alunos reconheciam a importância desta rigidez e demonstravam inclusive orgulho de terem superado seus limites. Os momentos mais difíceis desses testes de resistência eram feitos após a quarentena. Havia uma adaptação, ou seja, uma preparação para que o aluno não ficasse tão assustado. O tenente-coronel Camerotte afirmou sobre a Ordem Unida:

“Era muito rígida. Ora comandávamos o grupo para aprendermos a voz de comando e ora éramos comandados por um outro aluno. O teste de resistência, em marcha, era dado aos alunos, pelo comandante da Companhia de Infantaria e Guarda, Capitão Runha. Geralmente essa instrução de resistência era ministrada após o almoço, às 14horas, sol forte, capacete, mosquetão, cinto, munição e botas. Só se ouviam os comandos e gritos dos sargentos monitores: Todos em forma! Preste atenção no toque

da corneta! Pare com o bate papo! No bumbo, bate o pé no chão com vontade! Encolha a barriga, tá parecendo um monte de grávidas! Aqui só tem lugar pra macho! Era assim o tempo todo de marcha, ida e volta, do prédio do comando ao hospital, marchando uns 10 quilômetros” (Entrevista tenente coronel Camerotte).

Para se alcançar a *disciplina* desejada dentro do quartel era importante manter alguns pontos sob controle da chefia: conduta, fidelidade, fraternidade. Era a nova identidade inculcada no aluno militar. Para o tenente-coronel Runha, a fraternidade era a principal conduta para um militar.

No esquema atual, todos os quatro componentes originais da honra militar ainda vigoram – conduta aristocrática, fidelidade pessoal, fraternidade autônoma e busca da glória. (JANOWITZ, 1967, p:215).

Para os alunos, perguntado qual seria a sustentação da Aeronáutica, a maioria respondeu que era a fraternidade. O desrespeito ao superior, ao símbolo nacional ou a farda era preocupação tanto dos militares superiores quanto dos alunos. Para que não houvesse desrespeito a um oficial, era importante a inculcação de uma doutrina rígida e punitiva em caso de desrespeito<sup>41</sup>.

Um ex -aluno que não quis se identificar contou que um “oficial pediu para ele dar um recado para outro oficial. Encontrando-se com este oficial chamou-o pelo nome, levando assim a maior bronca”. A disciplina começa nos momentos mais simples: como arrumar a cama. O aluno era ciente que recusar obediência ou insubordinação podia causar-lhe sérios prejuízos<sup>42</sup>.

A continência<sup>43</sup> além de uma saudação era uma forma de respeito e disciplina. O aluno militar era obrigado a prestar continência a seus superiores<sup>44</sup>.

<sup>41</sup> Art. 160. Desrespeitar superior diante de outro militar: Pena - detenção, de três meses a um ano, se o fato não constitui crime mais grave ( Escola de Especialista de Aeronáutica, Código Penal Militar, p: 22).

Art. 162. Despojar-se de uniforme, condecoração militar, insígnia ou distintivo, por menosprezo ou vilipêndio: Pena – detenção, de seis meses a um ano ( Escola de Especialista de Aeronáutica, Código Penal Militar, p: 23).

<sup>42</sup> Art. 163. Recusar obedecer a ordem do superior sobre o assunto ou matéria de serviço, ou relativamente a dever imposto em lei, regulamento ou instrução ( Escola de Especialista de Aeronáutica, Código Penal Militar, p: 23).

<sup>43</sup> Art. 15. A continência individual não pode ser dispensada. Constitui prova de disciplina, que o militar é obrigado a prestar aos superiores. Ela é feita a qualquer hora do dia e da noite (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra e sinais de Respeito das Forças Armadas, p: 9).

<sup>44</sup> Art. 8º. Continência é a saudação militar (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra e sinais de Respeito das Forças Armadas, p: 7). Art. 13. O superior, qualquer que seja o posto ou graduação, tem por dever, de corresponder à continência que lhe é feita; por essa forma, dá aos camaradas e subordinados uma prova de consideração e do mútuo respeito que deve existir entre os membros da família militar (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra e sinais de Respeito das Forças Armadas, p. 9 ). Art. 14 Continência individual é a saudação que militar isolado, isto é, não estando de sentinela ou não sendo parte de tropa comandada, faz à Bandeira, ao Hino Nacional, aos superiores e

A disciplina para ser eficaz, precisa ser eficiente em grandes e pequenos detalhes. Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente. (FOUCAULT, 1977,p:139). Para Foucault a disciplina procede primeiro na arte da distribuição dos indivíduos no espaço.“(...)A disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT,1977, p: 128).

Percebe-se a vigilância de todas as maneiras com os alunos, quando Foucault, afirma: “a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma nacionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito” (FOUCAULT,1977, p: 192).

Os alunos eram constantemente observados, mas, com o sentimento do dever cumprido, não os atormentava muito esta vigilância. “se você cumpre as regras, obedece aos superiores não tem do que temer. Mas se te descobrem fazendo coisa errada, você estava “frito”. (entrevista com aluno que não quis se identificar).

Para manter a disciplina algumas estratégias eram usadas como: horários precisos, atividades controladas nos mínimos detalhes o dia inteiro, educação, obediência, bons tratos, elogios. No Boletim n.º 66, de 03 Abril 56, está escrito o seguinte elogio: é com imensa satisfação que elogio e louvo o IS.Q.EA.AL. Antônio Moreira Machado, pela maneira brilhante que terminou o curso de Suprimento na Escola da USAF, em Chayenne. Obteve o Sargento Machado o primeiro lugar da turma, tanto no curso prático quanto no teórico, entre americanos e outros estrangeiros, o que nos deixou bastante orgulhosos, e que seu esforço seja tomado como exemplo por seus colegas, atualmente em estágio ou que venham a ser matriculados em cursos no estrangeiro (CAVALCANTI, p:96).

Elogios, e ao mesmo tempo normas rígidas, faziam dos alunos, pessoas com auto-estima muito elevada.

Contudo, a idéia de que moldar um indivíduo para obedecer as normas só é possível por meio de fadiga persistiu por toda a década de 50.

Com a Aeronáutica mais moderna, professores especializados, foi possível mudar este conceito de manter o militar sob constante pressão, embora a essência da disciplina rígida continue.

Todos os momentos do dia são favoráveis para moldar o aluno, mas as atividades pesadas talvez sejam a forma mais contundente para moldar um indivíduo: “as marchas, os

---

às autoridades especificadas neste Regulamento (Escola de Especialistas de Aeronáutica, Regulamento de Continência, Honra e sinais de Respeito das Forças Armadas, p: 9 ).

acampamentos, os serviços e as fadigas das noites de vigília vão endurecendo, temperando e estruturando o caráter do jovem. Os ímpetos da juventude são amortecidos pela disciplina, os ensinamentos se gravam no espírito e as responsabilidades nas guardas, em noites chuvosas, vão transformando em homem aquele jovem brasileiro. Assim, quando volta à vida civil, o jovem raciocina com mais acerto e pesa seus atos” (Bueno, Luiz Carlos da Silva, tenente brigadeiro do ar, comandante da Aeronáutica, Folha de São Paulo, p:A3, 8/ junho/ 2004).

Para reforçar esse comportamento adequado, baseado na disciplina, algumas medidas eram tomadas como, por exemplo, premiar o aluno como forma de recompensa ao bom entendimento militar<sup>45</sup>.

No relatório de 1952, da Diretoria do Ensino da Escola de Especialista de Aeronáutica, Departamento do Pessoal-Militar, encontra-se o seguinte elogio<sup>46</sup>.

A disciplina era rigorosa e a obediência era cega. Em conversa informal, sobre disciplina, com alguns ex-alunos, ninguém demonstrou tristeza e infelicidade com esse procedimento tão rigoroso, ao contrário, mostraram auto-estima, e orgulho por servirem a pátria.

O ex- aluno Leques disse em entrevista que “hoje aos 72 anos de idade , com uma visão do mundo bem mais madura não teria dúvidas que faria tudo outra vez”.

O regime de hierarquia na EEAR era fundamental para que houvesse obediência e respeito. Como disse o tenente Dias: “não importa se você sabe mais ou menos que alguém. Se a patente do outro for maior que a sua, o melhor a fazer é obedecer. O militarismo só funciona se for desta forma”.

Para Runha, o militarismo precisa de hierarquia, obediência, respeito e disciplina, caso contrário um superior não conseguirá manter a tropa subordinada em tempos de paz, nem em tempos de guerra.

O enfoque da disciplina militar era rígido e voltado para o comprometimento dos alunos com a cidadania, a Aeronáutica e o país.

---

<sup>45</sup> Capítulo 3 – Dos prêmios da Instrução Militar (...) XXV- Serão distribuídos, no ato da formatura dos alunos, prêmios na forma abaixo: Dois prêmios INSTRUÇÃO MILITAR, para os alunos que demonstrarem maior eficiência no resultado final dos exames da Escola de Sargentos. Um prêmio DISCIPLINA MILITAR para o aluno que durante toda a sua vida militar na Escola não tiver uma única punição; em igualdade de condições prevalecerá o que conter maior tempo de praça na ---- ( o documento esta ilegível neste lugar portanto não foi possível verificar em qual praça) classificado no ótimo comportamento (cont. do boletim. Nº101 de 5 de Maio de 1950 da E. T. Av. ).

<sup>46</sup> Recompensa e elogio: Oficial 46, Asp. Oficial 0, Sub- Oficial1, Sargentos 25, Cabos 6, Soldados 2, Alunos 23, Taifeiros 0, Soma 103 ( Fonte: Relatório Anual de 1952).

A inclusão da escola na Ordem do Mérito era o reconhecimento formal, tão importante para os alunos sentirem que o sacrifício pelo país valia a pena. A Ordem do Mérito, era a forma com que o governo encontrou de premiar instituições pelos bons serviços prestados a Pátria. Como observamos na Ordem do Mérito da Aeronáutica:

#### Ordem do Mérito Aeronáutico

Por decreto de 12 de outubro de 1955, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República houve por bem admitir na Ordem do Mérito Aeronáutico a Escola de Especialistas de Aeronáutica, estabelecimento de Ensino que desde da sua criação tem desempenhado papel de relevo na Aeronáutica Brasileira, fornecendo com eficiência os elementos técnicos tão necessários aos quadros do Pessoal Subalterno da Força Aérea Brasileira.

Sem medir sacrifícios, tem cumprido sua missão com cabal acerto não só no aperfeiçoamento da técnica e dos processos pedagógicos, bem como ministrando uma sólida instrução condizente com a sua alta finalidade.

Alicerce da nossa técnica aeronáutica, aliado a um alto padrão de eficiência, soube sempre inculcar no numeroso pessoal que preparou, mais de dez mil especialista, grande dose de abnegação e espírito de sacrifício sobejamente demonstrados na obra ingente daqueles que, ombro a ombro com os pilotos, dão, diariamente, provas do seu esforço profícuo pelo engrandecimento da FAB.

A inclusão da Escola de Especialistas de Aeronáutica na Ordem do Mérito é o reconhecimento, de público, do Governo, que resgata uma dívida, pelos seus inigualáveis serviços prestados ao desenvolvimento da Aeronáutica no Brasil.

Brigadeiro do Ar Henrique Fleius - Ministro da Aeronáutica.

A disciplina militar, além de ser impecável dentro da base, teria que funcionar mesmo, fora dos olhares militares superiores. A esposa de um militar, que não quis se identificar, nascida em Guaratinguetá, disse: “quando eu era jovem e íamos ao cinema da cidade no domingo, seção da tarde, notávamos o silêncio vindo do lugar aonde os alunos sentavam, pois na nossa turma a bagunça era total. O cinema “vinha abaixo” de tanta conversa e barulho, mas os alunos ficavam muito quietos, a gente não escutava nem um pio deles” (Entrevista- esposa de um militar que não quis se identificar).

O aluno precisava se comportar conforme os ensinamentos militares mesmo fora da base, estando sujeito às penalidades, caso fosse descoberto comportamento inadequado. Para manter o controle, uma viatura militar fazia a ronda pela cidade recolhendo alunos indisciplinados socialmente.

#### **Espaços – O pátio em frente ao comando, lazer e diversão**

As instituições militares sempre estiveram envolvidas com suas obrigações cerimoniais, permaneciam arraigados aos contextos de cortesia e protocolo. Como no militarismo, a sociedade era muito restrita e pessoas viviam muito próximas uma das outras, era importante observar da maneira mais severa possível os rituais do protocolo.

Na EEAR, o cerimonial se reunia todos os dias pela manhã para o hasteamento da bandeira. Esta cerimônia acontecia no pátio em frente ao comando. Outras cerimônias se realizavam neste local, como as formaturas, treinamento de doutrinação, boas-vindas a visitantes ilustres, chefes de Estados ou até mesmo presidentes.

Os militares são socializadores ativos e trabalham com afinco no cumprimento de suas obrigações cerimoniais. Nenhuma outra profissão, salvo a diplomacia profissional, dá tanta atenção à cortesia e ao protocolo. Sobrevivem nas forças armadas a polidez "antiquada" e as maneiras formais, embora hajam sido adaptadas às realidades da moderna vida organizacional.

Homens que têm de trabalhar na mais estreita proximidade física passam a se interessar pelos hábitos pessoais de seus camaradas. Os conceitos de honra e de espírito marcial estão fundamentados em rituais de companheirismo. (...) A auto-concepção de que a profissão militar é "especial", implantada nos cadetes pelas academias militares, é preservada por essas fórmulas de etiqueta e cerimônia (Janowitz, 1967, p. 195).

O pátio em frente ao comando era um local especial para os alunos. Local este destinado a obrigações cerimoniais como: solenidades de formatura de graduação, hasteamento da bandeira e outras festividades nas quais o protocolo e a cortesia eram motivo de aprimoramento dos alunos na base militar. Para Janowitz os conceitos de honra e de espírito marcial estão fundamentados em rituais de companheirismo.

O pátio com seu exuberante prédio à frente, transmitia toda seriedade de que a cerimônia precisava. Toda solenidade ou evento era acompanhada de um militar superior, ou seja, o aluno estava em vigilância constante, mantendo um padrão rígido de doutrinação (...) a Força Aérea é muito sensível aos costumes militares e tomou como modelo as tradições do Exército. Como a arma mais nova, e no seu próprio entender, a mais importante, ela mostra toda a preocupação e rigidez dos adventícios. O código pessoal é menos formal, mas todos os detalhes externos do protocolo estão em funcionamento (Janowitz, 1967, p:198).

O hasteamento da bandeira era feito todos os dias às 8h00 da manhã, na presença dos oficiais, companhia de guardas e de comando, taifeiros, sargentos cabos e soldados. A passagem de serviço também era feita neste local.

## Lazer e diversão

O cinema era um prêmio para os alunos, talvez o maior divertimento dentro da escola. Como era pequeno, as sessões eram divididas por turma. A melhor esquadilha<sup>47</sup> era escolhida para ir ao cinema. A esquadilha era considerada melhor quanto à arrumação do alojamento, limpeza, uniforme impecável, pontualidade, disciplina.

Com a falta de um teatro dentro da escola, algumas vezes o Cine Urânio, de Guaratinguetá, foi alugado para peças encenadas pelos próprios alunos. Seria outra forma de entrosamento da cidade e da escola.

Em 20 de agosto de 1952 foi fundado, por Luiz Mendes de Oliveira, o Clube Recreativo Santos Dumont, localizado na antiga rua da Palha, destinado ao lazer dos funcionários e alunos da EEAR.

Em entrevista com o professor Diógenes, encontrei uma senhora que não quis se identificar, freqüentadora deste clube. Ela me disse: “Eu vinha todos os domingos escondido da minha família, ao Santos Dumont, tinha uns 17 anos. Naquela época, eu morava em outra cidade, tomava ônibus para vir a Guaratinguetá. Não era permitido moça da sociedade freqüentar o clube. Mas era bom vir dançar com os alunos da escola, eles eram muito gentis. O baile começava as 17h00 pois os alunos deveriam voltar cedo para a escola”.

(...) “O Clube Santos Dumont, além de ser o principal elo entre os alunos e a sociedade era a nossa principal distração” disse o tenente-coronel Camarotte.

Para o tenente-coronel Liz, “os bailes eram ótimos. Era ponto obrigatório e se faltássemos as garotas reclamavam”.

Mais tarde em 23/11/1958, Luiz Mendes de Oliveira fundou em Guaratinguetá a Sociedade Amigos do Bairro do Pedregulho (SABAP), que só foi inaugurada em 12 de junho de 1962 .

Seu fundador veio para Guaratinguetá com a E.T.Av. e por não ser da cidade sofreu um pouco a indiferença da sociedade arredia a pessoas de fora.

Conta a história que nenhuma autoridade da cidade compareceu ao baile de inauguração.

Luiz Mendes de Oliveira conhecia bem os militares, pois em 01 de abril de 1944 ingressou na Escola Técnica de Aviação, em São Paulo<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> Nome dado a uma fração de mais ou menos 100 alunos

<sup>48</sup> Luiz Mendes de Oliveira, representando o Comando da extinta Escola Técnica de Aviação, conduziu, até Natal, em 1948, o Navio hidrográfico José Bonifácio, da Marinha de Guerra. Este navio transportava material da E.T.Av. para a base de Natal, o primeiro da série destinado à transferência, E.T.Av. – Natal, que não se efetivou e que gerou a criação da Escola de Especialistas de Aeronáutica de Guaratinguetá.

Com a inauguração da SABAP, os bailes de formatura passaram a ser neste local. O salão de festas era grande, bonito e satisfazia muito bem a “pompa” exigida pelos militares.

Outro espaço importante para o aluno era a “Sociedade Corpo dos Alunos”, local de representação dos alunos perante seus superiores. O aluno acreditava que ali seria acolhido se algum problema o afligisse, e poderia fazer suas reivindicações.

O presidente da “Sociedade Corpo dos Alunos” era um aluno, escolhido pelos alunos e aprovado pelo Comandante do corpo de alunos. Em algumas entrevistas com ex-alunos, consta-se que esta sociedade não era muito ativa e nem fazia muita reivindicação, pois seus representantes ficavam com medo de alguma represália. A “Sociedade Corpo dos Alunos” funcionava como um elo entre alunos da EEAR e oficiais. Neste local, os alunos resolviam problemas de ordem prática como as formaturas, bailes e outros eventos.

Com o tempo, os militares foram construindo novos espaços, vários prédios dentro da E.E.AR., como: alojamentos para alunos, prédio do comando, pavilhões especializados, vilas residenciais, batalhão da infantaria, corpo da guarda e outros.

Aos poucos a escola foi organizando sua estrutura com praças, saneamento básico e arborização.

### **Estandarte, Emblema e Canção do Especialista**

O uso de insígnias e estandartes militares era muito difundido. O estandarte da EEAR foi criado em 16 de novembro de 1953, pelo decreto nº 34.662. A solenidade de passagem do estandarte para a outra turma dá mostras da importância dos símbolos no meio militar, principalmente para alunos em fase de aprendizagem, (...)“nas solenidades de formatura dos novos sargentos, ocorre a cerimônia de passagem do estandarte da escola, quando um formando o entrega ao aluno primeiro colocado, aluno 01 da próxima turma a se formar. Nesse momento o locutor da solenidade fala o seguinte: Conduzir o estandarte da escola é a maior honra conferida a um aluno. Aluno ..... ! Como aluno 01 que sois agora, conduzi com altivez o estandarte desta escola, honrando-o pois ele representa, neste momento, o símbolo de vossa vitória (CAVALCANTI,p:130).

O emblema designativo da escola foi aprovado bem mais tarde, somente em 07 janeiro 1985, pela portaria n ° 001.

A canção do Especialista era a máxima em qualquer evento na escola. Cantar a canção do Especialista para o aluno militar significava reafirmar suas convicções militares: “E, por

---

isso mesmo, na ocasião em que, em uníssono, entoamos a canção do Especialista, os nossos corações pulsam mais fortes” (Jornal Procelária, AnoVII, novembro e dezembro nº 32 e 33, 1954,p:2 ).

A canção do Especialista, composta em 1942, é cantada com grande entusiasmo pelos alunos em festividades militares, em voz vibrante e bem forte. A letra desta música mostra os efeitos de elogios como força, coragem e disciplina. “*É o lema do nosso sucesso*”. Com letra e música do aluno George Ayres Borges, formado no 3S Q-AR<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Canção do Especialista

Com os pilotos e asa seremos  
Que possamos temê-lo jamais.  
Da bandeira da pátria a imagem  
Para frente com garbo varonil  
Quer na terra ou nos ares a lida  
Companheiros viver é lutar  
Devorando o espaço ligeira

Um conjunto de todo eficaz  
Disciplina, amor e coragem  
Nos aponta a ordem e o progresso  
Agiganta a tua obra sem par  
Os perigos nos mandam enfrentar  
Quando passa uma asa altaneiro  
Nós sentimos orgulho sem par.

Por mais forte o inimigo não vemos  
É o lema do nosso sucesso  
Especialista, avante ao ar  
Sob o céu deste grande Brasil  
Nos ufanas e sentimos a vida  
Sob o céu sob a terra e o mar

## CAPÍTULO 3 O ENSINO

### 3.1 Ensino, recrutamento e exame de seleção

Ao final, resta-nos o orgulho de saber que a qualidade supera a quantidade, e a certeza de que a EEAR, mantendo-se fiel ao princípio de que a maior riqueza de um povo é a sua própria educação, continua a cumprir plena e orgulhosamente a sua alta finalidade. (CAVALCANTI, p:139)

“O Departamento de Ensino é o órgão encarregado de todos os problemas relacionados com o ensino. É encarregado de proporcionar aos alunos os conhecimentos de natureza técnico militar exigido pelo Estado Maior nos padrões mínimos de eficiência para o Corpo do Pessoal Subalterno e necessários ao bom desempenho da função de especialista e artífice”. (Relatório Anual da Escola de Especialista de Aeronáutica, ano 1954).

Para o tenente Dias, a prioridade número um da EEAR era o ensino. “Podia faltar verba para tudo, jamais para o ensino”. Dos oficiais, alunos e professores entrevistados, todos, sem exceção, confirmaram que o ensino da escola era exigente e rigoroso.

Algumas propagandas que os alunos julgavam mentirosas, de cursos preparatórios para ingresso na Aeronáutica afirmavam: “se você sabe ler venha nos procurar”. Os militares e professores civis insistiram em afirmar que os pretendentes ao ingresso na escola deveriam saber e gostar muito de física, matemática, eletrônica e outras matérias pois, caso contrário, seriam reprovados posteriormente.

Os alunos precisavam ter a postura física excelente e saúde física irrepreensível, como se percebe no boletim, separado pelos conteúdos mais relevantes.

Fl. 1063

(cont. do Bol. n.º 101 de 5 de Maio de 1950 da E.T.Av.)

(... ) VI- Entre os períodos a seguir ao término do 3.º. são reservados 15 dias para a realização dos exames finais dos respectivos períodos.

VII- Os exames de que tratarão o item anterior são constituídos de provas escrita, prática e oral, realizadas na forma abaixo:

a) Prova escrita: organizada sob forma de teste, com 20 perguntas valendo cada uma 5 pontos, versando sobre todas as disciplinas; b) Provas práticas: Ordem Unida e Educação Física;

c) Provas prática- orais: Organização de Terreno, Armamento e Tiro, Combate e Serviço em Campanha e Topografia; d) Prova oral: Higiene;

VIII- Será considerado aprovado o aluno que obtiver média aritmética final, igual ou superior a 70, com direito de obter grau entre 50 e 70, em apenas uma disciplina;

IX- Retornará a turma que lhe seguir em antigüidade o aluno, que embora obtenha média final igual ou superior a 70, não tenha, todavia, alcançado aquele grau (70) em duas disciplinas;

X- Ainda retornará o aluno que permanecer baixado ao CM (Corpo Médico) ou dispensado da Instrução Militar, por prescrição médica ou quaisquer outros motivos, por mais de 8 dias de Instrução, consecutivos;

XI- Será considerado reprovado o aluno que não obtiver média final de exame igual ou superior a 70, e que tenha sido reprovado em três disciplinas ou inabilitado em Educação Física;

XII- O grau de Educação Física é dado sob a forma “apto” e “inapto” de acordo com o

- regulamento competente, que rege a matéria sendo eliminatório o referido exame final;
- XIII- Os exames finais de cada período devem ter início pelo o de Educação Física (eliminatório) não devendo prosseguir nos exames o aluno que for inabilitado no referido exame;
- XIV- O resultado dos exames constará de uma ata feita e assinada pela comissão de exame;
- XV- O retorno de que tratam o item IX e X é de competência da Chefia de Instrução Militar e é determinado em ato conseqüente ao da publicação em Bol. Int. da ata de exame;
- XVI- O aluno reprovado nas formas dos itens XI e XIII, será submetido ao Conselho de Instrução, que decidirá sobre sua eliminação, reinício de período ou retorno;
- XVII- Em principio, o aluno só poderá retornar uma vez;
- XVIII- O conceito do aluno é dado pelo Instrutor ou Monitor em grau variável de 0 a 100 e entra como disciplina, no conjunto da média aritmética, de exame final, de que tratem os itens VIII, IX e XI;
- XIX- As provas mensais e final de Ordem Unida do aluno pertencente a Banda Marcial são feitos no âmbito da citada Banda, constante das mesmas;
- a) Ordem Unida de Banda Marcial b) Toques
- XX- O serviço de guarnição é ato de Instrução, devendo as observações de irregularidades do serviço serem registradas nas fichas disciplinares, para fins de conceito;
- XXI- Os Instrutores e Monitores do aluno submetido ao Conselho de Instrução deverão fornecer ao Chefe da Instrução Militar, em tempo hábil, uma folha secreta de conceito em que deverá esclarecer a conduta do aluno, maior ou menor interesse do mesmo pelas cousas militares e tudo mais que possa esclarecer ao Conselho;
- XXII- O Chefe da Instrução Militar, como membro do Conselho de Instrução, comparecerá as suas reuniões, munido da ficha disciplinar e da folha secreta de conceito, do aluno “Sub Judicie”;

O aluno precisava adequar-se ao aprendizado da doutrina militar que tinha um peso muito elevado para que se tivesse uma carreira satisfatória. Se o estilo de vida militar não fosse aprendido pelo aluno com todas as suas exigências, com certeza ele seria desligado. No boletim acima, observa-se como era importante uma adequação radical no comportamento do aluno, e no seu estilo de vida, que deveria ser repensado em todos os momentos, atitudes e gestos, como a continência ao superior. Na instrução militar o aluno deveria ter sua folha secreta, feita pelos instrutores e monitores, apreciada pelo Conselho de Instrução, em ótimo conceito, pois o aluno poderia ser desligado caso seu quadro de adesão aos conceitos militares não fosse satisfatório.

Janowitz considera o significado de uma educação acadêmica “numa academia militar é a primeira e a mais crucial experiência de um soldado profissional. As experiências educacionais de um cadete não obliteram seus antecedentes sociais, mas deixam impressões fundas e duradouras. Embora nem todos os generais e almirantes tenham freqüentado academias militares, estas fixam os padrões de comportamento para toda a profissão militar. São elas a fonte da difundida igualdade de sentimento a respeito de honra militar e do sentido de fraternidade que prevalece entre os militares. A perspectiva profissional das forças armadas até 1950 deve ser vista como um amálgama dos antecedentes conservadores de seus cadetes” (JANOWITZ, 1967, p: 129).

O civil com poder aquisitivo às vezes baixo, sente no militarismo a chance de poder estudar e alcançar o sonho muitas vezes acalentado desde menino: ser o chefe, o comandante.

Para o tenente-coronel Runha, “o estilo de vida militar aos olhos de um civil muitas vezes parece duro, mas depois que o aluno inculca regras, leis e outros procedimentos adequados ao militarismo a vida militar se torna agradável”. E isto confirmava-se pela quantidade de militares que continuaram suas carreiras, mesmo sendo oferecido a esses alunos depois de formados, e tendo servido a Força Aérea Brasileira por cinco anos, empregos civis bem-remunerados. O ex- aluno Domingos Bressan, da turma de 1953, técnico em sistemas eletrônicos, em 1960 foi convidado para trabalhar na Companhia Siderúrgica Paulista, COSIPA, como eletricista encarregado do controle da oficina elétrica. Para se ter uma idéia do valor dos eletricistas da Aeronáutica, para seu salário, que era de 24 mil reais, a COSIPA ofereceu 180 mil reais, quase oito vezes mais (Entrevista Domingos Bressan).

Igual a Bressan, vários outros aspirantes a vida militar foram convidados para empregos particulares. Contudo, os alunos sabiam que sair da Aeronáutica seria o fim da carreira militar.

Ao ingressarem na EEAR, os alunos estariam iniciando uma vida de completo desapego aos seus laços regionais, transformando sua vida em sentimentos voltados ao militarismo. Percebe-se que havia resistência a esta nova identidade. A família, a cidade, os costumes eram raízes difíceis de serem cortadas. Os que conseguiram essas mudanças deram indícios de que adaptar-se a vida militar seria menos doloroso. Observa-se que a maioria dos ex-alunos gosta de falar sobre suas raízes e costumes. Isto demonstra que, em tanto tempo de militarismo, raízes mais profundas estão intactas: laços familiares e regionais, costumes e cultura. Para a EEAR, o importante era ensinar a esses alunos como servir a Pátria, conquistar novos colegas para sempre e manter-se fraterno a sua nova corporação.

Janowitz afirma sobre a carreira do oficial militar, mudanças e rupturas tão importantes ao militarismo:

O oficial profissional ingressa numa carreira em que uma autoridade única regulamenta todas as oportunidades de sua existência. Com efeito, o aspirante verifica que todo o ciclo de sua vida diária está sob o controle desta autoridade única, pois a vida militar é uma vida institucional. Além das qualificações técnicas que ele adquire, as academias devem prepará-lo para o estilo de vida peculiar ao militar e doutriná-lo quanto à importância de liderança heróica. Devem procurar enfraquecer laços regionais e desenvolver um sentido de identidade nacional mais ampla. Admitido o oficial em potencial, e sobrevivendo este às provas de iniciação, a finalidade de uma academia militar consiste em transformá-lo num membro da

"fraternidade" profissional. West Point, Annapolis e Colorado Springs, a academia mais recente, devem implantar no aspirante um conceito de honra profissional. Uma vez que a graduação numa academia significa ingresso num grupo que se dispersa muito gradualmente - o oficial está sempre associado a uma determinada classe de formandos - a educação acadêmica significa a aquisição de colegas para toda a vida e a necessidade de se ajustar a eles (JANOWITZ,1967, p: 130).

### **3.2 Currículo, práticas escolares, sistema de avaliação e estudo noturno obrigatório**

De alguma forma, a Aeronáutica exercia um fascínio entre jovens de qualquer classe social, pelo uso da farda, pela admiração às aeronaves. O sonho acalentado desde criança por muitos jovens era ser o brigadeiro das bases aéreas, comandar muitas pessoas, ir à guerra.

Porém, existiam também os jovens de poucos recursos, como nos lembra Janowitz: “a profissão militar tem sido sempre um canal alternativo de mobilidade para os ambiciosos, sempre que há uma ausência relativa de oportunidades econômicas (1967, p.8), que procuravam a Aeronáutica para se estabilizarem financeira e socialmente, posto que ao pertencer às Forças Armadas havia a possibilidade de uma carreira sólida e de status alto, caso o aluno obtivesse postos de comando.

O ex-aluno Felipe Duarte Leques, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, disse em entrevista : “Eu gostava muito de avião. Meu primeiro contato com a E.T.Av. foi na estação de bonde, na cidade de Rio Grande. Fiquei louco pela idéia” (Entrevista Felipe Duarte Leques).

A Aeronáutica se desenvolveu rapidamente em tecnologia devido a Segunda Guerra Mundial e, no período de paz, resolveu ampliar o conhecimento de seus alunos, oferecendo ascensão rápida aos alunos que se destacavam. Para Janowitz, a “ampliação e o meio de recrutamento refletem o crescimento da instituição militar e a demanda de maior número de especialistas treinados. Na Europa Ocidental, à medida que a qualificação tornou-se a base para recrutamento e promoção, o monopólio aristocrático da oficialidade diminuiu. Nos Estados Unidos, pode-se demonstrar um processo equivalente, ainda que historicamente as linhas sociais tenham sido mais fluidas. A Força Aérea, com sua crescente demanda de qualificação técnica e sua grande expansão num período curtíssimo, é o serviço que tem oferecido maior oportunidade para rápida ascensão hierárquica” (JANOWITZ,1967, p: 18).

A mecânica da ascensão de uma carreira militar varia muito. Além de comportamento exemplar, competência, e outros atributos, nos depara-se com o período em que o militar está

servindo. Se for em tempo de paz, sua ascensão é mais lenta do que em períodos de guerra, pela exigência da própria guerra em ter nos seus quadros de comandos mais militares graduados.

“Em retrospecto, faz muita diferença para um cadete que se forma a época da eclosão de guerra, pois uma diferença de um ou dois anos pode ser crucial na determinação de suas possibilidades de promoção. Assim, ter-se graduado em West Point ou em Annapolis nos anos anteriores à entrada dos Estados Unidos na I Guerra Mundial significou para um jovem oficial ter suas oportunidades enormemente aumentadas; sua disponibilidade aliou-se então à necessidade de maior número de generais e almirantes durante II Guerra Mundial” (JANOWTZ,1967, p: 128).

### Exame de seleção

O exame de seleção era aplicado em várias bases militares do país: (...) *III – resultado de exame de admissão: dos exames de admissão realizados nas bases aéreas de Vitória, Salvador, Campo Grande e Porto Alegre, foram verificados os seguintes resultados (Continuação do boletim , nº 263 de 19 de novembro de 1949 E.T.Av).*

Para o exame de seleção em Guaratinguetá compareciam brasileiros de todos os cantos do país. O tenente-coronel Arany Tavares disse em entrevista: “vinham candidatos de quase todos os Estados. Muitos cariocas, nordestinos, gaúchos. Como São Paulo oferecia melhores escolas, faculdades, facilidades de empregos, as opções de estudos eram muitas, restringindo os números de paulistas na seleção. Os interesses dos paulistas eram voltados para as profissões liberais, apesar da primeira escola de Aeronáutica ser na cidade de São Paulo. O governo facilitava a vinda dos interessados para a escola de Aeronáutica. Os cariocas de melhor condição sócio-econômica procuravam a Escola Preparatória de Cadetes de Barbacena, para ingressarem e virem a ser aviadores. As meninas da Escola Normal do Rio de Janeiro gostavam dos aspirantes a militar e o óculos Ray-ban dos aviadores eram a sensação”(Entrevista tenente coronel Arany Badini Tavares).

O primeiro exame de seleção aconteceu no dia 3 de abril de 1941, no Galeão, e uma banca examinadora foi convocada para este procedimento. Em 1955, o relatório Anual da Escola de Especialistas de Aeronáutica em Guaratinguetá informava: “O departamento de ensino, atingiu este ano a cota máxima, graduando neste período 402 alunos e 88 sargentos, perfazendo um total de 490 novos graduados que ingressaram no C.P.S.Aer. O efetivo do Corpo de Alunos também atingiu seu nível mais alto com um efetivo de 1328 alunos. O

exame de admissão realizado em dezembro apresentou um resultado que expressava melhor qualidade dos candidatos inscritos nos exames anteriores. Cerca de 550 candidatos aprovados ou seja quase 1/3 dos candidatos inscritos”.

Os exames de seleção eram feitos duas vezes por ano, através de exame médico e psicotécnico e prova escrita, levada pelos próprios militares a todas as unidades militares espalhadas pelo Brasil. Um dos professores entrevistados disse que as propagandas em São Paulo de cursinhos particulares que preparavam os alunos para esta seleção eram feitas por panfletos escritos com a chamada: “Se você sabe ler venha nos procurar”. “Basta saber ler”

Percebe-se que, com esta chamada, os militares não estavam interessados em alunos com um grau elevado de escolaridade, e isto se confirma com a falta de exigência de diplomas para o ingresso nesta escola. Era preciso ser brasileiro e ser aprovado no Exame de Seleção para integrar o quadro de alunos. Porém, para os oficiais, ex-alunos e professores entrevistados, o grau de exigência no exame era alto, sendo impossível para qualquer pessoa sem muita instrução ingressar, como fazia acreditar as chamadas nos anúncios. A idade mínima para o ingresso na Aeronáutica era de 17 anos e a máxima de 37 anos.

O diploma da Aeronáutica não dava ao aluno o direito a ingressar em uma faculdade, e isto era um transtorno para alguns, pois deveriam fazer adaptações, provas em escolas públicas para convalidar seu diplomas, com direito ao ensino médio. O tenente Dias, formado pela EEAR em 12 de agosto de 1944, segundo documentação, prestou exame de Complementação em História, no Ginásio Industrial Estadual de Guaratinguetá, em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, em 9 de outubro de 1965, em conformidade com o decreto 53.736, de 18/3/64 e Portaria 756 de 14/6/65, para convalidar seu diploma em relação ao MEC. Dias afirmou que o aluno, para ingressar em uma faculdade, deveria ter seu diploma convalidado.

Janowitz demonstra a mudança na grade curricular dos alunos das academias:

Visto serem as academias militares instituições altamente autônomas e dirigidas, em medida considerável, por quadros acadêmicos que se perpetuam, os esforços envidados pelos educadores para atualizar os currículos têm sido graduais. Entretanto, a tendência a longo prazo tem sido a de dar ênfase cada vez maior a uma educação geral e de inculcar nos alunos aquelas qualificações interpessoais exigidas a um administrador militar. Hoje em dia os requisitos profissionais são de tais proporções que já não basta uma antiquada educação profissional. Ademais, os cadetes insistem em que, além do treinamento técnico, seja-lhes oferecida uma certa tintura dos currículos de cursos universitários civis, pois não se satisfazem mais em ingressarem numa profissão que parece alienada do resto da sociedade. Portanto, a educação

recebida por aqueles oficiais que se tornaram generais e almirantes na década de cinquenta foi, basicamente, técnica e científica.

Tanto a academia militar como a universidade civil tiveram de dar maior atenção ao treinamento de qualificações interpessoais e sociais, o que outrora se considerava responsabilidade da família. Desde 1955, todas as três academias têm ministrado cursos aplicados de relações humanas e psicologia de grupo, o que prova que os requisitos da revolução organizacional invadiram a profissão militar. O treinamento de oratória, através de instruções em aula e atividades extra-curriculares, é essencial para o administrador militar do futuro. Um modelo elaborado de vida social, atividades extra-curriculares e um crescente interesse por "fatos atuais" fazem parte do esquema (JANOWITZ, 1967, pp. 135-136).

Na grade curricular encontram-se disciplinas comuns a todas as especialidades, sem uma carga tão elevada de aulas como a disciplina Educação Física. Em uma escola onde o foco principal é o Curso de Mecânico de Vôo, o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (CAS), o Curso de Iniciação a Técnicas de Ensino (CITE), o Curso de Atualização Técnica em Eletricidade e Eletrônica (CATEE), Curso para Formação de Especialista e Sargentos do Exército (CFE-EB), as disciplinas com maior número de aulas ministradas eram a Educação Física, e a Ordem Unida<sup>50</sup>.

Por ser uma escola militar, era preciso dar ênfase no preparo do aluno para a guerra, visto que a qualquer momento eles poderiam ser chamados para alguma missão. Para estar preparado para um campo de batalha era preciso compreender todo o significado de uma *ordem unida*, e ter o corpo em perfeito estado de saúde e forma física.

### **Prática escolar**

Quanto à prática escolar, manteve o sistema acelerado oferecido na E.T.Av., e os alunos se formavam em três meses. Porém com o fim da guerra e a transferência da escola para Guaratinguetá, a formação dos especialistas passou a ser de dois anos, mesmo que "(...) A principal característica do ensino na Escola Técnica de Aviação é sem dúvida, a rapidez; é este fator - a velocidade com que se imprimem os conhecimentos nos alunos - que se pode considerar verdadeiramente típicos nos resultados do método de ensino utilizado por nossa organização pedagógica. E neste sentido, a fim de conseguir uma perfeita coordenação do

---

<sup>50</sup> Exemplo: Matérias comuns a todas as especialidades e suas respectivas cargas horárias : Língua Portuguesa 62, Comunicação Oral e escrita 30, Relações Humanas 09, Educação Cívico- Militar 24, História da Força Aérea 10, Conduta Social 45, Chefia e liderança 07, Aeronáutica 16, Legislação Militar 55, Ordem Unida 200, Armamento munição e Tiro 71, Exercício de Campanha 41, Legislação Militar 64, Educação Física 260 (CAVALCANTI, p: 86).

movimento educacional, o preparo da mentalidade disciplinada tem decisiva importância; a obediência e a prontidão com que as ordens devem ser cumpridas representa, sem dúvida, a primeira possibilidade de realização de nosso método educacional” (ANJOS,1954, p: 14 )

Esta prática da rapidez era necessária pois no período de guerra os aviões que vieram para o Brasil dos Estados Unidos precisavam de mão-de-obra especializada e o “(...) método de treinamento rápido em série consiste em distribuir os alunos, psicotecnicamente classificados pelo Departamento Vocacional, em pequenas turmas ou classes, cujo tamanho varia de acordo com a natureza de cada curso e com as características de cada etapa de aprendizagem especializada” (ANJOS, 1954,p:17).

Segundo o professor Carlos Augusto Amorim, o curso tinha duração de dois anos, subdivididos em quatro períodos de instruções que constituíam as séries. As práticas escolares iniciavam com um curso básico de aprendizagem semestral, cuja formação básica se destinava ao soldado. O aluno deveria aprender, além das disciplinas escritas como português, matemática, e outras, as atitudes que caracterizam o porte militar, o manejo de armamento e regulamento. Este curso teria a finalidade de nivelar os alunos, uma vez que cada aluno mantinha um grau diferente de escolaridade e cultura.

Para Camerotte “o ensino básico era estruturado exclusivamente para dar base ao Ensino Básico Profissional, tanto que, na época, o MEC não reconhecia o curso da EEAR nem como curso ginásial e nem como curso científico. Havia muita complicação para homologá-lo no MEC. Era necessário fazer o artigo 99 (curso ginásial) através de provas, em estabelecimentos de ensino credenciado e com o curso ginásial, fazer provas de Organização Social e Política para ter a equiparação ao curso científico”(Entrevista tenente coronel Camerotte). A prática de convalidação era a mesma citada anteriormente pelo tenente Dias.

As disciplinas no primeiro semestre eram: (...) português, aritmética, física, desenho técnico, geografia, trigonometria, álgebra, química, eletricidade, tecnologia, instrução geral, ordem unida, defesa local, higiene, educação física, armamento e tiro (Cavalcanti p.25).

No segundo semestre, teriam início as matérias profissionalizantes e depois seriam introduzidas as especialidades. Em todo o período a instrução militar estava presente.

### **Avaliação**

Para o professor Carlos Augusto Amorim, a avaliação era feita por sistemas de provas, elaboradas e corrigidas pelos próprios professores. Mais tarde foi criado o setor de avaliação, deixando a cargo dos professores civis somente a aplicação e fiscalização das provas.

Assim, as provas passaram a ser redigidas pelos militares no sistema “americano”, isto é: prova de múltipla escolha, com correção pelo gabarito. E iniciaram-se então provas com “baterias de testes”. Estes exames eram considerados pelos alunos como a “prova de fogo” pois se fossem reprovados, seriam desligados, muitas vezes por décimos.

Segundo Foucault, exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da forma e o estabelecimento da verdade (FOUCAULT,1977, p: 164).

### **Estudo obrigatório**

O “estudo obrigatório noturno” funcionava apenas no primeiro ano, após o jantar, das 19h00 às 21h00. Neste estudo, denominado obrigatório, o aluno tirava suas dúvidas pessoais ou com colegas. O estudo obrigatório tinha como função principal, segundo Runha, “submeter o aluno a criar o seu próprio método de estudo, e a criar o hábito de estudar. A escola acreditava que o aluno ao sanar suas dúvidas prosseguia melhor seu aprendizado”. A maioria dos alunos questionados sobre o estudo obrigatório, afirmou que detestava este estudo. Sentiam-se cansados da rotina diária, com saudade dos familiares e em constante atividade.

No jornal *Procelária*, ano VII, um ex-aluno escreveu, não se referindo ao “estudo noturno”, mas ao tempo de estudo enquanto foi aluno da E.E.AR. “(...) 20 de dezembro de 1954. ...Uma data que ficará gravada indelevelmente na memória desses jovens que acabam de conquistar o pergaminho de conclusão de curso, fruto de estudos insanos, e sinônimo de mérito intelectual ( Jornal Procelária ano,VII).

### **3.3 Aula de Educação Física**

Na Europa, ao longo de todo o século XIX, a ginástica científica afirmava-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Exibe um corpo milimetricamente reformado, cujo porte sustenta uma simetria nunca antes vista. Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo ( SOARES, 2002, p: 17).

No século XIX, começou o culto ao corpo como uma “educação ao corpo”. Seguindo o pensamento de Soares, “os silêncios contidos nos gestos devem ser internalizados em posições e comportamentos”. A partir deste pensamento, a ginástica<sup>51</sup> passou a ser vista como portadora de preceitos e norma. A ginástica se constrói a partir de atributos masculinos: *força, agilidade, virilidade, energia têmpera de caráter*, entre outros. Surgem diferentes práticas corporais: *exercícios militares de preparação para a guerra, jogos populares, e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação esgrima, danças e canto* (SOARES, 2002 p: 20). Assim é compreendida a ginástica na sociedade europeia. Com sua prática, em diferentes lugares da Europa, surge o Movimento Ginástico Europeu, como expressão da cultura. Este movimento se constrói a partir do *cotidiano, dos divertimentos em festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia*” (SOARES,2002, p:18).

Esta cultura do corpo exigia princípios de disciplina coletiva, mas sua característica dominante estava no reino do entretenimento como, por exemplo, a ginástica circense, totalmente voltada para o riso. Portanto, esta ginástica, de difícil aceitação de princípios de ordem e disciplina, aos poucos foi tomando força e sendo aceita como educação dos indivíduos. Com a aceitação da ginástica pelos intelectuais foi mais fácil convencer a burguesia para uma ginástica disciplinar, já que esta queria ver a população observando preceitos e normas de bem viver. Quando os intelectuais, começam a estudar a ginástica, começam a dar um caráter científico a tal prática. O Movimento Ginástico Europeu foi o primeiro lugar de onde partiram as idéias denominadas hoje educação física. A partir desse movimento europeu, vários estudiosos da ginástica começaram a se pronunciar com mais veemência sobre a ginástica como prática séria, científica.

Segundo Soares, em seu livro *Imagens da Educação no Corpo*, Francisco Amorosos y Odeano nasceu em Valença, Espanha, em 19 de Fevereiro de 1770. Iniciou sua vida militar aos 9 anos quando ingressou no o exército. Foi secretário do rei da Espanha, Carlos IV. A base da educação de Amorosos foi a ginástica, a natação e a equitação. Na briga entre a dominação espanhola e napoleônica, francesa, Amorosos se posicionou do lado dos franceses, naturalizando-se francês. Em Paris, apresentou um estudo sobre o Método de Pestalozzi e iniciou seus empreendimentos para a criação de estádios. Amorosos era um estudioso da ginástica científica. Queria dar um valor de seriedade à ginástica e não apenas ginástica como

---

<sup>51</sup> A origem etmológica vem do grego *gymnikos*, adjetivo que é relativo aos exercícios do corpo e de *gimn*, elemento de composição culta que traduz a idéia do nu, despido, não coberto (...) (MACHADO apud SOARES p:20).

entretenimento. “*Nos escritos sobre a ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação dos elementos cênicos, funambulesco, acrobáticos, principalmente os espetáculos circense. Amorosos considerava que o corpo não deveria desperdiçar energia que não fosse para o trabalho e para a pátria. Embora a ginástica científica se ofereça como espetáculo “controlado” dos usos dos corpos, o espetáculo foi trazido para dentro das instituições: escolas, fábricas e principalmente na vida militar. Não se aceitava mais aquela ginástica voltada somente para a força bruta. Percebe-se uma ginástica controlada, de ações previsíveis, e que demonstravam que não realizam espetáculos para divertir e sim para serem úteis à pátria ou ao estado.*

As apresentações de ruas ou do circo carregavam imagens de uma herança grotesca. Estas espontaneidade circense fora reprimida pelo saber científico *que fazia renascer formas esquecidas da inteireza humana, despertavam imagens adormecidas, no coração dos homens* (SOARES,2002, p: 28).

Com Amorosos, a paixão pela cultura do corpo foi definitivamente despertada e se revelou um modelo de aprendizagem de ginástica coletiva. Com os estudos de Marey e Demeny, começou a aparecer a importância e a competência daquele que ensinava ginástica.

Marey e Demeny podem ser considerados fundadores da análise dos movimentos e da medicina desportiva contemporânea. Demeny e sua insistência na busca de vínculos entre a ginástica-educação física com a ciência, ainda hoje é uma questão em aberto na área. Em seus estudos, Demeny, mesmo seguindo os caminhos abertos por Amorosos, sendo o primeiro a chamar de ciência a ginástica, não aceita com facilidade a afirmação que *ginástica é a ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos.* (DEMENY apud SOARES,2002 p:96).

Demeny considerava que a doutrina da educação física deveria repousar sobre os resultados da mecânica, da física, da química e da biologia. Mostrava-se um homem deslumbrado com a ciência, dedicando-se a sistematizar as conquistas no campo da pesquisa do movimento (SOARES,2002,p:96). Demeny tratava de aproveitar as experiências inglesas no campo dos jogos, com seu caráter competitivo. Mas, observava com cautela o caráter competitivo, pois não concordava com uma ginástica competitiva para poucos. “A educação física se dirige a todos, aos fracos principalmente”( DEMENY apud SOARES, 2002, p: 97).

Demeny queria uma educação física não só para atletas ou aristocratas, mas, sim para toda a população, pois afirmava que o fraco era fraco, por não saber usar suas forças, ou não ter aprendido a usar suas forças adequadamente. Procurou dar um sentido nacional ao problema da educação física, buscando na ciência as possíveis soluções. Em suas prescrições

de exercícios físicos, Demeny sugeria que o sistema nervoso fosse imediatamente abordado, *pois todas as ações empreendidas pelo indivíduo estão sob o domínio deste sistema (SOARES, 2002, p: 102)*. E, afirmava também, que os movimentos executados assumiam uma relação com a necessidade e o estilo de vida de cada um. Para Demeny, dominada a técnica do exercício, qualquer movimento podia ser executado com o menor dispêndio de energia, facilitando assim a vida do indivíduo no trabalho. A fadiga para Demeny era o resultado de um *mau emprego das forças e de noções inadequadas de como usar o movimento (SOARES, 2002, p: 107)*. Para ele o ideal de beleza não era considerado absoluto, mas de forma, por reunir característica comuns às raças. Seu ideal de beleza era expressado como: *todo homem normal, gozando de boas condições de saúde e de força média, possui uma estrutura óssea sólida, simétrica, sem desvios; ele apresenta também músculos desenvolvidos e aparente sob a pele, espáduas carnudas e bem colocadas, o peito largo e bem aberto, o ventre volumoso e com paredes musculosas: esses são os atributos de beleza (SOARES,2002,p:110)*.

A disciplina Educação Física na EEAR despertou o interesse para a pesquisa de mestrado. Consultando a carga horária deparou-se com um quadro de 260 horas aulas de Educação Física, contra 200 horas de ordem unida, 64 horas de legislação militar II, 62 horas de língua portuguesa e bem menos horas aulas de qualquer outra disciplina. Um oficial que não quis se identificar, ao ser questionado sobre esta diferença, respondeu: “aqui é uma base militar e nós preparamos soldados para a guerra”.

Para Soares, “educação física dirige-se a todos, aos fracos sobretudo. Não é preciso restringir, com se faz muito freqüentemente, a educação física a simples prática-atléticas” (SOARES, 2002,op.cit. p. 97).

Contudo, para Foucault, o soldado se reconhece pelo porte, portanto, exige-se do soldado uma prática sistemática de Educação Física: “O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; (...) seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia. (...) O soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto fez-se a máquina que se precisa” (FOUCAULT,1977, p:125).

O físico do aluno da EEAR é o seu “cartão de visitas”, objeto e alvo de poder. Portanto, melhorar sua capacidade física para que seu corpo se torne forte e dócil, pronto para todas as atividades em tempo de paz e de guerra, parece ser o ponto principal de uma escola militar.

Janowitz, leva a refletir a importância que era dada à Educação Física, nas academias militares. O conhecimento do corpo e suas partes mais frágeis, os aparelhos das academias ou ginásios especiais para fortalecimento de cada músculo, e a relação feita imediatamente no

ingresso do aluno na academia, para turma dos fracos ou dos atletas. Ao entrar para uma academia, o atleta se submete a inúmeros testes e o atletismo, o mais requisitado.

O atletismo em massa é considerado como um meio de preparar o oficial para a tarefa de tratar os civis como soldados conscritos. Representa o atletismo analogia simbólica de envolvimento pessoal em combate. Por conseguinte, não foi por acaso que ambas as academias militares começaram a dar ênfase ao atletismo por volta do fim do século, quando tanto o Exército como a Marinha começavam a se converter em instituições em grande escala. A ênfase dada ao atletismo gradualmente se difundiu nos serviços e logo chegou aos praças. Seguindo o esquema de escolas superiores civis, um forte tom de semi- profissionalismo cercou a procura de bons atletas. De fato, a carreira militar exige considerável vigor físico. Uma instituição educacional estabelecida em torno do tema de vigorosa atividade atlética serve para atrair os fisicamente aptos e os inclinados para o atletismo. As cartas de um oficial da Marinha reformado a seu filho indicam a extensão em que o desenvolvimento físico tornou-se parte do currículo de Annapolis em certa época: Logo que você entra na academia, em coisa de meia hora o dinamômetro do ginásio mostra-lhe seu estado com relação a todos os grupos de músculos. Dez grupos são testados em cada braço, oito em cada perna, oito no tronco e três no peito. Naturalmente sua altura e peso são medidos, pois sua força total varia conforme o quadrado de sua altura em polegadas, e se você tem alguma deficiência em qualquer grupo além de certo limite, passa automaticamente para a "turma dos fracos". Seu cartão mostrará também qual aparelho, por número, você deverá usar no ginásio para corrigir suas deficiências de modo que possa passar pelo necessário teste do dinamômetro. Enquanto isso, é seu destino passar no ginásio, o tempo que seria utilizado para assistir ou praticar futebol, beisebol, ou atletismo. (... .) Fico satisfeito por ver em Annapolis que o equipamento do ginásio, de acordo com esse sistema sueco americanizado é utilizado para o bem e para o verdadeiro desenvolvimento físico de cada aspirante, exatamente como ele necessita. (...) Seja qual for o investimento do governo nesse desenvolvimento físico, ele o recupera no serviço futuro de cada oficial. A mecânica da doutrinação profissional é igualmente global. São ministrados cursos especiais de história militar, e a exposição do procedimento correto do militar profissional é parte essencial do treinamento acadêmico e tático. Contudo, é justamente o ambiente físico e histórico que produz as impressões mais duradouras nos alunos (JANOWITZ, 1967, op.cit., p: 133-134).

A Educação Física é um ponto crítico na vida do militar. O boletim do Ministério da Aeronáutica nº 1, de 31 de janeiro de 1952 página 360, capítulo IV, Seção de Educação Física, mostra quem era o chefe da Educação Física e o que ficava sob a sua responsabilidade<sup>52</sup>.

A educação física na E.T.Av. continuou seguindo a mesma linha do Exército brasileiro, e, segundo Runha, seguindo a metodologia de ensino francesa.

Por volta de 1900, o Exército brasileiro possuía um corpo de oficiais divididos em “tarimbeiros”<sup>53</sup> e oficiais científicos, formados nas escolas da Praia Vermelha, preocupados com a matemática e a ciência. Esse quadro foi se modificando, consideravelmente, modernizando-se e profissionalizando-se (...) a formação de oficiais passou por uma fase de predomínio dos aspectos profissionais e, com a reforma implementada por José Pessoa, comandante da Escola Militar entre 1930 e 1934, o padrão de socialização dos jovens

<sup>52</sup> Art. 232. O Chefe da Seção de Educação Física é um Capitão Aviador, em princípio, com curso especializado de Educação Física.

Art. 233. Ao chefe da Seção de Educação Física compete centralizar, orientar, dirigir e fiscalizar a prática da Educação Física de todos os elementos da Escola

<sup>53</sup> Tarimbeiro: estrado de madeira onde dormiam os soldados.

militares assumiu uma forma que permanece basicamente a mesma até hoje. O sorteio militar foi finalmente iniciado em 1916 e, nas décadas que se seguiram, o serviço militar temporário foi se tornando cada vez mais obrigatório para a maioria da população jovem, o que levou à modificação do perfil da tropa (Castro,1997, p: 2).

Segundo Castro (1997) com a vinda dos militares franceses ao Brasil no período compreendido entre as duas guerras mundiais, os termos doutrinários, organizacionais e de instrução foram alterados. Naquela época o Exército travou uma luta para conseguir implantar o serviço militar obrigatório na sociedade, dando assim uma idéia de nacionalidade e unidade a nação. Com o Exército surgiu também a introdução de forma sistemática e obrigatória à educação física no Brasil, na primeira metade do século XX. Com a idéia de que a educação física poderia atuar de forma positiva, no século XIX surgiram vários métodos nacionais desenvolvendo a importância da ginástica.

Com a derrota da França na guerra contra a Prússia, em 1870, houve um enorme interesse na educação física, exclusivamente com o propósito de preparar os cidadãos para a guerra. Na segunda metade do século XIX, a educação física foi dominada pelos militares franceses e caracterizada por seu marcante “espírito militar”.

Segundo Castro (1997) os métodos franceses de Educação Física sofreram várias modificações, e em 1932 surge o *Règlement général d'éducation physique* (Méthode Française), reimpresso em caráter definitivo. Em 1921, foi aprovado no Brasil o regulamento sistemático de instrução física militar e os militares brasileiros, calcados no projeto francês, passaram a usar o método francês no Exército.

A orientação francesa foi utilizada em toda a década de 20, e em 1929, o ministro da Guerra, general Nestor Sezefredo Passos, publicou um anteprojeto de lei tornando a educação física obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino, a partir de seis anos para ambos os sexos. O método francês continuou absoluto, e cada vez mais contava com novos cursos e adeptos.

A educação física crescia em todo o país consideravelmente, os militares davam atenção especial ao seu desenvolvimento, pretendendo uma homogeneidade e controle. Para conseguir seus objetivos, os militares conseguiram tornar obrigatória a educação física nas escolas. Assim, o Exército continuou influenciando, controlando e intervindo na realidade escolar. Mas não demorou muito para que o anteprojeto militar fosse duramente criticado pelos civis. A resistência era pelo fato dos militares invadirem as escolas marcando o “caráter militar”, a educação. Após várias reformas, apelos de modificações, em 1945, a educação física foi definitivamente institucionalizada no ensino civil. As vagas para a escola de

educação física do exército foram ampliadas para os civis com o objetivo de “uniformizar o método em todo o país”. (...) O comandante da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) afirmou, em novembro de 1914, que os alunos civis formados pela Escola, “além da preparação técnica especializada, adquirem no seu estágio no Exército uma formação cívico - moral, que os coloca em situação vantajosa para agir sobre as coletividades incutindo-lhes o espírito de ordem e disciplina. Com o Estado Novo, o domínio militar sobre a área da educação física atingiu seu ápice. A Constituição promulgada em 10/11/1937, tornou obrigatórios, pela primeira vez na história constitucional do país, os exercícios físicos em todos os estabelecimentos de ensino (artigo 131 e 132). O “adestramento físico” era mencionado como forma de preparar a juventude para “o cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação” (CASTRO,1997, p:11).

A educação física militar com método francês manteve-se entre os civis, (...) o primeiro diretor da Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, Carlos Sanches de Queirós, em conferência pronunciada em 30/10/1941, criticou diversas vezes a forma “nada educativa” como a educação física e o esporte vinham sendo tratado pelas associações civis: “a atitude descontrolada e pouco digna que freqüentemente se observa nos campeonatos inter clubes, tanto por parte dos jogadores, como por parte do público que os assiste, é uma prova irrefutável do fracasso destas agremiações como entidades educativas” (cf. Castellani Filho, 1991:35-6). Esse quadro justificava, a seu ver, “fecundo e honesto núcleo de trabalho e catequese” representado pela Escola de Educação Física do Exército (CASTRO,p:13-14).

A hegemonia militar na área de educação física durante o Estado Novo foi intensa. A maioria dos professores era militar, outros civis, porém formados por militares na Escola de Educação Física do Exército.

As aulas na EEAR eram ministradas por professores civis e militares, que promoviam as “Olimpíadas Esportivas”, vistas com bons olhos pelos oficiais. Segundo Runha, o esporte era bem difundido e os torneios entre as companhias dividiam-se em: futebol de salão, basquete, vôlei, atletismo, com forte disputa entre os grupos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relatou um pouco da história da Escola de Especialista de Aeronáutica, assim como de vários sujeitos envolvidos, mais diretamente os alunos da escola.

Esta pesquisa remete a década de 40, sendo necessário entender a formação da E.T.Av e em que bases foram feitos os contratos norte-americanos com o governo brasileiro.

Todos os autores de livros apresentados nesta dissertação foram valiosos para a compressão desta instituição militar, sendo Janowitz o mais consultado, por revelar o funcionamento e os problemas das instituições militares com clareza e riquezas de detalhes.

Observa-se que, da inauguração da E.T.Av, em 1944, até o último contato com os norte-americanos, a Aeronáutica sofria de uma fragilidade tecnológica, sendo forçada a aceitar em caráter de urgência contratos “leoninos” entre norte-americanos e governo brasileiro.

Contudo, percebe-se que aos poucos e com muita cautela os militares brasileiros foram mudando, e invertendo esta situação.

O primeiro contrato, além de oneroso para o Brasil, foi difícil, pois a ETAv estava totalmente sob comando americano. No segundo, define-se uma pequena mudança, e, no terceiro contrato, percebe-se a inversão da situação: os americanos recebiam um valor declarado justo aos cofres da nação e o comando da escola estava quase totalmente na mão dos militares brasileiros. Neste último contrato, os norte-americanos deveriam somente transmitir tecnologia.

Com o término dos contratos em 1948, a Aeronáutica já estava procura de outro lugar para a E.T.Av. se estabelecer, pois o local em que fora implantada sua sede não comportava um contingente grande de pessoas e cursos, e pertencia ao governo do Estado de São Paulo.

A pesquisa proposta sobre a E.E.AR., em Guaratinguetá, no período de 1950 a 1955, bem como da vida no quartel para um jovem muitas vezes de família menos favorecida, deixa a certeza que ainda falta muito a ser pesquisado.

Esta pesquisa se consolidou no tripé:

- Política, contratos norte-americanos e governo brasileiro.
- O cotidiano dentro de uma instituição militar fechada.
- Educação militar: estrutura, currículos, horários, disciplina. Alunos: estudante ou soldado?

Dentro deste tripé esta pesquisa foi timidamente tomando corpo, e consolidando-se em um material rico para a compreensão de um período crítico da Aeronáutica.

No pós-guerra na década de 40 foi primordial para a aviação uma tomada de decisão para a dominação brasileira de novas tecnologias.

A decisão de criar a E.T.Av teve conseqüências positivas e negativas para o Ministério da Aeronáutica.

Positiva porque a Aeronáutica pôde crescer com competência e tecnologia avançada de seus especialistas, tornando-se hoje o maior estabelecimento do gênero na América do Sul, recebendo alunos inclusive de outros países como: Peru, Equador, Cabo Verde, Angola.

Os pontos negativos surgiram com a insatisfação dos militares brasileiros em se curvarem ao comando americanos. Naquele período, a Aeronáutica precisava da tecnologia americana ou estaria fadada a operar somente em terra, o que seria um transtorno e um sentimento de fracasso enorme para os aviadores.

Contudo, ficou claro nos documentos apresentados que os brasileiros habilmente souberam levar esta situação e que os norte-americanos, num espaço de tempo muito curto, perderam o comando e passaram a professores, ensinando tecnologia aeronáutica.

Com toda a dificuldade da transferência da EEAR. para Guaratinguetá, acredita-se que foi um momento importante para a cidade. O embate entre a elite ruralista e política, foi crítico. De um lado a elite ruralista que vivia de um tradicionalismo que começava a se quebrar e que não queria soldados no local, de outro lado, os políticos partidários da situação, a favor dos militares.

As discussões nos mostram também a força política do Prefeito André Broca Filho, que mesmo se prejudicando nas eleições seguintes, manteve sua opinião de que a E.E.AR. seria uma das saídas para o desenvolvimento da cidade.

Neste embate sobre a transferência da Aeronáutica para Guaratinguetá, e consumado o fato, voltou-se o olhar para o esforço e a insistência destes militares, que enfrentaram uma verdadeira luta contra a rejeição militar da cidade.

Na vida cotidiana dentro do quartel, foram observados:

O funcionamento daquela instituição fechada e todos os movimentos necessários à dominação dos militares em relação à disciplina, mola propulsora do militarismo.

Os meandros que se fizeram necessários para a inculcação de uma nova identidade, esta cercada por doutrinação, disciplina, detalhes diários, e modelagem de um corpo forte e elegante para servir a Pátria.

Quanto aos alunos e suas vidas dentro de um quartel, percebe-se que:

1- os alunos que conseguiram se formar e isto foi a grande maioria, naquele período, com pouquíssimas desistências, questionados se fariam tudo novamente, responderam que sim,

deixando a pergunta: será esta aceitação fruto de uma boa inculcação militar ou realmente a EEAR exercia um fascínio na vida dos militares?

- 2- Questiona-se esta caminhada militar em 1950, pois o militar formado técnico era requisitado para trabalhar na indústria, em troca de um bom salário. Fica aí um convite para novas pesquisas, será fascínio pela FAB, será a garantia de uma vida segura?

São muitas as histórias contadas pelos alunos dentro de uma base militar. Em todas as entrevistas com ex-alunos e oficiais, não houve relatos de violência pessoal, e para eles qualquer tipo de violência física era repudiada.

Outros aspectos mais pertinentes ao trabalho que levaram a refletir sobre a E.E.AR, como: o bem-estar do aluno, a inculcação da identidade militar, a amizade duradoura dentro de um quartel, como a doutrinação era vista por eles.

Na educação, observou-se a estrutura curricular, disciplinas, horários.

Persistiu a dúvida sobre a legalidade dos cursos: se eram alunos estudantes de uma força militar, por que o Ministério da Educação e Cultura, MEC, não reconhecia o curso? Se os alunos eram soldados, por que chamá-los de alunos-estudantes? Esta definição me pareceu dúbia e sem clareza para os próprios militares.

O programa rígido de ensino somou disciplina, com total hierarquização do esforço mental agregado ao esforço físico, que gerou um perfil técnico em busca da excelência, que deu contorno ao futuro patamar, da EEAR, principal estabelecimento de ensino militar da América Latina.

O período compreendido entre 1944 a 1955 foi para a EEAR o ponto de partida para a formação da identidade do estabelecimento de ensino, que o Ministério da Aeronáutica colimava, com vistas à demanda na área da aviação nacional, decorrida do choque da Segunda Guerra.

Com o fim do conflito bélico entre os países aliados e as forças do Eixo: Alemanha, Itália e Japão, a tutela tecnológica americana foi orientada pela desativação de estratégicas bases militares fincadas na América Latina, colocando-nos numa alternativa de auto-desenvolvimento industrial- tecnológico, na busca de conquistas hegemônicas aéreas.

Com o abandono de algumas bases militares pelos americanos, no pós-guerra, e a desmotivação com a carência de recursos financeiros, sinalizou para a opção do ensino especializado no segmento aeronáutico nacional, em Guaratinguetá, município paulista que não aderiu de pronto ao projeto.

O plano estratégico se pautou no objetivo básico de formar especialistas e operadores da arma da Aeronáutica, majoritariamente sargentos. Todos os alunos após formados eram

remanejados para as unidades militares em todo o País, garantindo desta forma mão de obra moderna, eficiente e homogênea.

As entrevistas selecionadas dentro do universo de ex-alunos da EEAR contêm pontos comuns de marcantes satisfação pessoal, bem como de realização profissional.

Os relatos dos ex-alunos e oficiais convalidaram a história da instituição militar, no ensinamento de Janowitz de que:

“a profissão militar é mais que uma ocupação, é todo um estilo de vida “( 1967,p:175).

O militar faz parte de uma comunidade restrita, logo, com muitas exigência. Para que ele pudesse funcionar com eficiência, era preciso agregar submissão e capacitação profissional.

As formaturas também estão no contexto militar como reconhecimento de um período difícil, cheios de nuances, esforço pessoal e desafios. Acontecidas duas vezes ao ano, na EEAR, refletem a certeza de que o Ministério da Aeronáutica teve em Guaratinguetá o início de uma filosofia: auto-suficiente como ponto de partida para uma conquista tecnológica que o Brasil hoje desfruta.

## ARQUIVOS E BIBLIOTECAS CONSULTADAS

Arquivo da Escola de Especialistas de Aeronáutica (AEEAR)

Arquivo Particular do Historiador Francisco Fortes (APHFF)

Biblioteca da Escola de Especialistas de Aeronáutica (BEEAR)

Biblioteca Guiomar Pereira da Rocha da Prefeitura Municipal de Guaratinguetá (BPMG)

Museu Frei Galvão Arquivo Rangel Camargo. Projeto de Lei, Imprensa Oficial, 1949 (MFG)

Museu Frei Galvão de Guaratinguetá (MFG)

## BIBLIOGRAFIA

### 1- FONTES PRIMÁRIAS

#### 1.1 Documentos do Arquivo da EEAR

- Boletins da Escola de Especialistas de Aeronáutica de 1949 a 1955
- Escola Técnica de Aviação, *Memorial Histórico da E.T.Av.*, 1945. (AEEAR)
- Histórico da EEAR, Período de 25/03/41 a 01/07/66 Volume I
- Relatório Anual da Escola de Especialistas de Aeronáutica de 1952, 1954 e 1955
- Regulamento para Instrução e Serviço Interno dos Corpos do Exército, Capital Federal, Imprensa Militar, 1909.

#### 1.2 Jornais, Revistas, Apostilas

- Correio Paulistano, Jornal de Guaratinguetá, 29/10/1949 (MFG)
- Jornal de Guaratinguetá, 05/11/1949 (MFG)
- Coleção Anglo, livros texto 1 e 2(2º grau) São Paulo, 1991
- Jornal Diário de São Paulo 29/10/1949 (MFG)
- Jornal Procelária: Ano VII, novembro e dezembro, 1945 (BEEAR)
- Revista, O Especialista, Nº 34, Ano XX (BEEAR)
- Revista do Serviço Público, Separata, *A Escola Técnica de Aviação do Ministério da Aeronáutica em São Paulo*, Ano VIII, vol. III, N° 2, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1954. (AEEAR)

## 2 Fontes Secundárias

### 2.1 Livros

ANJOS, G. A., A Escola Técnica de Aviação do Ministério da Aeronáutica em São Paulo, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1954

BANHA, P. M. *História do Estado Maior das Forças Armadas*. Brasília, 1987

BARACHO, S. G. *Síntese da Bibliografia de André Broca Filho*, Guaratinguetá, 2001

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CASTRO, C. *In corpore sano-os militares e a introdução da educação física no Brasil*. Antropológia, Niterói, RJ, nº2,p.61-78, 1ºsem.1997.

CAVALCANTI, B. L. *Trajetória Especialista*, Brasília, Ideal, sem data.

CARVALHO, M. M. C., *Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação*. EDUSF, 1998.

COELHO, B. C. M., *O processo Político em Guaratinguetá 1930-1990*. São Paulo. Gráfica e Editora Dias Ltda,1990.

COELHO, B. C. M. *A História de Guaratinguetá no período Colonial*. Lorena, SP:HL2, 2003.

DARNTON, R. *O grande massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ESCOLA DE ESPECIALISTAS DE AERONÁUTICA, Regulamento Específico do Ministério da Aeronáutica, Regulamento Disciplinar, SP: Hamburg Ltda,1975.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1977

GOFFMAN, E. *Manicômio, Prisões e Conventos*, São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1961.

HERSCHMANN, M *Missionários do Progresso*, Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

HOBBSAWM, E. *Pessoas Extraordinárias Resistência, Rebelião e Jazz*, SP: Paz e Terra,1998.

JANOWITZ,M. *O Soldado Profissional Estudo Social e Político*, Rio de Janeiro: Edição GRD, 1967.

JUNIOR, L.M.A.; COSTA, M.J.R. *Dois Olhares sobre a Formação de Agentes de Educação Rural na Escola D. Luiz De Castro*, Braga, Portugal, 1957-1977.

- LAVENÈRE-WAANDERLEY, N.F. *História da Força Aérea Brasileira*, 1975
- LENHARO, A, *Sacralização da Política*, Campinas, 2º ed, São Paulo, Papyrus,1986
- LE GOFF, J. *História e Memória* Editora da Universidade Estadual de Campinas,1996
- LE GOFF, J. *Documento/ Monumento*. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. I *Memória da História*: Imprensa Nacional, 1984.
- MENDONÇA, S. *A industrialização Brasileira*, São Paulo, Moderna Ltda, 1995.
- MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA *Atos do Governo ( decretos- leis e decretos )* 1950, Rio de Janeiro, Imprensa Técnica da D. M. 1951.
- PEREIRA, L.M.L. ; FARIA, M.A.; *O Último Pioneiro do Ar. O vôo do Brigadeiro Doorgal*, Belo Horizonte, C/Arte, 2002
- SCHWARTZMAN, S. *Tempos de Capanema*, 1939, São Paulo, Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas,2002
- SILVA, M.A.F.A. *Educação de Mulheres no Vale do Paraíba*. Colégio do Carmo: 1892-1910-São Paulo, Digital Print, 2001
- SOARES, C.L. *Imagem da Educação no Corpo: Estudo a Partir da Ginástica Francesa no Século XIX*. Campinas SP, Autores Associados, 2002
- XAVIER, L. N. *Para Além do Campo Educacional: Um Estudo Sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*, Bragança Paulista, EDUSF, 2002.

## **2.1 Dissertações**

- ROCHA, José Fernando T., *Práticas Sociais e Pedagógicas no Asilo dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo 1896- 1950*, Dissertação de Mestrado, Itatiba, 2005
- ZAITUNE, Vera Helena R., *Cenas de Sala de Aula no Brasil Oitocentista: a educação em domicílio sob a ótica de duas preceptoras*, Dissertação de Mestrado, Itatiba, 2004
- HAYASHI, Marli Guimarães, *A Genese do Ademarismo*, 1938-1941, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 1996.

## 2.2 Sites

[www.casaruiarbosa.gov.br/lia\\_calabre/main\\_participação.html](http://www.casaruiarbosa.gov.br/lia_calabre/main_participação.html)

[www.adhemar.debarros.nom.br/primogov.html](http://www.adhemar.debarros.nom.br/primogov.html)

**ANEXO**

- Anexo 1 Documento: sobre a transferência da EEAR
- Anexo 2 Documento: nomes de militares que vieram para Guaratinguetá
- Anexo 3 Documento: material da transferência
- Anexo 4 Documento: perguntas para entrevista escrita.
- Anexo 5 Documento: Termo de Ajuste
- Anexo 6 Documento Ante-Projeto de Termo de Contrato
- Anexo 7 Documento Jornal da ETAV - Papel Pega Mosca
- Anexo 8 Documento Diário Oficial - Entrega da Escola de Agricultura a Aeronáutica

## ANEXO 1

D. 27.879 - Transfere a sede da Escola de Especialistas de Aeronáutica e da Escola Técnica de Aviação e dá outras providências. 13-3-950 (D. O. de 16)

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição Federal, e de acordo com a letra *b* do art. 1º. e o art. 26 do Decreto-lei n.º 9.888, de 16 de setembro de 1946, decreta:

Art. 1º. Fica transferida para a cidade de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo, a sede da Escola de Especialistas de Aeronáutica, que utilizará as instalações da Escola Prática de Agricultura, cedidas ao Ministério da Aeronáutica, na conformidade do convênio assinado entre esse Ministério e o Governo do Estado de São Paulo, em 6 de outubro de 1949.

Art. 2º. É transferida para a cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, a sede da Escola Técnica de Aviação, que funcionará na parte sudoeste da Base Aérea de Parnamirim.

Art. 3º. Até que seja dada nova Regulamentação às Escolas de que tratam os artigos anteriores, o Ministério da Aeronáutica baixará instruções provisórias para o funcionamento das mesmas, enumerando os cursos que funcionarão em cada uma delas.

Parágrafo único. Os cursos a que se refere este artigo são os que ora funcionam na Escola Técnica de Aviação, em São Paulo, e na Escola de Especialistas de Aeronáutica, no Galeão, acrescidos, ou suprimidos, os que forem do interesse da Aeronáutica e distribuídos todos pelas duas referidas Escolas, obedecida, ou não, a distribuição atual, na conformidade das conveniências do aludido Ministério.

Art. 4º. O Ministro da Aeronáutica providenciará a redistribuição das verbas orçamentárias que, em virtude do presente Decreto, se fizer necessária e expedirá instruções para a transferência das Escolas

Art. 5º. Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 6º. Revogam-se as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 13 de março de 1950, 129º. da Independência e 62º. da República Eurico G. Dutra Armando Trompowsky

## ANEXO 2

Fl. 3362

(cont. do Bol. nº 263 de 19 de Novembro de 1949 - E.T.Av.)

(...) III - DESTINO DE SARGENTO, ALUNOS E PRAÇAS: Deverão seguir no próximo

dia 23, quarta-feira, para a cidade de Guaratinguetá, onde vão permanecer fazendo parte do Contingente daquela localidade, os:

3S Q. IG. FI - LÁZARO ARANHA DA FROTA, FRANCISCO ALVES DA SILVA – 3S Q.EF VICENTE GOMES DE OLIVEIRA;

Aluno: 49-62-280 - BENEDITO GALHARDO DE NORONHA, 49-62-277 - DILMO CORDEIRO, 49-62-279 NELSON GONÇALVES, 49-62-285 - ACACIO DE TOLEDO, 49-62-281 FERNANDO COSTA, 49-62-287 ALDO ROMEU MARIANO, 49-62-286 AIMAR ANDRETTE, 49-62-284 EUSEBIO SIMONE, todos da 2ª. Esquadilha; 49-62-290 AMIRES BENITO CAMILO, 49-62-294 BRAZ WILSON MAXIMIANO CARVALHO, 49-62-296 CELIO GOMES PEDOTT, 49-62-297 DELIO CARLOS JOSE BIAGIONE, 49-62-295 CARLOMAN TATAGIBA DE AZEVEDO, 49-62-302 HEINZ HEINRICH FRIEDRICH BIEDERMANN, 49-62-305 HUGO OLIVEIRA, 49-62-306 INJO HOKAMA, 49-62-310 JOSÉ CARVALHO e 49-62-307 VICENTE DO NASCIMENTO NETO, todos da 3ª. Esquadilha; 49-62-307 VICENTE PUGLIA, 49-62-312 JOSÉ MARA REIS LANGE, 49-62-313 JOSÉ MIGUEL MACHADO PACHECO, 49-62-211 SEBASTIÃO DA CONCEIÇÃO, 49-62-205 ALUYZIO CORREA CAMPELLO, 49-62-314 JOSE PIRES DE AGUIAR, 49-62-208 JOSINO VICENTE FERREIRA, todos da 4ª. Esquadilha; 49-62-328 PLINIO BARBOSA DA SILVA, 49-62-322 LUIZ SINIDEI PILLI, 49-62-247 ELOY FERREIRA DA ROCHA, 49-62-330 ROMALDO KULIKOVSKI, 49 - 62-329 RENAUD DA CÂMARA REVOREDO, 49-62-323 MILTON FRANCISCO DOS SANTOS, 49-62-315 JOSE RAIMUNDO FONSECA, 49-62-409 HILDO NASCIMENTO, 49-62-316 JOSE REYNALDO ORTIZ, 49-62-321 LUIZ LOPES DE ANDRADE e 49-62-327 PAULO DUARTE, todos da 5ª. Esquadilha. ( Não me foi possível saber ao certo quantos alunos eram da 5ª esquadilha.

Praça: S2 Q.IG.FI - 49-62-722 NELSON MAURICIO

## ANEXO 3

2703

(cont. do Bol. n.º 232 de 29 de Outubro de 1951 – E.E.Aer.)

Intendência: CARGA DE MATERIAL – Transferência

I – Seja transferida da carga desta Escola para o Destacamento de Guaratinguetá, o material que pertencera a Secção de Diversões a saber:

CLASSE – 78 – Harmônica Paolo Soprani c/estojo.....	um par
Violão marca Del Vecchio c/capa.....	um par
Requinta de ébano c/estojo.....	um
Violino com arco e estojo.....	dois
CLASSE – 78 – 02 – 02 – Piston Rex Weril Lmta em Sib.....	um
CLASSE – 78 – 04– 01– Cavaco banjo c/fundo resenador e estojo.....	um
Banjo tenor c/fundo resenador e estojo.....	um
CLASSE – 78 – 04 – 02 – Cabaça mole.....	uma
CLASSE – 78 – 04 – 04 – Clarineta de ébano c/13 chaves em Sil e estojo m/Condor.....	uma
CLASSE – 78 – 06 – 01 – Saxofone em Mib. c/estojo.....	um
CLASSE – 78 – 07 – 03 – Saxofone em Sib. c/estojo.....	um
CLASSE – 78 – 04 – 08 – Pandeiro de tarraxa.....	um
CLASSE – 78 – 04 – 9 – Trombone de vara Condor.....	dois
CLASSE – 78 – 1 – 09 – Trombone em dó Condor .....	um
Trombone em fá c/estojo.....	um
CLASSE – 78 – 1 – 02 – Flauta B hemer c/15 chaves e estojo.....	uma
CLASSE – 78 – ..2 – 01 – Piston Condor c/estojo.....	dois

Solução à parte n.º 408 – C.G. de 18 de outubro de 1951, de Ten Int. Adjunto do S.I.

2) Seja transferido da carga desta Escola para o Destacamento de Guaratinguetá, o material que pertencera a 5ª. Esquadilha, a saber:

CLASSE – 34 – Camas dupla de madeira.....	30
Armário duplo de madeira c/espelho.....	15
CLASSE – 76 – Colchões de algodão.....	60
CLASSE – 25 – Armário de aço marca “NEVE” n.º. 13.055.....	1
Cadeira simples de madeira n.º. 723.....	1
Escritaninha de 7 gavetas n.ºs. 1916 e 12.389.....	2
Poltrona giratória n.ºs. 9798 e 8761.....	2
Almofada de pano de couro.....	2

3) Seja transferido da carga desta Escola para o Destacamento de Guaratinguetá, o material que pertencera a 4ª. Esquadilha, a saber:

CLASSE – 34 – Armário duplo de madeira liso c/espelho.medindo:2x1, 30x0,50.....	2
Camas dupla de madeira.....	2
CLASSE – 76 – Colchões de algodão de capim.....	4
CLASSE – 25 – Armário de aço marca “NEVE” n.º. 13.055.....	1
Travesseiros de algodão.....	4

4) Seja transferido da S.5/III (Registro) para o seguinte material:

CLASSE – 34 – Escritaninha com quatro gavetas .....	uma
-----------------------------------------------------	-----

Solução à parte n.º 421 . C.G. de 19 de outubro de 1951, do 1º. Int. Adjunto da S.I.

5) Seja transferido da carga desta Escola para o Destacamento de Guaratinguetá, o material que pertencera a 1ª. Esquadilha, a saber:

CLASSE – 71 – Cobertores de lã marrom.....	30
--------------------------------------------	----

## Anexo 4

Nome:

Assinatura:

Posto Atual :

Data:

- 1- Como você descobriu Guaratinguetá e a Escola de Aeronáutica: acaso, amigos... como foi?
- 2- Qual seu pensamento inicial quando aqui chegou: ficou assustado, deprimido ou eufórico?
- 3- Como era a cidade quando você chegou, quais as lembranças visuais desse tempo? Como era a cidade naquele tempo? O que mais lhe marcou ou chamou a atenção?
- 4- A cidade te recebeu bem? A cidade lhe agradou?
- 5- Como era a “escola” naqueles tempos?
- 6- Quem eram os professores, os que mais marcaram, o mais amigo, o mais rígido?
- 7- Qual era o oficial mais amigo ? E o mais temido? Fale sobre seu comandante ?
- 8- Desse gente toda, quem mais o influenciou positivamente? Porque?
- 9- Quais eram as principais matérias estudadas? A mais difícil? A mais prazerosa?
- 10- Como e quando você decidiu a respeito da sua especialidade/ Por que?
- 11- Você se realizou com sua escolha?
- 12- Se tivesse que começar tudo de novo, faria igual ou diferente?
- 13- Se diferente, como e por que?
- 14- Cite 3 grandes colegas de turma.
- 15- Conte alguma história interessante com relação a sua turma e seus colegas.
- 16- Como foi a sua formatura? Onde? Como? Que lembranças tem dela?
- 17- Qual foi a primeira unidade de serviço, após a formatura? Por que dessa escolha?
- 18- E as outras unidades?
- 19- Que grande lição e escola te deu para a vida?
- 20- O que de bom e de ruim você viu aqui? Se fosse o comandante de tudo, o que faria ontem para um aprimoramento?
- 21- Você recomendaria o seu caminho para o seu filho?
- 22- Ser militar é ser antes de tudo, o que? Como o militar vê o civil?
- 23- Faça um quadro da política da época em Guaratinguetá, em São Paulo e no Brasil.
- 24- Como eram as moças daqui, no seu tempo? Existia uma grande musa?
- 25- As famílias da cidade aceitavam bem um namoro com um militar?
- 26- O ensino militar era bom? Por que? O que poderia ser aprimorado?
- 27- O que você aprendeu aqui, é compatível com o mercado fora?
- 28- O militar, por ser formado em escala de hierarquia, por estar sempre sendo mandado, por estar sujeito sempre a um regulamento, como vê isto?
- 29- Se você pudesse conversar com a “escola de aeronáutica” – se ela fosse um ser humano, o que você diria a ela, naquele tempo?
- 30- Fale sobre o alojamento: camas, arrumação etc.
- 31- Fale sobre a religião dentro da EEAR. E o capelão, como era visto por você.
- 32- Que horas era a alvorada? Fale sobre ela.
- 33- Quantas formaturas eram por ano, naquela época?.
- 34- Conte um pouco sobre “Doutrina Militar” .
- 35- Comente sobre disciplina , castigo, desligamento .
- 36- Fale sobre ensino , matérias, horários, aulas, currículos, metodologia.
- 37- Fale sobre aula de Educação Física. Era muito “puxada”?

- 38- “Sociedade Corpo de Alunos” existia na sua época? Se não, quem representava os alunos?
- 39- Como era o refeitório, horários das refeições.
- 40- Você tem documento , cartas, telegramas revistas, jornais, diploma, certificado, documentos de nota, carta de namorada , mãe , pai , dessa época que possa ser anexado a este trabalho?
- 41- Fale sobre a implantação da EEAAer em 1950, aqui em Guaratinguetá.
- 42- Comente sobre lazer , cinema, piscina .
- 43- Fale sobre a quarentena, era muito rígida , como você se sentiu longe dos seus familiares, tão jovem?.
- 44- Fale sobre a obediência militar , é cega ou maleável?
- 45- Fale sobre o Clube Santos Dumond na cidade, os bailes eram bons?
- 46- Fale sobre as moças da cidade, polêmica ou aceitação ?
- 47- O que era preciso para o exame de seleção , qual a escolaridade exigida?
- 48- Comente sobre a “Ordem Unida”.
- 49- Quando foi o 1º concurso para professor? Fale sobre os professores
- 50- Fale sobre o programa de rádio “especialista no ar” da Radio Clube.
- 51- Fale sobre o aluguel do “Cine Urânio” na cidade para os alunos apresentarem peça de teatro.
- 52- Como era o uniforme da sua época? Com vocês o recebiam, quais eram os modelos?
- 53- Porque o nome Coca Cola? Como e onde eram feito os uniformes?
- 54- Salário ou ajuda de custo. Era bom ou pouco?
- 55- Por que vinham mais cariocas e nordestinos. Poucos paulistas e sulista?
- 56- Como era a saída do aluno na sexta feira, depois de uma semana de muitas atividades?
- 57- Conte alguns fatos pitorescos e algumas lembranças importantes.
- 58- O que você considera relevante ser contado para que este trabalho retrate a vida dos alunos da EEAAer na década de 1950?
- 59- Você autoriza a publicação de suas resposta neste trabalho de Mestrado?
- 60- Por que você escolheu a carreira militar: vocação, exemplo familiar, necessidade, acaso, ou, todas as anteriores?